



CRISTINA
FRENTZEN

CLUBE DE
Vênus

MODO
ESPECIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Cristina Frentzen

Clube de Vênus

MODO Editora Tradicional
2013

*Viajo no teu corpo. Só teu corpo?
Mas quão breve seria essa viagem
Se no limite dela a alma nua
Não me desse do corpo a certa imagem.*

- José Saramago

*Dedicado a todos e todas
que se permitem amar
sob o manto infinito
da imaginação.*

1ª Temporada

Sumário

PRÓLOGO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

“Como reconhecer a anatomia de um gozo?”

Aquela pergunta ainda martelava na cabeça de Tom Esquivel. Ele estava lá, seus joelhos dormentes de encontro ao chão que outrora parecera macio, mas agora o lastimava. Não sabia precisar quantos minutos já haviam se passado desde que acordara, entorpecido pelo efeito do sedativo injetado em sua veia. Recordava-se do Maître que lhe servira a injeção em uma bandeja de prata. *“Para o caso de o senhor querer fazer em si mesmo”*, a voz firme e educada avisou, postando-se atento ao lado de Tom, enquanto este pressionava o braço em busca da veia perfeita. A escuridão veio e a ela se seguiu uma nova, pois seu despertar não elucidou qualquer coisa, além de seu corpo nu em posição fetal de encontro a um chão de feno. Sim, e a máscara.

Preso à sua cabeça como um capacete, a leve peça de porcelana parecia mergulhá-lo em outra realidade.

O frio no aposento escuro foi rapidamente dissipado por um calor intenso, e tal mudança de temperatura fez com que todo o seu corpo relaxasse, exceto seu pênis, que imediatamente enrijeceu.

“Ajoelhe-se.”

A voz surgiu de todo lugar e lugar nenhum. Era feminina, rouca e pausada, como se as palavras a serem pronunciadas tivessem que disputar com o leve ofego que marcava sua respiração.

Como Tom não obedeceu, a voz insistiu, dessa vez em um tom mais imperativo:

“Doutor, ajoelhe-se.”

Havia um microfone, sem dúvida. O som era típico de uma caixa de som média, um alto-falante talvez, ainda que a voz baixa fosse semelhante a um sussurro amplificado. Tom concentrou-se em si e obedeceu. Colocou-se de joelhos, voltando a ter controle sobre seu corpo. Ao menos, parte dele. Um cheiro de estreme e madeira úmida conjugou-se à sensação do feno grudado ao seu corpo despido. Sentia parte da forragem grudada às suas costas, nádegas. Ao seu braço esquerdo.

Permaneceu de joelhos por um tempo, em um silêncio tão profundo que podia ouvir seu coração desregulado, ansioso. Tom não se lembrava de já ter sentido medo antes, mas aquela situação o assustava um pouco. Por alguma razão, não tentou levantar-se. Sabia que ao tomar o sedativo horas antes, escolhera voluntariamente o caminho que era também submissão, pois só através dela conseguiria o que realmente queria.

E estava muito perto disso agora.

Depois de vários minutos, uma luz acendeu no alto do aposento, bem acima de sua

cabeça. Tom olhou por reflexo para cima, mas a iluminação, provinda de algum tipo de holofote, era intensa e não o deixava ver nada para além dela. A máscara também não ajudava muito, firmemente fixada, como se tivesse sido feita para encaixar-se de modo perfeito ao seu semblante. Tom voltou sua atenção para o lugar e notou que era mesmo feno no chão. Cobria todo o aposento visível aos seus olhos, e após observar as colunas de madeira e vários apetrechos pecuários espalhados por todos os lados, Tom deduziu estar em um celeiro. *Ou um estábulo*, ele precisou, lembrando-se das coisas que havia lido e visto. Sim, havia baias e selas atiradas no chão. *Era mesmo um estábulo.*

Sorriu sob a máscara sem expressões.

Na parte do aposento que permanecia pouco iluminada, uma silhueta destacou-se pelas curvas das pernas nuas. A luz permaneceu em Tom, mas pouco a pouco sua companhia no estábulo se tornava cada vez mais nítida. Uma mulher, totalmente despida, usava apenas uma máscara de porcelana que lhe cobria todo o rosto e parte dos cabelos castanhos longos. As curvas de seu corpo e o desenho de seus seios, parte tocados pela luz, parte envolvidos pela escuridão, faziam dela a própria deusa.

Vênus.

A voz feminina surgiu novamente no estábulo, dessa vez de forma natural e próxima.

“Agora, Doutor, vamos começar... Porque eu só me excito se você rastejar.”

E só de imaginar que apenas alguns dias antes, Thomas Esquivel levava uma vida normal e pacata, onde excitação era, literalmente, o menor dos problemas.

A Range Rover preta que dirigia parou diante da calçada em obras do Hospital Universitário de Nova Suburbia e permaneceu ali por alguns minutos. A reforma que vinha se desenvolvendo no Casarão Principal há meses buscava fazer jus ao que o HUNS representava para uma das maiores e mais prestigiadas instituições de ensino de todo o continente americano, a Universidade de Nova Suburbia, UNS. Tratava-se de um grande conjunto arquitetônico de faculdades das mais diversas especialidades, todas reunidas em um único e imenso campus que se confundia com a própria cidade litorânea de Nova Suburbia. Seus habitantes costumavam dizer que não havia vida em Nova Suburbia que não envolvesse a suntuosa universidade. Em cada esquina, cada negócio, era possível perceber a influência que a UNS exercia sobre o desenvolvimento local, de tal maneira que Nova Suburbia não se incomodava em ser conhecida como a “cidade universitária de Nova Suburbia”. Por certo, todos tinham consciência de que os fundadores da Universidade eram os primeiros moradores daquela região e eram, eles próprios, os fundadores da cidade.

De todos os atrativos da Universidade, o HUNS se destacava por sua grande importância no cenário médico a nível nacional. O amplo Centro Cirúrgico Universitário, ou CCU, como passara a ser popularmente conhecido, era reconhecidamente o mais bem equipado em todo o continente e atraía médicos de todas as partes do mundo. Poucos, no entanto, angariavam a chance de trabalhar na fantástica equipe do HUNS, que se distribuía entre quatro grandes construções no *campus* universitário. A mais antiga, formada pelo Casarão Principal, onde tudo havia começado há quase 200 atrás, era a área de acesso para internações e visitas e ficava próxima à principal avenida do *campus*, a qual seguia em frente até o amplo e badalado píer da cidade, na Praia dos Ventos. O lugar já não servia à sua função, no entanto, pois estava sendo reformado para abrigar a Fundação Verena Valmont, cuja homenageada era a antiga dona da imensa propriedade onde estava situado o campus da UNS, falecida há três anos.

Outros dois prédios eram gêmeos e ligados por uma breve passarela transparente. Formavam os centros de pesquisa e das demais especialidades do HUNS, prédios bem mais novos do que o Casarão, mas ainda assim antigos em relação ao quarto e último prédio, onde ficava o hospital propriamente dito. Uma fabulosa construção de aço e vidro com dez andares, cinco dos quais eram dedicados exclusivamente ao Centro Cirúrgico, ou CCU, como era hábito chamá-lo. Trabalhar no CCU era o sonho da maioria dos estudantes, pois mesmo fazendo medicina na Universidade de Nova Suburbia, não havia garantias de vagas para residências. Somente os melhores, ninguém mais.

Para Tom Esquivel, o sonho havia se tornado realidade há quase cinco anos. Formado em medicina pela própria universidade, conseguiu um lugar ao sol após impressionar seus professores ao longo de um exaustivo processo de residência no setor de traumas. Foi também nessa época que conheceu Vivian, uma fisioterapeuta do HUNS, com quem veio a se casar. Tom e Vivian permaneciam em um casamento estável e sem muitas emoções há quase três anos, um recorde em termos de relacionamento quando se tratava de Tom. Em todo o seu tempo como universitário, jamais conseguira engatar um romance duradouro, pois fora sua timidez extrema, o trabalho sempre viera em primeiro lugar. Com Vivian era perfeito, porque ambos eram iguais. Seus trabalhos eram basicamente o que havia de mais importante entre os dois e eles nunca discutiam por conta dessa evidente prioridade.

No entanto, quando Vivian apanhou suas coisas para deixar o carro do casal naquela manhã, encarou o marido ao volante com uma clara preocupação:

— Não deixe o CCU consumir sua vida, Tom — ela disse, pouco antes de depositar um selo em seus lábios. — Nos vemos para o almoço?

— Não sei ainda, vai ser uma manhã infernal — ele respondeu, pouco animado. — Não pretendia almoçar com seu pai?

— Ele cancelou. Negócios, possivelmente.

— Bom... Eu te ligo, então. Bom leilão.

— Obrigada, amor — ela disse, para logo depois bater a porta do carro.

Vivian Mascherano Esquivel era uma mulher branca e esguia, de longos e caracolados cabelos dourados. Via-se particularmente elegante naquela manhã, pois assistiria a um leilão de móveis antigos no Casarão, um pouco antes de seu turno de trabalho. O leilão beneficente era organizado pela Fundação Verena Valmont em prol de crianças orfãs. Vivian tentaria alguns lances e depois seguiria rumo à ala de fisioterapia, que ficava no primeiro dos prédios gêmeos. Ainda assim, saiu do carro carregando sua bolsa de trabalho e apressou-se em passar pela calçada em reforma, evitando a poeira que levantava, graças ao trabalho árduo dos operários para deixar tudo pronto o quanto antes. Tom observou a esposa enquanto ela entrava no Casarão e só depois ligou o carro novamente. Seguiu alguns vários metros pela avenida perimetral até tomar uma transversal que o levaria para o estacionamento privativo ao lado do prédio do CCU. Sua cabeça, no entanto, já estava lá. Tudo por conta do e-mail que recebera há quase uma semana, informando a ele e aos demais cirurgiões que o novo diretor do HUNS, o qual assumira há menos de um mês, orquestrara mudanças em todo o CCU, a começar pela chefia da equipe cirúrgica. De fato, o antigo chefe estava se transferindo para outro país e a vaga passou a ser objeto de desejo a praticamente todos os cirurgiões seniores. Nos cinco anos em que Tom passou no CCU, se viu sob o comando de dois médicos bem diferentes: a primeira, Dra. Laura Andreas,

uma cirurgiã com seus quase 50 anos, largou o cargo após sofrer um AVC enquanto observava um estagiário realizar uma endoscopia; o segundo, Dr. Raul Marcone, era conhecido mais pelo seu talento do que pela experiência propriamente dita, mas ainda assim fez um bom trabalho substituindo Dra. Andreas, e imediatamente havia se tornado o queridinho dos médicos em todo o CCU. Com a saída repentina do cirurgião, crescia a pretensão destes mesmos médicos a respeito do cobiçado cargo. Mesmo diante do pequeno quadro de referências, Tom Esquivel não teve dificuldades em compreender qual entre os seniores que restaram teria melhores chances de assumir, ainda que não fosse garantido.

O problema maior, contudo, não residia aí. A chefia da equipe já havia sido dada a uma médica, mas ela não fazia parte do quadro de cirurgiões do CCU. Dra. Erica Stone, uma cirurgiã cardiopulmonar estrangeira, que passara toda a vida viajando pelo mundo em nome da medicina. Tinha nome, fama e talento, mas, acima de tudo, era casada com o novo Diretor do hospital e por essa razão havia sido indicada. Os rumores que corriam pelo CCU apontavam até para um complô contra Dr. Marcone, que teria sido transferido apenas para que Dra. Stone assumisse a chefia sem causar-lhe um constrangimento. *Constrangimento*, eis o que estava sobrando entre os residentes e seniores. Todos se sentiam coagidos a aceitar a nova chefe de cirurgia, ainda que a maioria sequer a conhecesse pessoalmente.

— Hoje acaba o suspense... — disse Tom ao estacionar seu carro em frente ao CCU.

Seguiu pelo estacionamento a céu aberto, ajeitando sua gravata azul-marinho e lançando a mochila preta nas costas. Era sem dúvida um homem bem afeiçoado, recém-ingresso na casa dos 30. Moreno e alto, com cabelos castanhos curtos e lisos, cujas mechas caíam perfeitamente arrumadas para o lado direito, barba feita, olhos azuis e vívidos como duas gotas de oceano. O corpo másculo e definido era resultado de sua privilegiada estatura, mas também de certa musculação e boxe, atividades que praticava nas proximidades do HUNS, antes ou após suas rondas cirúrgicas. O jaleco branco e o uniforme cirúrgico só realçavam sua beleza, o que era de opinião geral entre as médicas e enfermeiras do CCU, as quais devoravam sua masculinidade com os olhos e pensamentos sem que nem o próprio soubesse. E Tom era mesmo desligado para essas coisas. Uma vez dentro do hospital, não conseguia se voltar para nada que não fossem nervos a serem reconstruídos, ossos a serem consertados, traumas a serem reparados. Era um *repairman* da mais alta estirpe, cuja única amante possível era a sala cirúrgica.

Tom passou pela porta automática de vidro usando seu crachá e tomou um dos elevadores no centro do andar térreo sem dar muita atenção à movimentação no setor de emergência do hospital. Mesmo sendo Nova Suburbia uma cidade pequena, recebia muitos casos de emergência de cidades vizinhas por ter o hospital mais bem equipado da região. Já era hábito encontrar a triagem cheia, mas ainda assim o atendimento conseguia ser melhor do que qualquer grande

hospital de uma metrópole média. Tom tomou o elevador passando pelos andares de internamentos diretamente até o sexto andar, o principal do CCU. Ao sair do elevador, mal teve tempo de processar um “bom dia” à simpática recepcionista no balcão central; uma pequena reunião de médicos havia se formado na recepção e o assunto era o único que se poderia imaginar para aquela manhã.

— Eu não entendi porque ele não foi claro a esse respeito, afinal, ela não é uma médica qualquer, pelo que ouvi falar — disse um dos médicos, recostado no balcão falando com outros três. Um outro, de cabelos ruivos e barba longa, questionou o colega enquanto sacudia gentilmente uma caneca de café.

— Você a conhece?

— Pessoalmente não, mas dizem que é meio óbvio porque fisgou o Dr. Stone, se é que você me entende...

— Que seja, mas essa vaga deveria ter caído para a Dra. Callot, ela batalhou um bocado para sentar naquela cadeira... — Um terceiro comentou.

— Talvez o problema tenha sido esse, é um cargo para rabos quentes...

— E esse golfe beneficente de boas vindas? Foi ideia do marido dela que ainda paguemos para receber uma chefe nova?

— A que horas será a reunião com ela?

16 horas, sala de reunião 3, Tom respondeu mentalmente, seguindo pelo corredor e cumprimentando os médicos e a recepcionista rapidamente com um aceno. Acelerou para evitar cair nas especulações e fofocas, ainda que estivesse indignado e concordasse com os colegas, Dra. Lea Callot era mesmo a mais indicada para tomar o lugar de Marcone. Lea era cirurgiã ortopédica e já havia trabalhado com praticamente todos os cirurgiões do CCU. Boa de relações, simpática, sabia coordenar esforços como ninguém. O próprio Marcone temia constantemente cometer qualquer desliz, pois sabia que Dra. Callot estaria lá para ocupar seu lugar.

E para sua surpresa, foi justamente Lea Callot a primeira pessoa que Tom viu ao entrar no vestiário. A simpática médica tinha cabelos castanhos claros e longos, olhos proeminentes e acinzentados. Seu rosto afilado e sem rugas não evidenciava nem a sombra de seus 39 anos. Era o fim de seu plantão e ela guardava seu jaleco no armário personalizado, pronta para ir embora. Sorriu disfarçadamente ao ver o jovem cirurgião entrar no aposento.

— Tom! Como vai?

— Curioso... — Ele mensurou as palavras. — E você?

Lea arqueou as sobrancelhas como se dissesse “*pois é, boa pergunta*”, mas preferiu manter o sorriso diplomático em seu rosto fino e rosado. — Vou para casa agora, descansar um pouco... Mas volto para a reunião mais tarde. Viu o Brian por aí?

— Não, mas vi o carro dele no estacionamento, deve estar fazendo alguma consulta...

Um *bip* soou no vestiário. Lea olhou para seu próprio pager, mas o som provinha do de Tom. Ele enfiou a mão no bolso da calça atrás do objeto e sorriu.

— Falando em consulta...

— Vai lá, bom trabalho, Esquivel. — Lea disse, fechando seu armário e despedindo-se um pouco cabisbaixa. Era notável que a não promoção a havia abalado, principalmente pelas circunstâncias em que ocorreram.

Tom guardou sua mochila e pegou o jaleco branco, seu estetoscópio e o pequeno estojo de bisturis com o qual sempre andava. Jogou o estetoscópio em volta do pescoço e confirmou no celular o horário de seu primeiro procedimento. Uma pneumectomia estava marcada para as 10h e ele estaria lá apenas para auxiliar, caso houvesse uma emergência. No mais, ficaria nas consultas do setor de emergência, pois haveria um clássico de futebol no estádio da Universidade e sempre ocorriam atrocidades quando as torcidas rivais se encontravam. Casos graves e estáveis eram frequentemente levados ao HUNS para desafogar diversos hospitais da região, mas nem sempre era a melhor opção devido à distância.

Somente por isso Tom podia contar com alguma folga em seus plantões, se dando inclusive ao luxo de participar de procedimentos com hora marcada. Sempre tinha que largar tudo quando um caso grave surgia, mas sempre com um pré-aviso de 10, 15 minutos, às vezes meia hora ou mais, quando a vítima vinha de longe, através de ambulâncias ou helicópteros.

Tom pegou o elevador novamente e seguiu para o térreo. Aquela era uma manhã das tranquilas, ao menos na emergência. Os médicos caminhavam sem pressa pelos corredores que levavam aos quartos de consultas e às salas de trauma. Tom cumprimentou um ou outro e checkou novamente o recado no pager.

CO, Q301.

CO, Consulta Ortopédica. Q301, Quarto 301. Era o código do hospital para agilizar os atendimentos, embora a pouca personalização matasse Tom. Nunca sabia o que iria encontrar até chegar ao local da consulta, e era essa também a intenção da administração: evitar que cirurgiões negassem consultas que não considerassem “atraentes”.

O cirurgião parou diante do quarto 301 no corredor vazio e abriu a porta ajeitando mais uma vez sua gravata. Esperava encontrar ao menos uma enfermeira por lá, mas só havia a paciente. Uma mulher aparentando seus 30 anos, morena, cabelos castanhos longos e ondulados, cujas mechas estavam a ser jogadas para um dos lados no exato instante em que Tom abriu a porta. Ela estava parcialmente deitada sobre a cama do quarto de consultas e vestia saia e terno de cor cinza, como uma executiva. Usava óculos de grau e tinha uma das mãos repousada sobre a barriga, com uma expressão de incômodo, a julgar pela forma como franzia o cenho. *Um*

bellissimo cenho, pensou Tom ligeiramente enquanto caminhava até o prontuário junto à cama e fitou melhor a paciente diante dele.

E ela era realmente belíssima.

— Bom dia, Srta... — Tom buscou o nome rapidamente na ficha — ... Evans, Marisa Evans?

— Sim, olá, doutor... — Ela respondeu com uma voz rouca, um pouco embargada, possivelmente pela dor que estava sentido. Tom correu o prontuário com o olhar, analisando-o com mais calma.

— Aqui diz que você levou uma queda e bateu com a região lombar? Há quanto tempo foi isso?

— Uma hora atrás — ela disse, tentando manter um sorriso, mas visivelmente incomodada com a dor. Levou a mão à coxa, — cai de quina, escorreguei na entrada de uma cafeteria no centro, o piso estava molhado! Nem falo do processo que vou jogar em cima deles, porque com certeza eu irei!

— É advogada? — Tom disse enquanto preenchia mais informações no prontuário.

— Gosto de pensar que sou... — Ela levou a mão à coxa mais uma vez, em dor — oh, Deus, acho que só preciso de uns comprimidos e ficarei bem, não quebrei nada...

— Isso nós veremos — Dr. Esquivel disse, fechando o prontuário e se sentando na borda da cama. — Vou pedir uma radiografia da região, mas vamos apalpar primeiro para ver se houve algum problema, ok?

— E se houver, doutor? — Ela perguntou com o olhar preocupado. — Não posso faltar ao trabalho hoje, é meu primeiro dia!

— Não se preocupe, vai dar tudo certo — Tom sorriu, buscando passar confiança à sua paciente. Vamos lá... Onde está doendo?

— Eu bati aqui — a mulher levou a mão à região lombar do lado direito — mas estou sentindo uma dor estranha no alto da coxa, correndo pela virilha...

— Entendo — Tom respondeu, lembrando-se de que não deveria prosseguir sem uma enfermeira no quarto — Vou chamar uma assistente para nos acompanhar.

— Oh, por favor, — disse a paciente, visivelmente *impaciente*, — Eu já estou aqui há quase meia hora... Não podemos ir logo com isso?

— Não será um problema para a Srta?

— Dificilmente...

Tom não soube bem como processar aquela resposta. Tinha dificuldades em interpretar sinais que não fossem oferecidos pela simples fisiologia do corpo humano, da leitura precisa dos equipamentos médicos. Era bom em diagnosticar doenças, não intenções. No entanto, ele próprio

não tinha problemas com esses meros detalhes procedimentais. Tudo o que queria era atender seus pacientes da melhor forma e, sem dúvida, já havia burlado uma ou outra regra em prol do melhor resultado.

Deu de ombros ao convencer-se de que aquilo não seria um problema.

— Por favor, vire-se para o lado de lá e abra um pouco o zíper da saia para que eu possa ver o quadril.

A paciente concordou e deu as costas para o médico, soltando habilmente o zíper da saia com uma das mãos, descendo-o até o máximo. Dr. Esquivel puxou um pouco mais a saia para baixo até ver a cintura pélvica, pouco acima das nádegas. Repousou a mão sobre o quadril onde havia certa vermelhidão, mas nenhuma roxidão ou inchaço. Era um bom sinal. Apertou de leve e sentiu a pele lisa da paciente sob sua mão larga. Pode ouvi-la soltar um leve grunhido de dor e sugar os lábios na sequência.

— O quão sério é, doutor? — Ela perguntou, preocupada.

— Aparentemente foi só a pancada, mas vamos ver se não houve algum deslocamento. Pode ficar de frente de novo.

A paciente virou-se com cuidado, voltando a ficar com a barriga para cima. Tom Esquivel levou a mão à parte da coxa direita onde a mulher havia apontado sentir dor.

— Vou precisar erguer um pouco sua saia.

— Fique à vontade... — Ela disse mordendo o lábio inferior, sua expressão ainda de dor.

Tom levou as duas mãos à coxa da Srta. Evans, uma correndo pela lateral da perna, a outra por cima, subindo um pouco a saia para que pudesse apalpar melhor a região. O que se seguiu àquele simples ato, Tom não foi capaz de evitar. A saia não era das mais longas, e ao erguer um pouco acima do aceitável, o cirurgião desviou o olhar por um segundo, quase que por instinto, e não teve certeza se ela estava usando ou não calcinha.

O médico fez uma pausa, as mãos paradas no mesmo lugar da coxa da paciente, o que a fez reagir.

— Algum problema, doutor?

— Err, não, quer dizer — ele pigarreou — estou sentindo o músculo femoral um pouco tenso, talvez seja por isso a dor.

— Oh, e você sabe como aliviar a tensão, Doc?

A pergunta ligou o alerta de Tom Esquivel, e ele encarou a paciente. Não tinha percebido até então o quão belo era seu olhar, de um profundo castanho amendoado, quase âmbar, por trás dos óculos finos de grau. Ela o fitou como se implorasse para ser curada do mal que a assolava. Tom sentia a obrigação de fazer o melhor por ela.

— Preciso continuar examinando — ele respondeu, engolindo em seco.

Moveu mais uma vez as mãos, para cima e para baixo, fazendo um pouco de pressão sobre a região para ter certeza de que não havia lesões. A paciente conteve um gemido, incerto se de dor ou outra coisa. Tom subiu um pouco mais a mão direita, posicionada sobre a coxa. Desta vez deixou a mão correr por baixo da saia até a altura do quadril, o qual já havia examinado por outro ângulo. Não sentira qualquer obstáculo no percurso que indicasse uma calcinha. Muito pelo contrário, a carne quente e lisa sequer possuía relevos além do desenho natural de um corpo perfeito. Tom fez o caminho de volta, lentamente, sentindo cada detalhe dos músculos da coxa até quase o joelho. Sentiu a paciente mexer o quadril para baixo, contraindo-o. Quando ele retornou com a mão direita, subindo novamente até o meio da coxa, teve certeza de que ela estava gostando daquilo.

Era aquele o momento, Tom sabia. O momento de parar. O que quer que estivesse acontecendo ali, era completamente antiético, mesmo que fosse uma besteira. Tom sabia, passara por aquilo algumas vezes e sabia precisamente que deveria parar. E a mulher já havia mencionado a palavra “processo” alguns minutos antes. *O que ele estava pensando? Precisava parar!*

Contudo, algo dentro de si lhe disse o contrário, curioso demais para saber onde aquilo iria chegar.

Tom pressionou mais uma vez a coxa, dessa vez com mais força. — O que está sentindo?

— O incômodo não é aí, Doc... — A paciente disse, levando sua mão de encontro à dele — deixe-me mostrá-lo...

E sua mão fina e leve, de unhas prateadas não muito longas e extremamente bem feitas, sobrepôs-se à de Tom e a empurrou para a região interna da coxa, abandonando-a sozinha a poucos centímetros da virilha. Retirou a mão, correndo pelo braço do médico, ouriçando seus pelos no processo.

Boquiaberto, Tom fitou a mulher diante de si e seu convite. Sua mão estava perigosamente repousada entre as pernas dela, onde a saia já não lhe permitia visualizar mais nada. Seus dedos seriam seus olhos, seu termômetro. E ele decidiu examinar um pouco mais o desconhecido.

Subiu a mão, forçando caminho através das coxas ainda constrangidas pela saia justa. Não houve resistência da paciente, ao contrário. Seus lábios entreabertos e sua respiração pesada diziam a Tom para seguir em frente e fazer seu trabalho.

Ele não demorou a tocá-la, e quando a atingiu, percebeu o quão molhada estava. Ele próprio não conseguiu conter o fôlego quando ela arqueou um pouco o quadril para que ele pudesse encaixar a mão completamente junto à sua vagina. Tom deslizou o dedo maior pelos

pequenos lábios, sentindo sua lubrificação natural facilitar o percurso. Roçou seu clitóris algumas vezes, sempre com o olhar fixo na paciente e em suas reações, e ela não desviou o olhar de prazer nem por um segundo do dele, nem mesmo no momento em que Tom decidiu desvendar os mistérios que ela escondia e enfiou o mesmo dedo dentro dela, penetrando-a como se seu próprio pênis estivesse a fazer a tarefa.

A paciente arqueou para cima, depois contraiu a vagina, aumentando o prazer daquele ato. Tom retirou o dedo completamente para então enfiar mais uma vez, e por um instante largou um sorriso deslumbrado ao ver que ela estava gostando. Estava tão úmida que lubrificaria ele inteiro, e Tom desejou penetrá-la de verdade. Sentiu uma ereção surgir, espremendo-se contra sua calça, mas não queria parar o que estava a fazer. A mulher contorceu-se sobre a mão de Tom, adentrando-a com tanto ímpeto e gemeu entre um aperto e outro de lábios. Levou a mão à gravata dele e puxou-a com força, trazendo-o para mais perto de si:

— Vai aliviar minha tensão, Doc? — Ela praticamente sussurrou para ele, a voz rouca e embargada sendo o maior ativo sexy que Tom poderia imaginar existir.

— Você gosta disso, não gosta? — Ele disse, perdendo qualquer inibição que poderia ainda contê-lo. Sua cabeça e seu juízo já estavam como aquele dedo, praticamente dentro de sua paciente. Enfiou-o completamente, com mais força, e a morena curvou-se em um misto de prazer e dor.

Tom passou a arremeter com um pouco mais de força, não um, mas dois dedos, atizado pela forma como a paciente se agarrava à sua gravata em busca de apoio. Fitava-o como se nada mais existisse ali além dele, e Tom sentiu-se ainda mais vigoroso, entrando e saindo com os dedos, sentindo cada detalhe áspero do interior dela, cada atrito uma fonte de prazer, para ele, para ela.

— Vai, isso, gostoso assim, vai!! — ela disse, fechando os olhos pela primeira vez sob os óculos prestes a cair de seu rosto, aproveitando o momento. A essa altura, Tom já estava praticamente por cima da paciente, sua mão direita enterrada entre as pernas dela enquanto a outra abria sua própria calça, tentando libertar a ereção latente. Agitou os dedos que corriam dentro dela vibrando-os com vontade, levando-a à loucura enquanto sentia seu próprio membro pulsar, louco por uma chance de assumir o lugar. Arremeteu inúmeras vezes enquanto masturbava a si próprio, procurando sintonizar com ela, gozar junto com ela. Já era tarde, contudo, pois a mulher levou o próprio punho à boca, abafando o forte gemido que se seguiu ao intenso gozo, morno na mão do médico.

A paciente sorriu ofegante, olhando para o alto e depois para Tom, cuja mão esquerda agitava violentamente o próprio membro até seu ápice. Ela o fez parar quando se sentou na cama e fez menção para que ele continuasse dentro dela. Tom mal processou o convite, e tão rápido se colocou entre as pernas dela. No exato instante em que se preparou para penetrá-la, uma voz

estridente chamou a atenção dos dois.

— *Dr. Esquivel, Comparecer à Sala de Trauma 3 ASAP!*

— *O mais rápido possível* — traduziu a paciente, ainda ofegante, afastando o médico. — É melhor você ir, Doc... Acho que alguém mais precisa de você.

— O quê? — Ele disse quase para si mesmo, tenso por não conseguir terminar o que havia começado, mas ao mesmo tempo aliviando a pressão sanguínea que já deveria estar toda concentrada em seu pênis naquele momento. Assistiu a paciente se erguer da cama, fechar a saia e ajeitar os cabelos com os dedos, deixando para ele nada mais do que um sorriso super sacana nos lábios.

— Obrigada, Doc.

Quando ela saiu do quarto pelo corredor, como se nada houvesse acontecido, Tom Esquivel se perguntou pela primeira vez o que diabos *havia* acontecido. O chamado pelo alto-falante do hospital insistiu em seu nome e ele tentou concentrar-se, respirando fundo e guardando o membro de volta dentro das calças, da maneira que lhe fora possível.

Voltou-se para a saída, atordoado. Muito mais atordoado ficou ao chegar à sala de trauma 3, onde a verdadeira Marisa Evans, uma idosa com seus mais de 80 anos, estava sendo atendida após cair no banheiro de sua casa e aparentemente fraturar o quadril. Os paramédicos que ainda estavam lá confirmaram a Tom que haviam mandado o chamado há uns 20 minutos, e por isso os médicos já esperavam por ela.

O médico buscou respirar enquanto se colocava entre os outros médicos, diante de sua verdadeira paciente. Só então se deu conta de que fora vítima de um trote sacana.

Deliciosamente sacana.

Quase duas horas depois, Tom enfim conseguiu retornar ao CCU e pensar direito nas coisas. A idosa acabou passando por uma cirurgia e só o tempo poderia dizer como ela se sairia. Algo já habitual entre os cirurgiões do HUNS, dar tempo ao tempo para que o resultado de seu trabalho pudesse surtir efeito. Do momento vivido na Sala de Trauma 3, seguiram-se várias situações de consulta que ocuparam a cabeça do cirurgião, embora uma ou outra enfermeira tenha notado alguma distração nele ao atender os pacientes. E como não poderia estar distraído, depois do que ocorrera no quarto 301? Devia ter transgredido todas as regras importantes do CCU, mas lhe impressionava não ter pensado nisso *enquanto* manipulava seus dedos graciosamente dentro daquela mulher. Poderia ter perdido o emprego dos sonhos! Até mesmo sua licença médica!

Por que tudo isso parecia irrelevante diante da lembrança úmida da falsa Srta. Evans?

Tom seguiu mais uma vez para o vestiário e enfurnou-se nas vestes azuis do setor cirúrgico. Foi ao banheiro e lavou o rosto, como se aquilo fosse fazê-lo acordar do que poderia ser um sonho surreal. Quando Brian Lazo, um médico de corpo negro e robusto, com olhar amendoado, entrou no vestiário rindo, Tom não teve nenhuma dúvida.

— Tommy, meu velho! — O grande amigo disse, dando-lhe um tapinha nas costas — Tendo um bom dia?

— Como se você não soubesse! Filho da mãe, Brian, você é um filho da mãe! — Tom bradou, bastante irritado.

Brian se mostrou surpreso. — O que foi que eu te fiz?

— O que me fez? — Tom arqueou as sobrancelhas, surpreso com a cara de pau do amigo — Srta. Evans? Que porra foi aquela? Ela era uma prostituta?

— Se a senhora idosa que chegou na emergência era uma prostituta? — Brian segurou a risada, tentando entender Tom Esquivel. — Você andou bebendo?

— Sabe que não me refiro à velha, e sim à nova! Você falou que ainda armaria uma sacanagem para cima de mim, mas passou dos limites, Brian!

O olhar alucinado de Tom dizia a Brian que a coisa era mesmo séria.

— Calma aí, parceiro... Seja lá do que estiver falando, eu não faço a mínima ideia do que seja. Eu não armei nada para você. Até porque sabemos que você e eu não jogamos no mesmo time.

— Você entrou aqui rindo.

— É proibido rir agora?

— Sério, Brian... — Tom o encarou, abismado — você não armou aquela garota lá embaixo para mim? A executiva *femme fatale*?

— Como assim 'armou'? — Brian se viu interessado no rumo da conversa — o que afinal aconteceu lá embaixo, cara?

— Esquece — Tom disse, saindo do vestiário, mas Brian o segurou pelo braço.

— Como assim 'esquece'? Você atçou a curiosidade, agora vai até o fim!

— Eu nem sei por onde começar, o que significa que não é uma boa ideia começar! Se você não sabe, melhor não saber, acredite!

— Ah, Tom!

Os dois seguiram em uma semi briga corpórea, Tom querendo deixar o vestiário, Brian o segurando, até que um outro médico, calvo de barba rala, entrou no vestiário em busca dos dois.

— Ah, vocês estão aqui. Esquivel, CC 8, agora.

— Não estou escalado para nenhuma cirurgia agora — Tom desvencilhou-se de Brian e guardou o jaleco no armário.

- A Dama de Ferro está te chamando lá.
- Dama de Ferro?
- É como estão chamando a nova chefe — Brian explicou.

Foi o suficiente para acabar com a graça, e Tom saiu rápido do vestiário sob a ameaça de Brian, que exigia saber o que o amigo escondia. Tom não deu ouvido e seguiu com pressa para o Centro Cirúrgico 8, amarrando uma toca azul à cabeça e respirando fundo ao longo do caminho, cumprimentando os colegas que passavam por ele um tanto sem graça. Ao entrar na sala de preparação, lavou as mãos com cuidado e se deixou vestir por uma das enfermeiras, que lhe colocou um segundo traje cirúrgico, máscara, mais luvas e ajustou sua toca. Tudo parte do procedimento padrão para entrar no Centro Cirúrgico. Dali, Tom já podia ver que uma cirurgia estava em andamento. Um punhado de médicos se aglomerava em torno do paciente entubado e já aberto na altura do peito.

- O que é? — Perguntou à enfermeira, enquanto ela amarrava seu avental nas costas.
- Ressecção de mixoma intraventricular.
- Quanta emoção... — Tom disse, e a enfermeira não sacou se havia ou não deboche no comentário.

O cirurgião adentrou a sala empurrando a porta com a lateral do corpo sem tocar em nada, e imediatamente percebeu a dinâmica na sala. Em meio a um mundo de roupas azuis, reconheceu todos os cirurgiões pelas suas tocas, exceto uma, de toca vermelha, óculos cirúrgico e máscara. Tinha as duas mãos dentro do peito do paciente e, seja lá o que estivesse fazendo, o fazia habilmente, pois desviou o olhar do processo sem parar o que fazia e dirigiu-o a Tom. Sem dúvida era ela, a nova chefe em pessoa.

- Dr. Esquivel, me perguntava quando nos daria o prazer da visita.

— Eu estava realizando consultas na emergência, Dra. Stone, peço desculpas por não cumprimentá-la antes. Bem vinda ao CCU.

— Muito bem, sucção aqui — ela pediu a um dos assistentes — Malcolm, pode costurar aqui?

- Sim, senhora — disse o médico assistente, assumindo o lugar dela.

A cirurgiã se afastou da mesa de cirurgia e deu a volta até onde Tom estava. Ele se deu conta de que ela era alta e esbelta, no momento em que parou diante dele e o olhou de cima a baixo.

— Estou redesenhando as equipes e suas rondas. Te nomeei líder da equipe ortopédica, você ficará responsável por reportar a mim sobre o desempenho das equipes sob sua tarja. Quero você em minha sala mais tarde, para conversarmos melhor sobre isso.

- Sim, Dra. Stone — Tom disse, um pouco intrigado pela voz, e o olhar... Havia algo

assustadoramente familiar nela.

A cirurgiã chefe não ficou para maiores esclarecimentos. Saiu da sala e arrancou as vestes sujas de sangue, junto com as luvas e a touca vermelha. Os cabelos castanhos caíram imediatamente sobre os ombros e Tom sentiu um calafrio correr seu estômago quando ela se virou e o fitou com seu olhar castanho amendoado e um sorriso irônico, quase cínico, para então deixar a sala de uma vez por todas.

Ele gelou, e por um segundo seu coração deve ter parado ali, voltado, parado de novo.

Gelou ao ver que a mulher que havia bulinado na consulta, duas horas antes, era na verdade sua nova chefe, Dra. Erica Stone.

Foram necessários uns dez, quinze minutos para que Tom Esquivel se recuperasse parcialmente do choque. Havia, de fato, masturbado sua nova chefe no quarto de consultas. Quem seduziu quem? Parecia óbvio a Tom, agora, que havia sido feito de idiota. Erica Stone não só sabia quem ele era, como armara deliberadamente para fisgá-lo daquele jeito. A razão? Tom não soube precisar os motivos que levariam uma mulher como ela a expor-se daquela maneira, senão por puro deleite. Isso sim, sem dúvida, Tom soube proporcionar-lhe, mesmo que apenas tenha usado os dedos.

Deixou o Centro Cirúrgico, envergonhado e furioso.

A antiga sala de Marcone ficava no final do corredor do décimo andar, e era esperado que Stone mantivesse seu escritório no mesmo local. Tom deixou o CC e foi direto para lá, ansioso por respostas. Ao chegar ao hall de vidros temperados, deu de cara com Marta, a secretária.

— Dr. Esquivel, bom dia!

— Bom dia, Marta. *Ela está aí?*

— Está aguardando *o senhor*.

Não era surpresa para Tom. Sorriu para a jovem de belos traços latinos e respirou fundo, antes de abrir a porta.

O escritório era amplo e espaçoso, com largas janelas de vidro que tomavam duas das quatro paredes. Se Marcone fazia o tipo pós-moderno em sua decoração, Erica parecia gostar das coisas mais rústicas. Móveis de madeira visivelmente antigos tomavam todo o escritório junto com uma tapeçaria exótica. Nas paredes, quadros abstratos e várias máscaras de porcelana representando personalidades aparentemente divinas, o que trazia um interessante contraste com o resto do lugar. Se Tom não soubesse onde estava, diria se tratar de um museu de alto requinte.

Erica Stone não estava acomodada na impressionante poltrona de couro destinada a ser seu trono, mas em pé, de costas para Tom e de frente para a incrível vista litorânea que suas janelas privilegiadas exibiam. Usava o uniforme cirúrgico, levemente folgado em seu corpo definido, o qual Tom já havia tido a oportunidade de verificar. Os cabelos, recém-presos na forma de um rabo de cavalo, deixavam parte de sua nuca à mostra.

— Como vai o quadril?

Erica Stone tossiu um sorriso e virou-se para Tom ao ouvi-lo em sua sala. Viu um moreno alto e sério à sua porta, com ambas as mãos na cintura, esperando uma explicação que ingenuamente acreditava que iria ter.

— A tensão se foi... — Ela disse, seguindo na direção de sua cadeira — suponho que devo agradecer a você por isso.

— *Isso...* — Tom se surpreendeu com a naturalidade da médica — *É como chama aquilo? O que foi aquilo?*

— Gosto de conhecer minha equipe a fundo — Erica se sentou, relaxando o corpo na poltrona de couro.

— Para isso precisa que eles metam o dedo em você?

— Não há nada mais importante em um cirurgião do que a precisão de seu toque. Mas não se preocupe... A julgar pelo tamanho e espessura do seu bisturi, você provavelmente tem também um ótimo corte...

As palavras inacreditáveis de Erica, pronunciadas com um sotaque europeu, que até então ela havia disfarçado com perfeição, provocavam Tom, mas nada comparado ao olhar, simultaneamente doce e cruel. Parecia devorar o cirurgião ao mesmo tempo em que se divertia com sua indignação. Oh, sim, Tom estava indignado. O problema era a excitação, que insistia em completar o pacote. A lembrança interior da Dra. Stone era muito recente, e quando a olhava, tudo o que lhe vinha à mente era seu corpo arqueando de prazer.

— Por favor, sente-se — ela pediu de maneira profissional. Tom obedeceu, sentando em uma das cadeiras macias à frente da mesa dela. Estava longe de sentir-se confortável, embaraçado ao extremo pelo que havia sucedido entre eles.

— O que aconteceu lá embaixo... — Ele tentou colocar, mas foi interrompido pela chefe.

— Não vai acontecer novamente — disse, com extrema clareza. — Nosso pequeno momento serviu para que você possa trabalhar comigo, focado, sem precisar ficar imaginando como seria. Da mesma forma que eu não precisarei imaginar como seria com você.

— Fala como se tivéssemos feito sexo. Eu apenas... Toquei você.

— E o que é o ato sexual para você? Penetrar e ejacular, modelo padrão de um macho alfa?

Ela o fazia sentir-se como um animal, falando daquele jeito.

— A definição clínica da relação sexual com certeza inclui a conexão dos órgãos reprodutivos, mesmo que não haja a intenção de reprodução... — Ele procurou as palavras para continuar sua explicação — ainda que tenha gozado em minha mão, não fizemos, conceitualmente falando, sexo.

Erica riu. — Você é sempre assim?

— Assim como?

— Esqueça — ela se conteve. — Eu ia dizer “lento”, mas obviamente seus dedos não o são. Como eu disse, Dr. Esquivel... Seu toque é tudo o que preciso conhecer até o momento... Agora me sinto à vontade para indicá-lo como líder da equipe de cirurgia ortopédica. — Ela

então puxou a ficha dele entre outras que estavam sobre a mesa. — Você tem mostrado bom discernimento nos casos, espírito de equipe e liderança. Não é fácil encontrar um cirurgião com estes atributos.

— Imagino que saiba que esta, meio que era a função da Dra. Lea Callot. Ela era a n. 2 da equipe cirúrgica, depois do Dr. Marcone.

— Estou ciente disso. Estou preparando algo especial para a Dra. Callot.. Por ora, este será o novo horário das rondas. Quero que passe para sua equipe depois da reunião.

Erica separou entre os documentos em sua mesa um papel contendo planilha de horários e deslizou-o na direção de Tom. Ele olhou para a médica e para o papel, notando sobre a mesa, além dos vários documentos referentes ao funcionamento do CCU, um cartão curioso que trazia a imagem de uma máscara e as letras CdV. Ao notar o que Tom observava, Erica retirou o pequeno cartão e guardou-o no bolso sem esboçar maiores reações, além do olhar sempre profundo, intrigante.

O telefone tocou logo em seguida e Erica imediatamente apertou o botão do viva-voz:

— Sim, Marta?

— *O Maître está aqui, Dra.*

— Mande-o entrar, obrigada.

A médica voltou sua atenção do telefone para Tom, praticamente dizendo-o com o olhar que ele já podia ir embora. O cirurgião pegou a planilha das rondas e levantou-se, dando uma última olhada para a parede onde estavam dispostas as várias máscaras. Ainda olhava para elas quando teve sua saída interrompida pela voz de Erica:

— Já parou para pensar nas coisas que dizemos e que nem sempre é o que queremos dizer? Ao menos você tem certeza de que quando eu digo que foi um prazer conhecê-lo, eu estou dizendo a verdade...

Incerto do que o dominava mais, o desejo ou a raiva, Tom preferiu não ficar por baixo.

— O prazer foi meu, Dra. Stone — disse, saindo da sala tranquilamente, no exato instante em que a porta se abriu e um homem tão alto quanto ele, vestido em um elegante terno negro e óculos escuros, entrou segurando uma maleta de prata.

Tom teria esquecido completamente o almoço com Vivian se não fosse pelo convite de Brian Lazo para um lanche rápido na cantina às 13h. Recusou o convite, sabendo que Brian encheria seu saco sobre a suposta pegadinha que Tom sofrera, e como não iria contar nada, achou melhor buscar Vivian para almoçar em um lugar mais afastado. Perguntava-se como

poderia olhar para a esposa depois do que fizera com Dra. Stone. Contar a verdade não se passou nem mesmo um instante sequer pela sua cabeça, afinal de contas, as circunstâncias do ato foram completamente contra a ética matrimonial, para não falar também da médica.

Os dois seguiram para um restaurante conceituado que ficava próximo ao mar, a poucos minutos do *campus*. Pediram um filé ao molho madeira e salada, e apenas água gaseificada para acompanhar tudo. Vivian parecia faminta, mas Tom estava distante. Praticamente não deu uma palavra em todo o caminho até o restaurante.

— O leilão foi incrível, todas aquelas antiguidades, se eu pudesse tinha levado várias coisas. Verena Valmont era uma mulher de muito bom gosto — Vivian comentou, enquanto aguardavam o prato principal. — Precisa ver o baú que faturei, precisei de seis lances para levá-lo, porque uma outra senhora também estava interessada. É lindo, todo de madeira folheado com um entalhamento de prata. Não se faz mais coisas como aquela hoje em dia. O curador da Fundação Verena Valmont me disse que amanhã mesmo ele será entregue, nem sei ainda onde vamos colocá-lo!... Mas me fala da sua manhã, como foi?

— Foi... Louca. — Ele respondeu, buscando meias verdades.

— E a nova chefe, como ela é?

— Ainda estou tentando achar as palavras para descrevê-la...

— Conheci o marido dela hoje, o novo diretor — Vivian disse — ele estava lá no leilão e visitou o setor de fisioterapia no fim da manhã. Garantiu novos investimentos até o final do ano. Pareceu-me bastante centrado, bastante sério.

— Que bom. A esposa parece bem centrada também... Ela vai apresentar hoje à tarde o novo plano de reestruturação do CCU, parece muito bom pelo pouco que vi. Colocou-me para encabeçar a equipe ortopédica também.

Vivian sorriu com a notícia e repousou a mão sobre a do marido — Que notícia maravilhosa, querido! Pena que estamos em horário de trabalho, porque essa merecia um bom vinho para celebrar! Já imaginou que era exatamente o que estava precisando? Como líder de equipe, poderá cumprir mais horas administrativas e passar menos tempo dentro do CCU!

— Ainda não me vejo trabalhando tanto quanto diz que estou — Tom defendeu-se, mas Vivian foi enfática:

— Plantões noturnos, rondas intermináveis... Eu sei que combinamos de dar prioridade às novas vidas profissionais, querido, mas... — ela levou a mão de encontro à dele sobre a mesa, um olhar esverdeado e terno complementando suas palavras — Tenho sentido sua falta à noite...

Tom notou a cumplicidade de sua esposa, o que só o fez sentir-se mais miserável. Lá estava ela, tentando conectar-se com ele, segurando a mão que, horas antes, ele usara para

penetrar o que havia de mais íntimo em Erica Stone. Tom sorriu sem graça para Vivian, mas esta estava a olhar por cima da cabeça do marido, para algo na entrada do restaurante.

— Olha só, falando no diabo... — Ela baixou o tom da voz — Olha só se não é o diretor que entrou no restaurante agora!

Tom virou a cabeça de forma discreta e notou um casal adentrando o restaurante, sendo imediatamente guiados por um atendente até uma mesa reservada. O homem, um coroa elegante, aparentando pouco mais de 40 anos, sem dúvida bem afeiçoado, cabelos e barba grisalhos, segurava a mão da mulher que Tom já conhecia bem.

— É aquela a sua chefe? — Vivian perguntou, surpresa com quão bonita Erica parecia ser, ao menos de relance.

— A própria — Tom respondeu, tomando toda a água de sua taça em largos goles.

— Nossa! — Vivian comentou com o marido, ainda observando o casal a sentar-se em uma mesa distante, alheios aos olhares sobre eles — casada com o diretor, famosa, bonita... Aquela ali consegue qualquer coisa com aquele sorriso.

Até seu marido, Tom pensou sem querer. *Ótimo, agora estava trollando a esposa e a si próprio*. Sentiu-se envergonhado novamente.

— Dê-me licença um minuto, eu esqueci de lavar as mãos — ele disse, buscando qualquer desculpa para sair dali. Passou pela esposa e seguiu em direção ao toalete masculino, sem olhar para trás.

Entrou no banheiro e foi direto para a pia, onde lavou o rosto com vontade. Olhou-se no espelho, perdido em meio à loucura que estava vivenciando desde cedo:

— Em que merda você se meteu, Esquivel? — Disse a si mesmo, encarando-se frustrado. Jogou um pouco mais de água no rosto e olhou seu reflexo novamente, mas não estava mais sozinho no banheiro.

Ela estava lá.

— O que você... Ficou maluca?! — Tom disse nervoso, ao ver Erica dentro do toalete masculino.

A médica não se abalou. Girou a tranca da porta e caminhou até a pia, olhando para Tom pelo espelho enquanto ajeitava os cabelos com os dedos.

— Sua esposa é muito bonita. Vivian, não é este o nome dela?

— Como sabe o nome de minha esposa?

— Meu marido falou a respeito dela. Ele a conheceu hoje pela manhã, exatamente como nós nos conhecemos.

— O quê? — Aquilo deixou Tom pasmo. *Que espécie de casal era aquele?* Negou a si mesmo — Vivian jamais faria isso.

— Por que não? — Dra. Stone disse, sentando-se sobre a bancada de mármore da pia e cruzando as pernas. Usava o mesmo terno e saia da manhã e Tom duvidou que houvesse uma calcinha dessa vez, tal como da anterior. — Você *jamais* faria o que fez. O que torna uma pessoa incapaz de *desejar* o que está diante dela?

Tom considerou sair correndo do toalete, mas não o fez. Erica Stone exercia uma força poderosa sobre ele, era impossível negar. Ele sempre queria ver mais, ouvir além.

Pagar para ver em um jogo onde sempre era *all in*.

— O que você quer de mim? O que quer com isso?

— Por que acha que eu quero algo de você? — Erica desceu da pia e virou-se para o espelho novamente, ao lado de Tom. — Diga-me, o que você vê?

Tom olhou para o reflexo dos dois no espelho. Erica tinha um rosto realmente bonito, com lábios carnudos, bochechas rosadas e um olhar vivo, jovial.

— Eu vejo uma mulher que gosta de correr perigos desnecessários...

— O que eu vejo — ela rebateu, aproximando-se dele e olhando a si própria, enquanto passava as unhas delicadamente pela nuca de Tom — é um olhar másculo escondido atrás de um rosto de propaganda de sabonete... Eu vejo um médico que teme ser um homem... Um animal trancado, retraído pelo que ele acha que não tem condições de ser...

Erica travou as unhas na nuca de Tom e ele virou-se violentamente por trás da médica, pressionando-a contra a pia. Ela sorriu desafiada, encarando o olhar irritado de Tom Esquivel por trás dela, através do espelho.

— E então, esse é você agindo como um homem? Ou como um animal?

— Você é completamente maluca — ele disse, pressionando-a ainda mais, levando uma das mãos ao pescoço dela e apertando-o em repreensão. Ela sorriu de novo e olhou de forma sexy para trás, desafiando-o ainda mais.

— Está com fome, Doc? Há algo que eu possa fazer para saciar seu flagelo?...

Tom não respondeu. Seguiu encarando Erica pelo espelho e subiu a mão que estava em seu pescoço um pouco mais, de modo que seu dedo indicador alcançou a boca dela. Forçou a entrada, ainda que delicadamente, entre seus lábios, fazendo-a chupar seu dedo, apertando-lhe gentilmente o rosto. Erica empinou o traseiro na direção de Tom, esfregando-se nele para atiçá-lo mais, e ele lançou seu corpo pressionando-a com força contra a pia, usando a mão livre para subir-lhe a saia.

— É assim que você gosta, não é? — Ela o provocou — Então bate que é assim que eu gosto...

Tom soltou a mão do pescoço de Erica e deu-lhe um tapa de leve do lado direito do rosto, mas ela reprovou:

— Bate forte, eu quero saber do que você é capaz...

Ele obedeceu, dando um tapa mais forte no rosto dela. Ela gemeu e sorriu de forma sádica, e Tom deu um segundo tapa, e depois outro, fazendo o rosto dela enrubescer com a marca de seus dedos.

Tom ergueu totalmente a saia de Erica, e tal como previu, não havia calcinha. Empurrou o tronco dela contra a pia e agachou-se, enfiando sua cara entre as pernas dela. Correu a língua entre as partes íntimas da médica, fazendo-a gemer, tal como pela manhã. Mais uma vez, sentiu seu membro pressionado para fugir da prisão de suas calças, e dessa vez não o faria esperar tanto.

— Tom...

Enfiou a língua dentro dela o mais fundo possível e depois se ergueu, abrindo as calças com enorme urgência. Erica fez menção em ficar reta novamente, mas Tom a empurrou de volta contra a pia com violência, fazendo-a ficar de nádegas expostas para ele, totalmente dominada.

— Tom...

Segurou sua ereção ansiosa entre os dedos, pronto para penetrá-la por trás.

— *Querido!*

A voz exclamada subitamente trouxe Tom de volta à realidade. Vivian, bem diante dele, o encarava um tanto assustada. O cirurgião olhou em volta e não estava mais no banheiro, mas sentado em seu lugar na mesa, diante de sua esposa, e um garçom impaciente segurava a bandeja com o almoço deles.

— O almoço, querido... Onde estava com a cabeça?

— Eu... Desculpe-me, eu não sei — Tom respondeu, mais atordoado do que nunca. Olhou a si mesmo disfarçadamente enquanto retirava o guardanapo de pano de dentro do prato e o colocava sobre seu colo. Estava *fortemente* excitado! Olhou em volta, Erica e o marido estavam sentados em seus lugares ao longe, conversando.

Havia alucinado completamente!

— Está se sentindo bem?

A pergunta de Vivian veio assim que o garçom deixou os dois sozinhos à mesa.

— Eu... Acho que sim. Do que estávamos falando?

— Eu estava te contando sobre os investimentos que o Dr. Stone fará na ala da fisioterapia...

— Oh, sim — Tom buscou reconectar-se com o que sequer se recordava — Isto... Isto é muito bom.

— Sim, é muito bom — Vivian levou uma garfada de carne à boca — E eu

realmente acho que você deve chegar junto com sua nova chefe, tentar angariar uns fundos para vocês também.

— É, eu espero que sim... — Tom respondeu sério, tentando conter a ambiguidade em sua mente. — Espero que sim.

Quando Erica Stone deixou o restaurante ao lado de seu marido, já havia percebido a presença de Tom Esquivel e sua esposa sentados a alguns metros de distância. Os havia notado no exato instante em que entrara no local, mas preferiu não cumprimentá-los. Tudo tinha seu momento e não era naquele que pretendia ser apresentada à Vivian Mascherano Esquivel, esposa de Tom. Haveria oportunidades mais adequadas. Mais *oportunas*.

Por esta mesma razão, apressou Manoel para que sáíssem antes do outro casal. Deixaram o lugar logo após a sobremesa e seguiram em direção a BMW branca estacionada próxima à entrada do restaurante. *Viva à comodidade que somente as pequenas e organizadas cidades podiam oferecer!* Seguiram beirando a praia até retornar à avenida de acesso ao campus, onde Manoel terminou por assumir um atalho, de modo a deixar sua esposa no CCU. Despediu-se com um beijo em seu cangote, após a curta viagem de poucas palavras.

Erica deixou o carro em frente ao moderno prédio, mas voltou sua atenção para trás. Sentiu-se observada e aquela era uma sensação que nunca deixava passar despercebida. Mesmo que quem a observasse fosse um profissional, como era o caso de Dante.

O homem grande, de traços rústicos e cabelos loiros alinhados para trás em um rabo de cavalo mediano, observava a médica de um lugar reservado em meio ao parque verde, do outro lado da rua em frente ao CCU. Vestia-se de forma descontraída, um *sport fino* e óculos escuros que disfarçavam a força de seus olhos verdes claros. Sentado em um banco de madeira na frente da praça, lia um pequeno folheto referente ao leilão de móveis que ocorrera horas antes no Casarão do HUNS. Ao notar o olhar fixo de Stone sobre ele, acabou levantando-se e atravessando a rua calmamente, indo ao encontro dela.

A aproximação de Dante fez Erica esboçar um sorriso. Ele não era apenas um observador sempre à espreita, mas sua segurança particular há quase cinco anos, dois dos quais sem o conhecimento – ou *consentimento* – da médica. Em alguns momentos, ela se pegava pensando que não precisava mais dos serviços do nórdico de quase dois metros de altura, mas logo depois se recordava das razões pelas quais ele anunciou sua existência para ela – salvando-a de coisas que agora jaziam mortas no passado. Dante era seu porto seguro ao fim do dia; a existência mais real em seu mundo de aparências. O que conhecia seus segredos, pois eram dele também. *Bem, ele não era o único a conhecer tais segredos*, Erica corrigiu-se mentalmente. *Contudo, era o único sem motivos para usar tais segredos contra ela.*

— Não esperava vê-lo tão cedo — Erica comentou quando Dante chegou a poucos metros dela. Ele retirou os óculos, e os olhos verdes e graúdos a fitaram de forma gentil.

— Eu estive na velha propriedade, procurei onde me perdi. Não está lá.

Erica mostrou-se surpresa com as palavras de Dante. Certamente não era a resposta que ela esperava ouvir.

— Como assim não está lá? A carta é clara. Está no porão da casa.

— Há muitas coisas no porão, mas não o que procura. Eu contatei o administrador e ele me disse que alguns funcionários da Fundação Verena Valmont estiveram lá para buscar os móveis do leilão. Ninguém mais entrou na casa, então deduzi que um dos funcionários pode ter encontrado o pacote e levado para o leilão — disse, mostrando o folheto informativo que trazia nas mãos — estive lá agora. Revirei todo o lugar, conferi todos os itens leiloados. Não está lá.

— Se alguém encontrou... — Erica considerou a possibilidade, mas negou veementemente com a cabeça. Insistiu — tem que estar na casa. É uma propriedade grande, talvez esteja no quarto dela.

— Há algumas paredes ocas, esconderijos na casa — Dante disse. — Eu vou verificar novamente.

— Faça isso, por favor — Erica respondeu. Fitou seu guarda-costas com a mesma gentileza que ele direcionava a ela — ligue-me se descobrir alguma coisa.

— Certo — Dante preparou-se para ir embora. — Não precisará de mim hoje à noite?

Erica balançou a cabeça negativamente e sorriu com o canto dos lábios — não se preocupe. Estarei praticando meu jogo favorito hoje à noite.

A reunião da tarde durou uma eternidade, especialmente para Tom Esquivel. Sentou-se no alto da sala de reunião, a qual, na verdade, era um auditório na forma de anfiteatro com capacidade para quase 200 pessoas. Na parte inferior, Dra. Erica Stone fazia sua apresentação para toda a equipe do CCU, o que incluía médicos, enfermeiros, assistentes e todos os que estavam envolvidos de alguma forma com o Centro Cirúrgico, mais alguns médicos chefes de outros departamentos do HUNS. Apresentava-se pela primeira vez, falando rapidamente de sua experiência no exterior e concentrando-se na maneira como gostaria de organizar a CCU dali para frente. Um perfeccionismo mesclado a um forte senso de autoridade evidenciou-se imediatamente para todos, ainda que a simpatia da cirurgiã-chefe começasse a transparecer. Era jovial, alegre em suas palavras, chegava a ser meiga em alguns momentos. Aquela era uma face da médica que Tom ainda não havia conhecido. Olhou em volta e notou que seus companheiros não guardavam mais o tom de desconfiança em relação à nova chefe de cirurgia, ao contrário; pareciam dispostos a colaborar, após a apresentação cordial de como o CCU

poderia ser ainda melhor do que já era.

Entre tantos médicos, Tom duvidou que ela tivesse feito o teste do sofá com todos. *Ou seria o teste da cama hospitalar?*

Erica seguiu explicando os detalhes de sua nova distribuição de tarefas, mas a mente de Tom estava longe. Intrigava-lhe o cartão que vira sobre a mesa de Erica mais cedo. A máscara desenhada em relevo era idêntica à que ela tinha em uma das paredes, parecia representar algum tipo de divindade. Qual era o significado daquela máscara e do cartão? E que tipo de pessoa recebe um “Maître” no escritório? O que aquele homem queria? Tom tinha absoluta noção de que nada daquilo lhe dizia respeito, mas assumira uma estranha obsessão pela Dra. Stone nas últimas horas, especialmente após sua leve divagação erótica no almoço. Felizmente, a ereção que se desenhava no sonho acordado e que o acompanhou na mesa durante a refeição não foi vista por mais ninguém, ou seria extremamente constrangedor. Não conseguia parar de lembrar dos detalhes, no entanto. O rosto de Erica encarando-o pelo espelho era tão real quanto o som de sua voz a ecoar pelo auditório durante a reunião.

Se acreditasse em magias e bruxarias, tudo estaria explicado. *Aquela mulher o enfeitiçara*, só poderia ser aquela a razão.

Mas Tom nunca acreditou em feitiços. Tudo em que colocava suas fichas era no poder da ciência, na anatomia a ser desvendada para que chegasse aonde quer que tivesse de chegar. Aquela mulher era um mistério a ser desvendado, tudo o que ele precisava fazer era chegar à anatomia de suas intenções.

O que ela realmente queria com ele, além de fazê-lo sentir-se um completo, sortudo e excitado idiota?

Tom ligou o tablet que trazia sobre o colo e acionou o Google para uma rápida busca. Digitou “Dra. Erica Stone” e um mundo de informações surgiu a respeito dela. Uma cirurgiã cardiopulmonar de 33 anos, formada em uma conceituada universidade europeia e com várias especialidades em cardiologia. Esteve na África e Ásia realizando procedimentos, apenas pela experiência em lugares com poucos recursos, e depois retornou à França, onde conheceu o marido, Dr. Manoel Stone. Nenhum filho, vários prêmios. Provavelmente a mais jovem médica a alcançar a chefia de uma equipe cirúrgica com aquelas proporções. Havia algumas poucas imagens, a maioria de congressos ou fotos de arquivo da consagrada universidade europeia onde se formara. A mais recente trazia ela ao lado do marido e de alguns figurões da cidade de Nova Suburbia, entre eles, o próprio prefeito.

Se tivesse feito seu dever de casa e buscado estas informações antes, Tom não teria caído tão fácil na armadilha da cirurgiã. *Ou ao menos cederia consciente do que estava fazendo.*

Decidiu buscar pela sigla que havia visto no cartão de visitas, CdV. A primeira menção se

referia a uma empresa de tecnologia alemã. Tom duvidou que o cartão representasse a companhia. Seguiu procurando, página após página, até achar uma menção curiosa em um fórum pouco visitado:

Clube de Vênus.

O comentário trazia a foto de uma máscara, o que despertou ainda mais a atenção de Tom. O relato perguntava sobre a lenda urbana de um clube onde as pessoas basicamente faziam sexo com estranhos usando máscaras. Tom arregalou os olhos. Aquilo era completamente plausível, especialmente se Erica Stone poderia ter algo a ver com a história. O relato, contudo, seguiu dizendo que tudo se passara há vários anos atrás, mas em algum lugar de Nova Suburbia. Era muita coincidência para Tom e ele refez a busca.

Digitou “Clube de Vênus” e muitas coisas apareceram, mas nada parecia ter relação com o que procurava. Enxugou a busca adicionando “Nova Suburbia”. O mesmo fórum voltou a aparecer, mas agora com outra postagem além da anterior. Mais uma vez, menções sobre sexo com estranhos e máscaras, além de uma suposta comunidade secreta formada por médicos.

Era coincidência *demais*.

Tom decidiu tentar uma nova busca: “Clube de Vênus, Erica Stone”.

Nada foi encontrado.

— Esta reunião o está atrapalhando, Dr. Esquivel?

A voz da Dra. Stone soou mais alto do que o normal, levando a atenção de todos até Tom, que devolveu o olhar surpreso enquanto cobria o tablet com suas mãos.

— Desculpe-me... Como?

— Eu estava lhe perguntando a respeito das estatísticas de cirurgias ortopédicas da CCU nos últimos seis meses. Sabe quantas foram feitas?

— Bem... — Tom buscou a informação rapidamente em seu cérebro — 687 intervenções cirúrgicas, contando as três realizadas hoje.

— E você compreende o que há de inaceitável nesse número? — Ela continuou, como se aquilo fosse uma sabatina.

— Poderia ter sido 13,5% maior, se não fosse pela falta de anestesistas.

Ela sorriu satisfeita com a resposta, mas não perdeu a oportunidade para sacaneá-lo:

— Espero não ter que adicionar ‘distração’ a esta estatística, Dr. Esquivel.

— Mesmo distraído eu consigo fazer o que é necessário, Dra. — Tom disse, sentindo o olhar pasmo dos companheiros sobre ele, particularmente o de Brian e Lea.

— “Mesmo distraído eu consigo fazer o que é necessário, Dra”... O que estava tentando, suicídio profissional? — Brian disse a Tom pouco depois da reunião, quando enfim puderam sentar dignamente na cafeteria parcialmente vazia do hospital para conversar um pouco. — Ela tem aquela cara doce, mas eu ouvi dizer que ela é uma fera quando se trata de demitir gente por razões bestas.

— Eu não estava pensando — Tom se defendeu, um tanto quanto entediado com a conversa.

— Não, não estava; aliás, eis algo que você não parece ter feito o dia inteiro. Chegou com aquela maluquice de manhã, que ainda não me contou, e agora apronta uma dessa na reunião mais importante de sua carreira. A mulher te nomeou líder da equipe ortopédica, sabe quantos ali, naquele auditório, trocariam um fêmur por esta vaga?

— Eu sinto como se não merecesse, Brian. Lea deveria estar nessa vaga, não eu.

— Nós imaginávamos Lea como *chefe* de cirurgia, mas eu já superei. A Dama de Ferro realmente parece ter mais bolas do que Lea, enfim...

O garçom da cafeteria se aproximou dos dois trazendo duas xícaras de café. Tom observou o amigo colocar um pouco de adoçante e levar a bebida quente à boca.

— Brian, você já ouviu falar no Clube de Vênus?

Brian Lazo praticamente cuspiu o café de volta à xícara ao ouvir a menção ao nome. Repousou a xícara na mesa e encarou o amigo atordoado.

— Realmente, você está mal da cuca hoje — afirmou, balançando negativamente a cabeça para então explicar. — Por que está me perguntando sobre isso? Você nunca, mas *nunca* mesmo, mencione esse nome em voz alta aqui dentro.

A reação de Brian foi o suficiente para deixar Tom ainda mais intrigado.

— Então você sabe o que é. Por que não posso falar sobre isso?

Brian olhou para os lados, averiguando se não havia ninguém na cafeteria prestando atenção neles. Os poucos médicos e visitantes presentes pareciam estar focados em seus próprios círculos de conversa. O cirurgião então voltou a atenção para sua xícara, falando em voz baixa, pausadamente.

— Essa coisa que você falou aí... — Ele começou a explicar, com o olhar sério — é uma espécie de sociedade antiga dentro do HUNS. Alguns estudantes de medicina se reuniam à noite para estudar anatomia, mas, na verdade, estavam estudando corpos em movimento, se é que me entende...

Fazendo sexo, deduziu Tom, curioso. — Então eram estudantes?

— Não exatamente. A farra dos estudantes era apenas fachada para esconder a coisa real. Um grupo de pessoas que vinham ao hospital para, você pode imaginar o quê, usando

máscaras para não serem reconhecidas. Pensávamos que era uma coisa entre estudantes, só curtidão e sexo, nada demais.

— *Pensávamos?* — Tom questionou mais surpreso ainda com Brian — Você fazia parte disso?

Brian olhou para os lados mais uma vez. Falou ainda mais baixo. — Um belo dia fui convidado para participar de uma “sessão”. Era só chegar lá, por a máscara, me divertir. E te digo, cara, a coisa foi selvagem. Nunca estive com um parceiro como aquele, foi uma loucura! Só que aí, surpresa! Estávamos sendo observados por um mundo de gente. Vários médicos entre eles. Até nosso antigo professor de Físio II estava lá.

— Ta de sacanagem... — Tom se viu incrédulo, mas Brian insistiu,

— De verdade! Ele, um mundo de gente! Todos observando o ato através de um vidro. Eu achei que estava em uma espécie de arena; nem teria notado que havia gente no alto assistindo, se uma das luzes não tivesse falhado. Viram tudo, mas não me reconheceram por causa da máscara. Ao menos *eu* acho que não.

— Mas você chegou a reconhecer os que assistiam!

— Sim, alguns, mas e daí? Não é como se eu tivesse saído por aí falando aos quatro ventos! Essas coisas não se falam abertamente, cara, eu até assinei um contrato de sigilo. Você é a primeira pessoa a quem conto isso fora do círculo!

— Quem mais faz parte?

— Sinto muito, Tom. Se desconfiarem que eu contei a você, eu estarei fora e encrencado. E eu não quero ficar de fora, muito menos encrencado.

— Como faz para entrar?

Brian tossiu uma risada, incrédulo — Você? Querendo entrar? Qual é, Tom, você deve ser um dos seres mais caretas e tímidos que eu conheço. Nem para festa da fraternidade você ia!

— Eu... Não disse que queria entrar, só perguntei como faz para entrar — Tom desconversou sem graça.

— Não faz nada... Você é convidado. Agora... Como exatamente você ficou sabendo do Clube?

Tom procurou a melhor forma de colocar a situação sem se comprometer demais. — Algo que eu vi na sala da Dra. Stone... E uma máscara na parede.

Brian mais uma vez se viu surpreso. — Ela tem uma máscara na sala dela? Dra. Stone?

Se Erica Stone fazia ou não parte do Clube de Vênus, a cara de Brian evidenciou para Tom que ele não fazia ideia. Para Tom, no entanto, agora estava mais claro do que nunca: ela sim fazia parte.

— Por que você não pergunta a ela? — Brian disse, olhando para o balcão da

cafeteria. Tom seguiu o olhar do amigo e viu a chefe de cirurgia pedindo um suco ao atendente.

De novo não, meu Deus... Tom pensou, imaginando como poderia se policiar dessa vez para não ter nenhum sonho acordado que o colocasse em situação embaraçosa pela segunda vez em um mesmo dia.

Terceira, se considerasse também a situação embaraçosa que *realmente* aconteceu.

Erica pegou um copo de suco de laranja com canudo e seguiu na direção da mesa dos dois cirurgiões ao vê-los ali. Parou de pé diante deles:

— Doutores... — Disse com sua voz levemente rouca.

Brian levantou-se rapidamente e puxou uma cadeira para a chefe. — Por favor, Dra. Stone, fique à vontade.

— Ficarei se me chamar de Erica — ela sorriu agradecida e se sentou. Encarou os dois médicos, confortável — então, do que costumam falar depois de um longo dia de pouco trabalho e muita burocracia?

— O quanto teremos que trabalhar amanhã para compensar a burocracia de hoje — Tom respondeu com bom humor, tomando um pouco de seu café.

— Alguns já começarão agora — Brian disse observando seu pager. — Consulta, com licença, Tom, Erica...

Brian se levantou da mesa e se retirou, deixando Tom e Erica a sós. Os dois se olharam por um longo instante e a morena deu um longo gole em seu suco, mexendo-o com o canudo.

— “Mesmo distraído eu consigo fazer o que é necessário”? — Erica questionou, fazendo quote de Tom na reunião.

— Desculpe — foi o melhor que Tom conseguiu dizer.

Erica ajustou seu jaleco e cruzou as pernas. Dessa vez, usava as calças cirúrgicas, para o alívio de Tom.

— Talvez eu tenha lhe dado intimidade demais para um dia só. — Ela disse com seu já tradicional olhar desafiador.

— Realmente peço desculpas — ele buscou retratar-se. — Não costumo me distrair em reuniões. Estava checando algo no tablet.

— O que era tão importante que não podia esperar?

— Estava lendo sobre você — Tom admitiu de forma tranquila.

— O que descobriu? — Erica não negou a curiosidade, ainda que tudo o que dizia parecer ter sempre um sentido oculto.

Tom bebeu um pouco mais de café antes de responder. — Que você é brilhante. Casada com Dr. Manoel Stone há três anos, sem filhos...

— Estava buscando informações sobre meu casamento? Pode me perguntar o que quer

saber. Ou melhor, podemos fazer assim: você me faz uma pergunta e eu te faço outra, o que acha?

— Justo — Tom aceitou o jogo da chefe. — Por que está traindo seu marido?

— Nunca trai meu marido — ela rebateu sem pestanejar, deixando Tom um tanto confuso. — Minha vez como é transar com sua esposa?

— Maravilhoso.

— Mentiroso...

— Por que acha que estou mentindo?

— Porque você está aqui comigo tendo essa conversa, não em sua casa comendo ela — Erica respondeu, tomando mais um gole do suco. — Aposto que devem fazer algo tradicional e entediante, mas você não havia parado para se dar conta do quão entediante era, pois sua excitação sempre esteve no trabalho e não na cama. Ao menos, você achava que estava. Até hoje.

Havia um fundo de verdade na afirmação de Erica, mas Tom tentou não transparecer isto em sua expressão confiante. Felizmente era médico, não jogador de pôquer.

— Minha vez... — Tom disse, fingindo pensar a respeito de uma pergunta que já trazia na ponta da língua — O que é o Clube de Vênus?

A pergunta fez Erica interromper a dinâmica e rir de forma sacana.

— É algo que você deveria esquecer, antes mesmo de conhecer.

— Por quê?

— Esta é outra pergunta, minha vez. Com quantos anos teve sua primeira vez?

— Vinte e um. — Tom respondeu rápido, voltando ao que lhe interessava. — Por que devo esquecer o Clube de Vênus?

— Você não está pronto para isso — Erica rebateu falando um pouco mais baixo, rouca, sexy, seus olhos quase âmbar vidrados nos dele. — Por que quer saber do Clube?

— Eu quero entrar.

— Entrar? — Erica riu, ajeitando-se na cadeira e recruzando as pernas. — Você sequer sabe a senha.

— Senha?

Aquela era uma informação nova para Tom. Fitou Erica, intrigado, e ela devolveu o olhar, arqueando a sobrancelha, compenetrada e desejosa ao mesmo tempo:

— Para acessar o mundo de Vênus, você teria que fazer muitas concessões... A primeira delas seria abdicar de seus padrões morais.

— Como assim? Abrir mão dos meus valores?

— Dos valores que a sociedade implantou em você. Uma sociedade *extremamente*

hipócrita, que acredita saber o que é certo ou errado e lhe diz que dar espaço aos seus desejos é algo imoral.

— E você quer me dizer com isso que o que fizemos no quarto 301, hoje pela manhã, não é imoral?

— Imoral para quem? — Erica insistiu no debate. — Quem está julgando o que fizemos? Você? Aqueles que não viram e não sabem? A sociedade de Nova Suburbia? — E mais uma vez, tomou um gole de seu suco antes de prosseguir. — Acredite, qualquer sociedade é capaz de reconsiderar alguns valores, se outros se mostrarem mais importantes. Você vai aprender isso mais cedo ou mais tarde. O subversivo nada mais é do que aquilo que corrói uma estrutura. É a única razão pela qual o vemos como algo por baixo. Para você entrar no Clube, precisa ser subversivo, terá que corroer os princípios morais que ditam o que você pode ou não fazer, o que é ou não é aceitável. E definitivamente, Esquivel... Terá que se colocar *por baixo*. Está pronto para isso?

Tom não soube o que responder. Não se sentia pronto para questionar-se àquele nível. O que havia feito pela manhã com Stone ainda lhe parecia errado. Traíra a fidelidade de sua esposa. Traíra a confiança do HUNS em seu profissionalismo. Assim como foi Stone, poderia ter sido outra mulher, e aquela era uma questão que o intrigava. *Teria feito o que fez com outra mulher? Ou o fez pelo fascínio que Erica Stone exercia fortemente sobre ele?*

A médica sorriu ao ver Esquivel tão confuso. Um grupo próximo de médicos conversava animado a algumas mesas de distância deles na cafeteria, mas levantou-se e deixou o lugar entre piadas e risos. A ampla lanchonete estava agora consideravelmente mais vazia. Não havia quase ninguém no entorno de cadeiras próximas a Tom Esquivel e Erica Stone. Ela colocou-se ainda mais confortável em seu assento e fitou o cirurgião com um sorriso cínico e penoso.

— Olhe para você, tomado pela culpa. E tudo o que fez foi colocar um par de dedos em minha xoxota. Provavelmente ficará horrorizado também por eu ter usado um termo tão vulgarizado, o que você não esperaria de uma cirurgiã rica e bem educada como eu. Nossa sociedade não nos ensinou a sentir conforto diante de inúmeras palavras e gestos que permeiam nosso inconsciente, onde *nada* está sob controle, onde o esteticamente belo não diz respeito somente ao que você vê, mas ao que sente e constrói.

— Não tenho problemas com as palavras — Tom a corrigiu. — Eu acho até que... Elas me excitam às vezes. Eu gosto de falar enquanto faço sexo.

— Então você fala enquanto transa com sua esposa? Fala sacanagem para ela?

Tom negou com veemência, um tanto envergonhado por estar abrindo aquela parte de sua intimidade conjugal. — Vivian não é esse tipo de mulher.

— E não há nada errado no tipo de mulher que ela é, nos desejos que tem. A não ser que

ela se esconda atrás do que pareça ser. Você se esconde, Esquivel? Você é o que eu vejo? Um pacato cirurgião cuja maior emoção na vida foi cruzar um sinal vermelho no meio da madrugada? Ou é o que eu desejo? O espírito indomável à espera do maior desafio de sua vida?

— *Você é o maior desafio que eu já tive na vida* — ele a encarou convicto. — E como você mesma disse, eu talvez não seja realmente o que você deseja. Você me deseja como um homem selvagem e bruto. Eu sou gentil e educado. Ao menos, é o que todos sempre me dizem.

— E é uma máscara e tanto — Erica rebateu. — Mas o que realmente importa aqui, Doc, não é a selvageria ou brutalidade. O Clube de Vênus diz respeito à transfiguração. Você é capaz de por uma máscara e se tornar o que *eu* desejo? É capaz de tornar-se o que sua esposa deseja? O que qualquer mulher deseja?

— Como posso saber o que qualquer mulher deseja?

— Bem, essa é uma resposta fácil. Todas elas desejam gozar! A verdadeira pergunta então seria... Qual a anatomia de um gozo?

Tom franziu o cenho com a pergunta. *Anatomia de um gozo?* Erica se inclinou para a frente, aproximando-se um pouco mais dele. Sussurrou para que somente ele e mais ninguém pudesse ouvir.

— Diga-me, Esquivel. Sem me tocar... Como me faria gozar? Como encontraria os caminhos do prazer em meu corpo sem tocar seus preciosos dedos em mim? Como faria para alcançar minha alma sem nunca alcançar meus lábios?

Tom encarou Erica, refletindo a pergunta por um instante, inclinando-se na direção dela sem se importar se aquilo poderia ser visto pelos demais como estranho. Seus olhos azuis invadiram o espaço privado da Dra. Stone e ele entreabriu os lábios lentamente, pronunciando sua resposta quase ao pé do ouvido dela:

— Eu a convidaria para um jantar a dois ao ar livre e beberia contigo meu melhor vinho... Eu te deixaria sorrir a noite inteira, contando suas histórias de infância, aquelas que você jamais contou a ninguém, porque sequer se lembrava delas. Mas são boas lembranças e você pensa em compartilhá-las comigo, assim como eu as compartilharia com você... Depois eu te levaria para sua casa e velaria seu sono em concha, acariciando seus cabelos, alisando sua nuca... E quando você acordasse, eu estaria lá para lhe servir um delicioso café feito às pressas, porque sou péssimo na cozinha... Mas ainda assim você iria gostar, pois perfeição não te agrada quando se trata de amor. Você gosta bagunçado, desmantelado... Fora de controle... Você jamais faria amor comigo em uma noite tranquila e previsível... Mas na chuva, na lama, no inconstante, no inesperado... Você nunca faria amor comigo sabendo o que esperar de mim... Você vai esperar até que eu perca o controle, que eu seja uma ameaça para tudo e todos, para você e para

mim... Neste dia eu irei beijá-la como nenhum homem jamais a beijou, eu irei devorá-la de dentro para fora... Porque, quando este dia chegar, eu ganharei seu corpo, mas sua alma já estará totalmente exposta...

Erica permaneceu imóvel a ouvir as palavras de Tom ao pé de seu ouvido. Deu um leve sorriso ao final, satisfeita com o que havia escutado. Virou a cabeça na direção dele e concluiu, com sua visão dos fatos:

— Você está certo quanto ao controle... Excita-me te ver desconfortável, bagunçado...

Mas está errado quanto ao amor... Isto não tem nada a ver com amor.

— Ainda não — ele disse, convicto. — Mas não há equação perfeita sem amor.

— Conhece-me a menos de 24 horas e já está falando em amor? Esta será sua máscara, Doc? — Erica levou a mão de encontro ao rosto de Tom. Deixou seu dedo roçar por cima do lábio inferior do médico, entreaberto pela proximidade de seus rostos. Ela deslizou o dedo pela carne sensível e macia enquanto o encarava. Os olhos azuis de Esquivel refletiam um desejo forte, mas ainda controlado. *Ele a queria*, Stone sentiu. *Mas não o suficiente para encontrar Vênus.*

A morena ainda conteve sua respiração próxima ao rosto de Tom por um tempo após retirar seu dedos dos lábios dele. Só depois se levantou da mesa pegando seu suco. Puxou-o pelo canudo até a sucção mostrar que não havia mais o que ser sugado. Largou o copo de volta sobre a mesa e repousou a mão sobre o ombro de Tom, provocativa:

— Um virgem de vinte e um anos... Teria sido *interessante* desfrutá-lo assim.

Erica virou-se para ir embora, mas seu pager bipou no jaleco, assim como o de Tom. Ambos olharam ao mesmo tempo, se encararam.

Estavam sendo chamados.

Os dois cirurgiões correram para a ala de emergência, onde receberam a notícia de que uma ambulância chegava com uma vítima de um grave acidente de carro nas remediações do *campus*. Uma jovem universitária e seu minúsculo automóvel havia recebido o impacto de uma carreta que desviou de seu caminho, causando um grave engavetamento. Tom e Erica chegaram à sala de emergência no momento em que os médicos plantonistas começavam a prestar os primeiros socorros.

— O que houve? — Erica perguntou ao paramédico parado junto à porta, enquanto Tom se dirigia até a paciente.

— Choque frontal, a mulher teria sido lançada para fora se não fosse o cinto! Possível caso de hemorragia interna, pressão chegou em 9, oxigenação em 60, totalmente inconsciente desde a hora do acidente, segundo testemunhas.

— Ok, vamos ver aqui — ela se aproximou da mulher que seguia sendo entubada pelos plantonistas. — Tom, fale comigo.

— Talvez precise de uma laparoscopia — o cirurgião disse, enquanto aguardava a enfermeira cortar a roupa da mulher. — Vamos precisar de tomografia da cabeça, abdômen — ele se colocou junto à paciente e começou a apalpá-la. — Abdômen mole, o baço parece comprometido.

— Faça RX da coluna também, peito e pélvis — Erica disse a um dos enfermeiros.

— Pressão sistólica caindo, ela não está bem! — Berrou um dos plantonistas que fazia o atendimento e voltou-se também para os enfermeiros — Onde está o O negativo?

— Chegando — respondeu uma enfermeira que se aproximava distribuindo coletes de chumbo. Entregou o aparelho de ultra-som ao Dr. Esquivel e ele movimentou o objeto sobre o estômago da paciente voltando-se para o monitor, assim como Erica. A cirurgiã franziu o cenho ao ver as imagens na tela.

— Oh, droga...

— O que foi? — Um dos plantonistas questionou, e Tom respondeu prontamente,

— O fígado está lacerado. Está uma bala dentro! Ela precisa ser operada com urgência!

A essa altura, Erica Stone já estava mandando uma das enfermeiras ligar para o CCU e alertar um cirurgião geral.

— Não consigo estabilizar isso aqui — o plantonista disse, mas a notícia pior veio do enfermeiro:

— Taquicardia, sem pulso!

— Oh, droga — Tom lançou os braços para cima da paciente, fazendo massagem

cardíaca — RPC, alguém traz o desfibrilador aqui!

— Mande preparar o CC 9, vamos subir, chame o elevador e segure-o! — Erica disse à enfermeira, que logo saiu correndo da sala. A cirurgiã retornou para junto da paciente, dando instruções aos enfermeiros — 0,8 mg de epinefrina, prepare Amiodarona, 300 e 150!

Um outro plantonista carregava as pás do desfibrilador, enquanto Tom mantinha a massagem cardíaca. Gritou para o cirurgião e os demais — Afastar!

Todos afastaram e o plantonista encostou as pás no peito da paciente, fazendo seu corpo arquear com o choque. Todos voltaram as atenções para o painel, mas não houve efeito.

— Sem ritmo estável, carregar pás, 260! — o plantonista se preparou para repetir e Tom voltou à massagem.

— Não temos amiodarona, Dra! — avisou a enfermeira a Erica, enquanto ela procurava um cateter em volta.

— Lidocaína em dobro! — Gritou, ao mesmo tempo em que enfiou um cateter no peito da paciente, fazendo uma rápida torascotomia.

— Afastar!

Um novo choque foi dado. Desta vez um ritmo foi detectado.

— Vamos subir com ela — Erica disse empurrando a maca, mas Tom reagiu contra.

— Ela está muito instável, não devemos removê-la, ela vai morrer no elevador com esse ritmo fraco!

— Vai morrer *aqui* se não a levarmos logo!

— Saturação caindo... — o enfermeiro disse, e Erica voltou a empurrar a maca,

— Não vou permitir que morra aqui, droga, vamos logo!

Tom se viu contrariado, mas ela era a chefe e não poderia questioná-la. Correram todos, empurrando a maca para o elevador, onde a enfermeira aguardava segurando a porta. Subiram rápido, administrando os medicamentos e buscando manter a paciente com ritmo, mas assim que a porta do elevador se fechou, a fibrilação foi embora. A própria Erica agarrou as pás do desfibrilador portátil e começou a carregá-las, atenta para a massagem que Tom realizava na paciente. Um leve estalo se seguiu à pressão que ele fazia com as mãos.

— Espero que isso não tenha sido uma costela, droga...

— Afastar!

Um forte choque, sem efeito. Erica se preparou para ordenar nova medicação, mas a enfermeira deu o aviso antes:

— Droga, perdemos o acesso periférico!

Era o pior que poderia acontecer naquele momento, e Tom trocou um olhar com Erica, massageando a paciente e aguardando a decisão da cirurgiã, que veio rápida, sem pestanejar:

— Ok, use a endotraqueal, metade de LD!

O elevador se abriu no andar cirúrgico no instante em que a enfermeira seguia as instruções. Todos afastaram para um novo choque. Desta vez o corpo arqueou e retornou com ritmo. A equipe então se pôs a correr para a sala de cirurgia, onde um grupo de cirurgiões já aguardava. Erica deixou a paciente adentrar a sala, dando rápidas instruções, e correu para trocar-se, junto com Tom. De frente para a torneira, os dois trocaram um rápido olhar.

— Essa foi incrível, Dra. Stone — Tom disse, certo de que a paciente continuava viva unicamente pela decisão que ela havia tomado.

— É preciso aventurar-se, Dr. Esquivel. Não se pode controlar tudo, não é verdade?

Sim, era verdade. Ele mal podia conter o impulso de beijá-la.

Já havia passado das 22h quando terminaram a complicada cirurgia da jovem universitária. Ela ficaria bem, embora ainda tivesse uma longa recuperação pela frente. Tom seguiu para o vestiário dos cirurgiões, extasiado pela adrenalina sentida ao longo do procedimento no movimentado CC 9. O nervosismo da equipe, diante da possibilidade de perder a jovem na mesa de cirurgia, contrastava com a exacerbada confiança de Erica Stone em suas próprias habilidades, conduzindo a equipe como um maestro a extrair o melhor de sua orquestra.

Esquivel não tinha mais dúvidas de quão talentosa Erica realmente era. Vê-la à frente de uma cirurgia tão intrincada o fez imaginar que ser chefe da equipe cirúrgica era sem dúvida uma recompensa ao talento de Stone, mas um desperdício de seu brilhantismo técnico.

Tom entrou no vestiário vazio e seguiu rumo ao banheiro, tirando toda a roupa. Estava cansado, mas a excitação profissional o dominava ao ponto de acreditar que poderia passar a noite inteira trabalhando. Era tarde, Vivian o estaria esperando em casa àquela altura. Decidiu tomar um banho rápido, retornar à sua casa o mais rápido possível. Ter uma noite de sexo selvagem com sua esposa o ajudaria a superar seu emocionante – e frustrante – dia.

Foi então que escutou um barulho. Um estridente som metálico provindo do vestiário.

Alguém acabara de abrir um dos armários.

Tom circundou uma toalha branca ao redor de sua cintura e retornou à área dos armários.

— *O que pretende fazer?*

A voz feminina ecoou pelo lugar parcialmente vazio. Erica Stone, parada diante do conjunto de armários, encarava Tom, enquanto soltava o rabo-de-cavalo em sua cabeça. Os cabelos castanhos caíram ondulados sobre seus ombros ainda vestidos pelo uniforme cirúrgico.

Tom buscou respirar enquanto respondia à pergunta.

- Vou tomar banho.
- E por que faria isso sozinho?
- Por que eu *não* faria?

Erica respondeu descendo suas calças com delicadeza, deixando-as correr pelas pernas nuas. A parte superior do uniforme cirúrgico agora era a única peça de roupa que separava Tom da lingerie branca que despontava sutil sobre o corpo da médica. Ela o encarou provocativa e Tom caminhou em sua direção, pressionando-a contra um dos armários. A força com que o fez, acabou gerando um enorme barulho metálico, mas nem ele ou Erica pareceram se importar com isso.

— Seria incrível se pudéssemos terminar o que começamos essa manhã, não é mesmo? — Erica disse. — Diga-me, Doc... O que gostaria de fazer?

— Foder você como se não houvesse amanhã — ele respondeu, pouco antes de arrancar o resto de uniforme de Erica e afagar seus seios. A médica suspirou com a voracidade de seu amante, desejosa para que ele fosse ainda mais duro em seus movimentos.

Tom sabia que só havia uma coisa mais dura do que seus gestos naquele instante. Pôs sua rigidez em completa evidência ao deixar a toalha cair aos pés dos dois. Erica olhou para baixo ao sentir a ereção de Tom roçar seu estômago e sorriu, sádica:

— Quer mesmo fazer isso? Aqui, contra esse armário?

Tom levou uma das mãos de encontro ao armário, pouco acima do ombro de Erica. A outra mão foi em direção à calcinha dela. O moreno puxou o fino tecido para o lado e acariciou o monte de Vênus dela, estimulando-a.

— Não há nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar... Exceto em você.

Exceto em você.

As palavras ecoaram na mente de Esquivel, misturando-se ao som intenso da água que caía sobre seu corpo. Viu-se parcialmente ofegante sob o chuveiro ligado, consciente de que aquele momento no vestiário unicamente acontecera em sua imaginação. Em mais um de seus devaneios. Tinha as duas mãos de encontro à parede de azulejos lisos, os olhos fechados, o corpo nu em um estado de pré-excitação. A água morna fervia em suas costas largas, seu peito forte. Banhava seu membro atizado e suas coxas firmes, suas nádegas arredondadas. Poderia levar embora as impurezas em sua mente, a qual parecia dizer-lhe que estava agindo errado. *Quer mesmo fazer isso?* Seria sua sensatez a dizer-lhe, de modo indireto, que ele não poderia tomar o rumo que seu corpo implorava? Ou seria a alma o problema, a desejar e tirar do corpo seu controle e arbítrio? Qual arbítrio Tom Esquivel possuía, além da vontade flamejante de possuir Erica Stone de todas as formas e em todos os cenários possíveis e imagináveis?

Além dos *inimagináveis*?

Deixou o banho poucos minutos depois, vestiu-se. Despediu-se de Brian e os poucos médicos do plantão noturno, para então seguir de volta ao estacionamento, o qual se encontrava praticamente vazio. Em um dia normal, passaria pelos prédios gêmeos do HUNS para buscar Vivian, mas esta já havia ligado para dizer que pegara um taxi. O fazia sempre que Tom ficava preso em cirurgias de emergência. O médico preparou-se para ligar o carro, mas acabou permanecendo em silêncio um momento, pensando em tudo o que acontecera em um único turno.

Um dia de Erica Stone e já se sentia capaz de escrever um livro sobre sua odisseia.

Estava para sair quando viu um carro bem luxuoso parar próximo à entrada da CCU. Um Rolls-Royce preto com aros platinados, o tipo de carro que não se costumava ver na porta de um hospital. Tom aguardou curioso para saber quem havia chegado, e mais surpreso ainda ficou ao ver o mesmo homem alto de terno escuro que vira pela manhã no escritório de Erica, o qual fora anunciado como “Maître”.

E ele carregava a maleta prata novamente.

Abismado, Tom desligou as luzes de seu carro e decidiu espreitar um pouco mais aquele mistério.

Em seu escritório, Erica jogou-se no sofá próximo às janelas de vidro e deu um longo suspiro. Que dia longo havia sido aquele, e sequer estava perto de acabar! Retirou os sapatos baixos que usara para a cirurgia e também o traje azul, sem se importar se alguém apareceria sem ser avisado. Viu-se somente em uma fina lingerie branca de seda e levantou-se, buscando um vestido igualmente branco, pendurado em um cabideiro de madeira no canto da sala.

Deixou o vestido liso encaixar sobre seu corpo quando ouviu a porta do escritório abrindo atrás de si. Por um milésimo de instante imaginou ser Tom Esquivel, mas a voz que se seguiu era mais grossa e arranhada.

— Minha querida esposa está pronta? Oh... — Manuel Stone parou deliciado ao ver que ela estava se vestindo. O médico de cabelos grisalhos vestia um refinado tuxedo preto. — Cheguei na hora certa?

— Apenas se estiver disposto a fechar o zíper em vez de arrancá-lo... — Erica respondeu provocante.

— Um sacrifício que estou disposto a fazer. Mas só hoje.

Dr. Stone correu a mão pelas costas de Erica enquanto fechava o zíper com cuidado. O

vestido longo e justo tinha um desenho elegante, com um decote disfarçado e uma fenda lateral que deixava parte da coxa de Erica à mostra. Manuel correu a mão pela fenda também, sentindo a pele quente da esposa.

— Dia cheio?

— Cirurgia de urgência, não foi das mais simples...

— Sim, me disseram que “Dra. Stone e o Dr. Esquivel estavam tendo dificuldades em estabilizar uma paciente”. Algo nessa frase não me soou bem. Oh, sim, Dr. Esquivel... É ele?

Erica apenas fez que sim com a cabeça.

— Humm... Conheci a esposa dele hoje pela manhã. Fisioterapeuta. Talvez a contrate para cuidar daquele velho problema de coluna...

Manoel concluiu o fechamento do zíper e Erica se voltou para os belos olhos negros dele.

— Aquele que eu te dei? Então precisará de *muitas* sessões...

— Sentiria ciúmes se eu transasse com ela?

— Dentro ou fora das regras?

— Ambos.

— Por que não tenta? — O olhar de Erica era provocante e desafiador. Manuel Stone não ficava para trás. Seu olhar negro parecia esconder uma fascinante perversão, mas ele entendeu a intenção da esposa e de suas palavras.

— Oh, claro... Para que possa dar o troco sem culpa?

Erica levou a mão à pequena gravata borboleta do marido, arrumando-a. — Culpa é algo fora do meu menu, querido... — E então forçou o dedo para que ela se soltasse, virando as costas e seguindo para sua mesa, — esqueceu com quem está falando?

Stone se viu sério por um momento, e era como se mostrasse algum receio. — Não esqueci.

Junto à mesa estavam os saltos altos de Erica. Ela sentou em uma das cadeiras dispostas pelo escritório e encaixou um dos calçados, sem tirar os olhos do marido:

— Você me assistiria transando com ele?

— Eu o mataria e transaria com você ao lado do corpo dele. Seria uma cena incrível, não?

Erica apenas sorriu, colocando o outro salto. Manoel continuou, caminhando pelo escritório:

— A não ser que você o enlouqueça tanto quanto enlouqueceu a mim... E o convença a me matar primeiro.

A cirurgiã o mirou e levantou-se da cadeira, sem deixar clara suas intenções. Caminhou de volta até o marido e voltou a arrumar sua gravata. — Querido, não é o que eu desejo.

Esquível será muito útil aos meus planos. Além do mais... Eu gosto de como *você* rasteja...

Dr. Stone deixou seu olhar correr pelo rosto desejoso de Erica e preparou-se para beijá-la, mas o som de passos no corredor os fez virar em direção à porta.

O Maître. Surgiu diante do escritório e abriu a porta, carregando sua maleta de prata. Mesmo à noite usava óculos escuros, mas os retirou quando se colocou diante de Manoel e Erica.

Seus anfitriões. Os encarou com um confiante olhar castanho escuro:

— Está na hora.

À espreita no estacionamento, Tom observou a porta de vidro do CCU se abrir e o Maître, Dr. Stone e Erica deixarem o prédio. Estavam vestidos para um evento importante e Erica parecia carregar um objeto em suas mãos, Tom não soube decifrar de longe o que era. Estavam para entrar no carro quando Dr. Stone, demonstrando estar meio trôpego, apoiou-se contra Erica buscando sustentar-se. O Maître abriu a porta do carro e rapidamente voltou para ajudar a cirurgiã com seu marido, colocando-o dentro do veículo. Tom assistiu a cena intrigado, até o momento em que o Rolls-Royce deixou o CCU pela rua interna do campus.

Considerou por um instante que poderia segui-los, mas não havia movimento algum na rua escura, seria muito suspeito. Preferiu esperar que eles sumissem de vista e deixou seu carro, retornando para o CCU. Fez seu caminho pelos corredores pouco movimentados até o elevador, e de lá para o 10º andar. Este sim, totalmente vazio no turno da noite, permitiu que Tom assumisse um lado invasivo que até então ele desconhecia em si próprio. Uma vez testemunhara, sem ser visto, o Dr. Marcone escondendo um cartão-chave atrás de um dos quadros que ficavam no hall de acesso ao escritório. Tom seguiu para o mesmo lugar e encontrou o tal cartão atrás da mesa da secretária Marta. Pegou o cartão e o usou na porta do escritório que agora pertencia a Erica. A trava abriu com um sinal sonoro e um ponto verde, permitindo sua entrada.

O que está fazendo? Tom perguntou-se mentalmente, adentrando a sala escura, mas se negou a sentir-se culpado novamente, pois suas suspeitas estavam corretas. Na parede das máscaras divinas faltava uma.

A máscara de Vênus.

Sem saber o que fazer em seguida, Tom caminhou na direção do computador sobre a mesa de Erica. Estava ligado e logado em sua conta ainda, até mesmo seu e-mail permanecia aberto. Sem mais se importar em quantas inflações estaria cometendo, só de estar dentro daquele escritório sem a autorização da chefe de cirurgia, Tom sentou na poltrona de couro e passou o mouse pela lista de e-mails, todos lidos e em sua maioria respondidos. Os remetentes eram

variados, mas praticamente todos diziam respeito ao CCU e à chefia. Entre eles, um e-mail chamou a atenção. Era do próprio Marccone.

Tom não resistiu e clicou na mensagem para lê-la:

De: rmarconephd@ccu.org

Para: ericastone@ccu.org

Erica,

Seja bem-vinda de volta à Nova Suburbia. Fico contente que possa ter convencido Manoel a vir para cá, pois não há mais como negar que o Hospital está passando por problemas financeiros. A CCU sempre pareceu imune a isso, mas os últimos meses foram complicados. Tenho certeza de que sua astúcia e audácia administrativa conseguirão devolver ao HUNS o status que ele merece. Surpreendeu-me um pouco, entretanto, a maneira que escolheu para isso. Achei que assumiria a Direção você mesma. É o problema dos cirurgiões, eu creio: não conseguem ficar longe do bisturi...

Obrigado pela recomendação, M.

Obs: esqueci um cartão-chave do escritório. Está escondido no fundo do quadro atrás da mesa de Marta. Ela é uma ótima secretária e muito discreta. Estou certo de que encontrará seu caminho em meio à fabulosa equipe do CCU, como eu encontrei o meu. Segue em anexo as fichas da equipe, tal como pedi.

— Está me gozando... — Tom disse baixo, incrédulo com o que acabara de ler. — Como assim “assumir a direção você mesma”? Do Hospital?

Por que Erica Stone assumiria a direção do hospital?

Tom se deu conta de que havia verdades muito mais profundas do que a ponta do iceberg que ele estava preocupado em ver. A mensagem estava datada do dia anterior e continha em anexo os arquivos digitais de toda a equipe, inclusive o de Tom, detalhado e com foto. Erica tivera a oportunidade de saber exatamente quem ele era, assim como todos os outros médicos, enfermeiros, todo mundo. Tom fechou a mensagem voltando à caixa de entrada, atordoadado com o mundo de questionamentos que lhe surgiu com aquele simples e-mail, mas algo despertou sua atenção ainda mais.

Havia uma nova mensagem, de poucos segundos atrás.

CdV. “Live Streaming”

Poderia ser demitido por aquilo, ou coisa pior. Tom sabia das implicações, mas não se conteve. Clicou na mensagem e atentou-se às poucas palavras dirigidas ao e-mail de Erica, mas

que pareciam fazer parte de um *mailing list* oculto aos que recebiam a mensagem. O conteúdo trazia um link e os seguintes dizeres:

Início da transmissão: 00:00 (horário de Nova Suburbia).

Quantas pessoas poderiam estar recebendo aquela mensagem? A curiosidade ocorreu a Tom ao mesmo tempo em que clicou no link, o que levou à abertura de uma janela tomando metade da tela. Era uma transmissão de vídeo com várias opções de câmera. Todas mostravam diferentes ângulos de um aposento pouco iluminado, uma espécie de quarto com paredes brancas, acolchoadas. *Sim, um quarto fechado*, deduziu Tom, clicando nos diferentes links para as câmeras.

Um quarto de hospício.

Deitado no chão do quarto, jazia um homem imóvel. Estava nu, exceto pelo rosto coberto por uma máscara vermelha não muito agradável de se olhar. Soava como uma espécie de demônio ou algo do tipo. O sujeito parecia desacordado, a julgar pelo longo tempo em que passou sem mexer um músculo sequer do seu corpo. Tom lembrou-se de Manoel Stone, trôpego. Seria ele o homem de máscaras deitado naquele quarto? Se era, o local da transmissão não poderia ser longe, pois não se passara muito tempo do ponto em que Tom os vira saindo do CCU. Olhou mais uma vez para o quarto, lembrou-se da ala psiquiátrica nos fundos do Casarão Principal.

O Clube de Vênus só podia ficar *dentro* do Hospital.

Seria esta a razão de todas as reformas recentes?

O cirurgião olhou para o próprio relógio, já era quase meia noite. Ajeitou-se na cadeira esperando ansiosamente para ver o que o Clube de Vênus escondia sob tanto mistério. As iniciais CdV podiam ser lidas no canto inferior direito da tela, como uma logomarca da transmissão. Eram organizados e bem estruturados, sem dúvida. E aquele quarto, onde ficava? Era real ou apenas um cenário?

Quando o relógio marcou meia-noite, uma porta, até então oculta nas paredes brancas, se abriu e uma mulher foi empurrada para dentro. Era negra e magra, com coxas e nádegas bem definidas e bem lustradas. Estava nua em suas partes íntimas, mas seu torso estava coberto por uma camisa de força, que prendia seus braços cruzados pela frente em direção às costas. Em seu rosto, uma máscara, e Tom rapidamente notou as semelhanças com a máscara ausente na parede do escritório de Erica. A porta foi fechada e a mulher permaneceu no quarto, sozinha com o homem desmaiado.

E não parecia estar gostando muito da sensação, a julgar pela forma como se movia,

procurando uma forma de sair dali.

Tom se viu sem palavras diante da cena. Ela estava sendo forçada àquilo? Nada estava claro. A mulher parecia um tanto confusa e a situação claustrofóbica visivelmente a incomodava, assim como o homem caído. Rodeou as paredes, procurando uma forma de sair, mas, sem a mobilidade de seus braços, tudo o que podia fazer era debater-se contra o acolchoado branco.

Até que o homem de máscara se mexeu no chão do quarto.

Moveu a cabeça na direção dela.

Tom se inclinou para a frente na poltrona e aproximou seu rosto da tela do computador, tenso com o que era óbvio que iria acontecer. Ampliou a tela tentando ver melhor os detalhes de uma transmissão que já era em si de alta resolução, mas não lhe era possível reconhecer nenhum dos dois, ainda que tivesse certeza sobre o homem: era Stone. Os cabelos grisalhos que escapavam na visão da máscara combinavam com a imagem que ele tinha do homem no restaurante e das fotos que vira na internet, o mesmo que entrara grogue no Rolls-Royce. O contexto ajudava a deduzir o mesmo. A mulher, no entanto, não fazia ideia. Pelo que Brian deu a entender mais cedo, poderia ser qualquer pessoa do hospital.

Inclusive sua própria esposa, Tom considerou, caso fosse loira ao invés de negra.

A mulher foi para o canto oposto da sala enquanto observava o homem se levantar. Era possível ver agora que ele estava fortemente excitado.

O homem deu um passo na direção da mulher e ela recostou-se na parede. *Ela não queria estar ali*, Tom estava cada vez mais certo. Notou que ela gritava algo para o mascarado, para afastar-se dela.

Ele não deu ouvidos.

— Merda... — Tom balbuciou com os lábios secos quando o homem avançou na direção da mulher parcialmente imobilizada, tentando tocar suas pernas. Ela se desvencilhou nervosa, mas não tanto com ele como com as paredes. *O problema eram as paredes*, convenceu-se Tom — ela é claustrofóbica, oh merda...

Pacientemente, o homem a deixou correr pelo quarto. Não havia saída e ele queria cansá-la. *Como se a domasse*, pensou Tom, trocando as câmeras para ver melhor cada detalhe. Era tudo um grande *Big Brother*, ou seria um *Big Fucker*? A respiração forte do homem contrastava com o ar ofegante da mulher assustada.

E então ele investiu de novo, dessa vez derrubando-a.

A mulher caiu de costas no chão do quarto e o homem agarrou suas duas pernas, que se sacudiam violentamente. Ela gritou nervosa, tentando sair daquela situação, mas a desvantagem dos braços amarrados na camisa de força fez toda a diferença. O homem acariciou suas pernas

ao mesmo tempo em que lutava para contê-las, deixando-o ainda mais excitado.

E a Tom também.

Em um movimento rápido, o homem conseguiu se colocar entre as pernas da mulher e levou sua mão de encontro à vagina dela. Acariciou-a com violência; e a mulher, que antes se debatia, parecia estar gostando de algo naquele movimento, pois aliviou a revolta em seu corpo, ainda que continuasse tentando soltar-se. O mascarado continuou fazendo aquele movimento até que a resistência da mulher caiu consideravelmente, como se enfim estivesse pronta para recebê-lo por completo dentro dela.

O homem não pestanejou, e correu com seu pênis excitado para dentro dela, fazendo-a escancarar as pernas para o alto. Ela gemeu e gritou pela força com que ele fizera, e continuou a gritar pela bestialidade que ele impunha ao movimento de entrar e sair dela, quase que em desespero. Era áspero e cruel. A mulher arqueou o corpo, desejando que aquilo continuasse, mesmo que a machucasse, ela não parecia mais se importar. O mascarado aceitou o convite e continuou a arremeter com força, martelando seu desejo para dentro dela na forma de longas e duras estacadas de prazer.

A essa altura, Tom já podia sentir seu corpo formigar pela cena. Seu próprio pênis estava firme e pronto para fazer o mesmo, se tivesse a chance, e ele o tirou das calças com pressa, massageando-o enquanto assistia as imagens altamente prazerosas. Começou a dar um ritmo intenso, tal como observava pela tela do computador, se imaginando no lugar daquele homem sob a máscara vermelha.

Até que seu celular tocou no bolso da calça, assustando-o de fato, mas não ao ponto de fazê-lo parar. Com a mão que ainda estava livre, atendeu.

— Sim... — Disse com a voz embargada, para então ouvir sua própria esposa do outro lado da linha.

— *Tom, já acabou?*

— Quase, daqui a pouco estou chegando aí — respondeu, enquanto se masturbava e assistia à transmissão, incerto do que seu cérebro poderia processar daquele jeito.

— *Ok, amor, como foi?*

— Tudo ótimo, amor, tudo perfeito... Ok, vou levar o leite sim... Tchau...

Desligou o celular e largou-o sobre a mesa ao perceber que estava chegando ao clímax. O mascarado continuava arremetendo forte, em meio aos gemidos duros da mulher e dele próprio. Tom engoliu em seco no instante em que explodiu de prazer, tomando cuidado para não gozar sobre a poltrona e mesa de Erica Stone.

— Oh, meu Deus... — Disse para si, ofegante ao terminar, sem desviar os olhos da transmissão. Mas depois de alguns segundos o vídeo ficou preto e uma nova tela surgiu, com uma

mensagem e a logo do Clube de Vênus.

“Esta conexão foi encerrada a pedido do usuário.”

— Erica! — Tom assustou-se ao dar-se conta de que havia sido descoberto. Fechou a janela e remarcou a imagem como não lida no e-mail, levantando-se e parando apenas no banheiro privativo da chefe para limpar-se antes de sair com pressa do escritório.

Pressa tamanha que o impediu de reaver seu celular sobre a mesa, ao lado do computador.

Embora se indagasse sobre as coisas que havia visto ao longo daquele dia insano, Tom praticamente desmaiou ao cair na cama ao lado de sua esposa, que já jazia embalada em um sono pesado quando ele retornou para casa. Ela foi a primeira a levantar de manhã e organizar as coisas antes de sair para o trabalho, preparando inclusive o café da manhã. Tom acordou com o cheiro de pão na torradeira e cambaleou ainda sonolento até a cozinha da casa. Os raios de luz cruzavam o lugar bem ventilado e tocavam os móveis planejados, a maioria de cor branca como era do gosto de Vivian. Ela sempre fora a única a preocupar-se com tais detalhes e Tom raramente se metia nas escolhas estéticas de sua esposa.

Entretanto, ao dar de cara com um baú velho de madeira entre os sofás brancos e o tapete perolado, Tom enfezou o cenho, confuso.

— Bom dia, amor — Vivian disse, ao notar Tom na sala de estar que dava acesso à cozinha. Passou por ele comendo uma torrada com manteiga e deu um beijo rápido no marido. Já estava pronta para sair, o que fez o cirurgião questionar as horas. Sequer havia visto o horário em seu celular ao deixar a cama.

— Bom dia... — respondeu, ainda processando o ambiente.

— Nem vi que horas chegou ontem.

— Hoje... — Tom respondeu. Não conseguia tirar os olhos da dissonância no meio da sala. — Vivian? O que é isso?

A loira seguiu o olhar dele até o baú. — Oh, o prêmio do leilão de ontem. Entregaram agora há pouco. Não é lindo?

— Ele é... — Tom foi sincero quanto a isso. O baú estava velho, mas tinha uma beleza em seus traços rústicos com entalhamentos metálicos. A conversa do almoço sobre o leilão voltou à mente de Tom e ele recordou-se da esposa descrevendo-o. — Mas... Ele vai ficar aqui?

Vivian olhou um pouco para o objeto e sorriu — bem, ainda não sei se o deixo aqui ou ponho no quarto. Enfim, resolvo isso depois. Tenho que ir trabalhar, já está tarde. A propósito, você esqueceu do leite, então nada de vitamina com granola hoje...

— Desculpa, não encontrei nada aberto à hora que saí... Que horas são?

— Quase nove da manhã.

— Mesmo? — Tom assustou-se. Vivian seguiu para a porta da frente pegando sua bolsa e um pequeno pacote sobre a mesa.

— Não quis te acordar, já que hoje é sua manhã de folga. Falando em folga, já consegui um substituto para sábado.

— Sábado?

Tom parecia realmente estar em outro planeta. Vivian parou antes de abrir a porta e encarou o marido, buscando ver se ele já estava mesmo acordado.

— Sábado, amanhã... Você esqueceu? Do jogo de golfe, jogo beneficente? Não me diga que foi cancelado...

— Oh, não, não — Tom corrigiu-se ao lembrar do evento. — O evento está de pé.

Aparentemente eu é que não estou.

— Achei muito bacana da parte do Dr. Stone, promover um evento de caridade para dar boas vindas à esposa. Especialmente por ser durante o dia; odeio aqueles bailes noturnos movidos a champagne e canapés... Bem, eu tenho que ir, Tom. Deixei café pronto na cozinha e pão na torradeira. Ah — ela quase esqueceu, até olhar para as próprias mãos e notar o pacote ali. — Havia esse livro, caderno, sei lá, dentro do baú. Acho que é um diário, é um pouco velho. Eu acho que colocaram por engano, deve ser um dos itens leiloados. Pode entregar à organização do leilão, lá no Casarão, para mim? Eu faria, mas estou atrasadíssima!

— Pode deixar — Tom disse, pegando o pacote parcialmente aberto. Puxou rapidamente o livro de dentro do embrulho e olhou a capa de couro. Um par de Vs aparecia em alto-relevo, foscas no centro da capa.

— E seria legal embalar de novo, não quero que achem que eu li.

— Você leu? — Tom sorriu, desconfiado. Reencaixou o livro de volta ao embrulho enquanto Vivian o observava com uma falsa indignação.

— Claro que não! Bisbilhotar a vida alheia não é meu ramo de trabalho, amor...

— Sei que não — ele caminhou até ela e beijou-a ternamente. — Bom trabalho...

— Obrigada — Vivian disse e abriu a porta, seguindo pelo jardim até o segundo carro do casal.

O médico voltou-se para dentro de casa e largou o embrulho no mesmo lugar de onde Vivian o tirara. Retornou pela sala, passou pelo baú e seguiu faminto até a cozinha. Estava com fome, mas tomaria um café bem rápido, pois tinha planos para aquela manhã. Havia pensado em tudo no caminho para casa durante a madrugada, caminho em que refletiu sobre as coisas que lhe haviam acontecido e, principalmente, sobre o e-mail que “acidentalmente” lera. Pretendia fazer uma visita muito especial a um grande colega de trabalho, um capaz de lhe esclarecer muitas coisas. Contudo, se já eram quase dez da manhã, precisaria se apressar.

Em suma, estava atrasado para bisbilhotar a vida alheia.

Mesmo tendo ficado acordada até tarde, Erica Stone saiu cedo de sua nova casa naquela manhã. Ainda não havia se habituado à mansão, no calmo e elegante bairro de Coltrane. Seu

verdadeiro desejo era mudar-se para a propriedade campestre ao norte do campus, mais afastada na cidade em si. Depois de anos dividindo-se entre a agitação das metrópoles europeias e as conflituosas aldeias africanas, Erica ansiava por tranquilidade, ao menos para o corpo. Pensava nisso quando deixou os jardins rumo ao carro, onde avistou Dante. O segurança trazia respostas que muito lhe interessavam nessa front.

— Bom dia, Sra. — Ele disse, abrindo a porta do luxuoso carro para Erica.

— Bom dia, Dante. Novidades?

— A propriedade foi completamente esvaziada e já pode ser reformada.

— Bom. E... Quanto àquele assunto?

O guarda-costas pareceu desapontado consigo mesmo.

— Não o encontrei.

A própria Erica não foi capaz de esconder a frustração, mas desistir não era uma opção popular em seu cardápio.

— Retorne ao Casarão, fale com os organizadores do leilão novamente, com o curador da Fundação. Utilize todo e qualquer artifício necessário, mas descubra exatamente quem esteve na casa e o que levou de lá, assim como quem participou do leilão, qualquer um que tenha tido acesso aos pertences de Verena.

— Eu o farei.

Dante colocou-se à disposição para dirigir, mas Erica negou, entrando no carro sozinha. Erica Stone nunca dirigia o próprio carro, mas não surpreendeu Dante. Ela estava *puta*.

E só uma coisa poderia melhorar-lhe o humor, ele pensou ao observar o carro se afastar pelas ruas do bairro de Coltrane.

Precisava encontrá-lo.

Embora já passasse das dez da manhã, o ex-chefe de cirurgia do CCU Raul Marccone ainda estava imerso em seu pijama quando a campainha soou na porta de sua confortável casa, em um tranquilo bairro de Nova Subúrbia. Foram os dois toques seguintes, insistentes e desesperados, que surpreenderam o cirurgião. E à sua família.

— Nossa, quem é que não pode esperar? — a mulher do cirurgião queixou-se, em alto e bom som, do andar de cima da casa.

— Pode deixar, querida, eu abro!

Largou seu jornal sobre a poltrona da sala e enfiou-se em um roupão, amarrando-o às pressas. Quando chegou ao colorido vitral de sua porta, ainda não era capaz de reconhecer a

figura insistente parada do outro lado dela.

Quando a abriu, no entanto, o moreno alto de olhos azuis fez com que Marcone tivesse um mau pressentimento automático.

— Tom Esquivel! — surpreendeu-se o ex-chefe de cirurgia, arqueando as sobrelanceiras e sorrindo desconcertado, — que surpresa!

— Tenho certeza de que está, sim — Tom respondeu. — Preciso falar contigo.

— Sobre?

— Por que me pergunta o que já sabe? — Tom disse, sem se deixar levar por qualquer intimidação. Já estava afundado demais na história toda; que fosse até o fim, então.

Ainda assim, Marcone se fez de desentendido. — Não sei do que está falando.

— Ok, então... — Tom riu de forma irônica. — Erica Stone, CCU, Clube de Vênus... Seu cargo... O que houve, Raul? Você me deve uma explicação.

— Não te devo coisa alguma, Esquivel — Marcone pareceu ofendido e saiu da casa, fechando a porta atrás de si e seguindo para o jardim. — Se você é o médico esperto que sempre mostrou ser, melhor ir para casa.

— De fato, sou muito esperto, doutor — Tom disse, seguindo-o até um bonito gazebo de madeira no centro do verde jardim de Marcone. — Tão esperto que sei que o senhor já andou no Clube, realizando suas fantasias pessoais.

Aquilo atingiu Marcone como um soco. Olhou rapidamente para a casa e percebeu sua esposa a observar tudo da janela. Ela não parecia mais tão preocupada, pois reconheceu Tom Esquivel. Curiosa, no entanto, não poderia deixar de estar. O próprio Tom sorriu para ela, cumprimentando-a de longe, mas continuou a falar com Marcone, desta vez usando um tom de voz mais discreto:

— Como é para um homem casado ter que esconder suas preferências sexuais, digamos, contraditórias? Ou sua esposa sabe que o senhor tem um gosto particular por homens negros e jovens?

Marcone ficou pálido como a cerca branca que rodeava a casa. — Que merda você está dizendo?

Tranquilizada ao ver que era apenas um dos colegas de trabalho do marido, a Sra. Marcone retornou para o interior da casa. Foi o suficiente para que Tom soltasse o verbo:

— Refiro-me ao modo como sempre olhou para alguns de nossos colegas, em particular meu colega de equipe, Brian Lazo, comendo-o com os olhos... Alguém que você jamais teria a chance de pegar, enquanto Chefe de Cirurgia do mais renomado centro cirúrgico de todo o continente, pai de família, promotor dos “bons-costumes, blá-bla-blá”... Mas, de repente, sob um par de máscaras, voilá! Tudo é possível.

Marcone olhou estupefato e irritado para Tom Esquivel. Não sabia como ele havia

descoberto aquilo, mas era pavoroso que seus segredos estivessem sendo jogados aos seus pés no seu próprio jardim. Tom Esquivel parecia tranquilo com isso. Não demorou a juntar as peças após o e-mail anterior. O próprio Brian dissera ter visto o antigo professor de Fisiologia II, o qual havia sido mentor de Marcone. Quais as chances de não estarem envolvidos juntos? O e-mail apenas juntou esta parte do quebra-cabeça, mas ainda faltava muito mais. Tom queria saber toda a verdade.

— Não precisa se preocupar, Marcone. Eu não quero fazer alarde, não contarei a ninguém o que sei, não direi a Brian que era você. O que você faz com sua vida privada é problema seu. Eu só quero saber qual é a relação de Erica Stone com essa história toda.

Marcone encarou Tom Esquivel por um instante e sorriu, vencido. Sentou-se no conjunto de cadeiras do gazebo e indicou que Tom sentasse também.

— Você já olhou com calma aqueles quadros antigos no Casarão do Hospital?

— No foyer do Casarão? Não, nunca parei para reparar.

— Pois bem — Marcone deu início à história — um deles pertence ao fundador da Universidade e do HUNS, Arthur Valmont. A história conta que este homem era médico e casou com uma jovem enfermeira, Catarina, que veio trabalhar no hospital que ele havia criado. Ao que parece, Arthur tinha uma estranha obsessão: gostava de ver sua esposa com outros homens, chegando a pagar para alguns deles transarem com ela. Ele, então, adaptou o estábulo de sua propriedade, junto com um amigo, e começou a promover os encontros lá, assistindo enquanto sua esposa era comida por sabe-se lá quantos homens, das mais diversas formas... E ela gostava, ela amava ser o centro das atenções, mas não podia revelar quem era, e por isso usava uma máscara representando a deusa Vênus. Os homens também não poderiam saber onde estavam, para não comprometer a identidade do casal, então eram dopados antes de ir e acordavam somente dentro do estábulo, também de máscaras. Os sedativos eram preparados pelo amigo de Arthur, o *Maitre*, misturando elementos afrodisíacos e alucinógenos, o que só deixava os homens mais loucos. Com o tempo, Arthur começou a fazer o mesmo com diversas mulheres, para que sua esposa visse. A coisa evoluiu ao ponto de completos estranhos transarem apenas para o deleite dos anfitriões... Eles amavam assistir, e passaram a convidar amigos íntimos para ver seu clube privado... O Clube de Vênus.

— Mas a Universidade tem quase 200 anos... — Tom rebateu. — Está dizendo que isso acontece há dois séculos, dentro do campus?

— Dentro de um campus controlado pelas mesmas pessoas que controlam o Clube — Marcone reforçou. — Sim, Esquivel, o Clube de Vênus é tão antigo quanto a própria Universidade... E nem mesmo a morte de Verena Valmont pareceu dar fim à tradição.

Verena Valmont. *A antiga dona da propriedade*. Tom recordou-se do leilão, mas mostrou-

se um tanto incrédulo — Verena Valmont estava envolvida nisso?

— Ela era a anfitriã do Clube — explicou Marcone.

— Ela tinha quase 80 anos!

— E velho não pode transar?

Marcone tinha razão e Tom recuou quanto à questão. Por outro lado, agora tinha uma possível causa da morte para a idosa. *Ataque do coração*.

Seu ex-chefe seguiu em sua explicação — ela foi anfitriã do Clube até o dia em que morreu. Quando a anfitriã morre, uma nova deve assumir seu lugar.

— Então... — deduziu Tom, pasmo com a história — Dra. Stone é a nova anfitriã?

— Há sempre alguém assistindo... — Marcone suspirou levemente — Enquanto houver alguém disposto a entrar lá e fazer o que sua alma deseja...

— É perverso — disse Tom, sério. Marcone riu da cara dele.

— O que é perversão, se não uma válvula de escape para a nossa moral hipócrita... Tudo aquilo que você jamais encontrará nessa vida, Tom Esquivel... Eu encontrei quando recebi o Maître em minha casa e ele me ofereceu o convite. Foi como entrar em um mundo paralelo, um sonho perfeito e violento... E depois retornar para a minha vida, como se nada tivesse acontecido.

Tom observou Marcone. A convicção falava por aquele homem. E ele começava a soar exatamente como Erica Stone. Levantou-se da cadeira e saiu do gazebo para ir embora, mas o seu ex-chefe chamou sua atenção uma última vez:

— Você realmente deveria dar uma olhada naquele foyer, Esquivel. A resposta que você procura está lá.

E com certeza Tom o faria. Deixou a casa do ex-chefe e entrou novamente em seu carro, pronto para seguir até o Casarão. Segurou o volante, pensativo. O nome de Verena Valmont agora martelava em sua cabeça.

Verena Valmont. Verena... Valmont. V... V.

Par de Vs!

Tom olhou para a poltrona do carona vazia, exceto pelo embrulho rasgado que Vivian o incumbira de devolver ao Casarão. Tom o tomou nas mãos e puxou novamente o livro de dentro do pacote, fitando as letras foscas na capa de couro.

Imediatamente desatou a fita de couro que rodeava o livro. Suas folhas eram duras e

tinham uma aparência antiga, com bordas que pareciam ser folheadas a ouro. Suas páginas, firmemente costuradas por baixo do forro de couro, traziam longas inscrições com tinta preta, tudo feito à mão. Era mesmo um diário, e não era o diário de uma pessoa qualquer.

No meio da contracapa, Tom leu e releu os dizeres claros que identificavam aquele item perdido:

Propriedade de Verena Valmont.

Marcone permanecia nos jardins, observando a Range Rover estacionada em frente à sua casa, e Tom decidiu sair dali. Dirigiu alguns quilômetros até alcançar a avenida perimetral, a que dava acesso ao HUNS.

Precisava de um lugar tranquilo e discreto para ler.

Parou o carro no arborizado estacionamento do Casarão Principal e desceu o vidro de sua janela. Embora houvesse vários veículos estacionados, o lugar estava tranquilo e ventilado pela brisa do fim da manhã. O médico voltou sua atenção mais uma vez para o diário de couro jogado na poltrona do carona. Sua curiosidade transbordava o próprio corpo e ele folheou o artefato mais uma vez. A caligrafia de Verena Valmont era bela e precisa, linear nas páginas sem marcações. Tom relaxou na poltrona do carro e pôs-se a ler do início:

Nova Suburbia, 14 de maio de 1980.

Minha querida. Hoje recebi uma grande notícia em um telegrama de minha filha Catarina. Não a vejo há mais de dois anos, desde as férias na Ilha, ao lado de Victor e a família dele, junto com o pequeno Pierre, que hoje está com quase cinco... Precisa ver o Pierre, que jovem adorável e atlético irá se tornar... Você irá conhecê-lo um dia. Eu sei que irá, eu sempre soube. Os Valmont estão destinados a ter os Cèlere como grandes amigos. Estamos destinadas a continuar nossa herança, uma tradição que agora beira quase dois séculos. Talvez você continue essa tradição. Eu garanti que Catarina não seria uma opção, eu cuidei para que não acontecesse. Vejo agora o quão feliz ela é ao lado do marido, e o quão feliz será quando você chegar. O que não sei ainda é se você carregará o fardo que a ela foi poupado. Se você continuará o que tardiamente aceitei como minha prazerosa punição pelos pecados do passado dos Valmont.

O telegrama de Catarina me motivou a escrever esse diário para você. Nele eu lhe contarei minha história. Eu lhe direi os motivos que tive para fazer o que fiz. Sua mãe nunca compreendeu, mas você talvez compreenda.

Hoje eu soube através de um telegrama que Catarina está grávida. Ela está esperando você. Isto significa que minha felicidade contrasta com uma difícil escolha. Devo deixá-la ser feliz como sua mãe? Ou devo resgatá-la às suas origens, tornando-a a anfitriã que está destinada a ser? É claro que, até este momento, não sei se você será um menino ou uma menina. E este foi um acordo que fiz com Victor, meu Maître. A máscara só será transferida a uma menina. Sempre foi assim.

Pergunto-me se não devo rezar para que você seja um menino e eu possa fingir que estas palavras nunca foram escritas.

Mas se você for uma menina, eu preciso contar-lhe esta história. A história de sua família.

Tom parou ao final da segunda página, indagando quem poderia ser a pessoa para quem Verena Valmont escrevia, mas paciência não era seu forte. O diário seguia por dezenas de páginas e ele as folheou rapidamente até alcançar várias páginas em branco. Retornou até encontrar a última linha escrita. Era na verdade um único e pequeno parágrafo.

11 de dezembro de 1980.

Recebi um telegrama hoje. Você nasceu ontem, e assim como há muito imaginava, você é uma menina. Uma linda e saudável garotinha a quem Catarina decidiu chamar de Erica. Estou feliz por você existir e sei que irei amá-la tanto quanto amo sua mãe. Mas agora já não posso dizer que a protegerei da mesma forma. O acordo foi selado e você receberá a máscara de Vênus quando o momento chegar. Eu devo suportar até que você esteja pronta. Eu devo persistir e manter a tradição de nossa família, pois tanto está em jogo. E eu prometo, buscarei encerrar o passado de sangue que me atormenta. Você herdará o Clube e suas divindades, não seus demônios.

Bem-vinda ao mundo, minha pequena.

Verena Valmont.

— Erica é uma Valmont? — Tom se viu incrédulo diante das poucas palavras que lera. *Erica era a herdeira dos Valmont. A herdeira de toda a propriedade do campus. Do HUNS!*

Tom levou a mão ao queixo, pensativo. Buscava compreender como não se dera conta antes. Sequer sabia que Verena Valmont tinha uma filha. Na verdade, sabia muito pouco sobre a história da tradicional família que ajudou a fundar não somente a UNS como a própria cidade.

E Erica estava no cerne de toda a história. O diário inteiro fora escrito para ela. As palavras de Verena pareciam preparar a neta para a difícil herança que tinha nas mãos. *Um passado de sangue.*

A que se referia Verena?

Tom não teve dúvidas de que lia cada linha, pois o encaixe de uma pequena peça acabou evidenciando um quebra-cabeça muito maior do que ele havia previsto.

Um homem aproximou-se de um carro estacionado próximo ao de Esquivel, e encarou o cirurgião rapidamente antes de abrir o veículo. Tom olhou para os lados e saiu do carro, mas antes escondeu o diário sob sua poltrona. Se havia sido uma coincidência aquele diário ter ido parar no baú em sua casa, Tom não soube responder, mas a conversa sobre sangue o fez suspeitar que tinha um objeto perigoso e almejado em mãos.

Seguiu sem pressa em direção ao Casarão Principal, atravessando a área em reforma e um breve corredor até o foyer histórico, um amplo lobby retangular e sem janelas, de paredes azuladas em contraste com o piso de mármore branco. Não havia muitos móveis, além de um púlpito central sobre o qual estava um antigo livro de visitantes, protegido por um invólucro de vidro. O enorme livro trazia inúmeras assinaturas, provavelmente referentes aos nomes de pacientes, acompanhantes, um meio mundo de gente que havia se dado tempo para visitar o foyer em sua estadia no hospital. Não fazia muito sentido para Tom, contudo, vê-lo protegido pela jaula de vidro. Como as pessoas iriam assiná-lo? No fundo, não lhe importava muito. Em sua visão, era apenas um livro em um salão de quadros velhos.

No entanto, ao entrar no local e olhar para as paredes tomadas pelos quadros bem conservados em suas devidas molduras de vidro, sentiu-se mergulhar no passado.

A maioria das fotos trazia imagens da construção do campus, com a edificação de inúmeros prédios que hoje formavam a Universidade. Imagens antigas de Nova Suburbia e de seus moradores; propriedades longínquas separadas por estradas de terra; e o litoral majestoso com vista para as ilhas distantes. A maioria das imagens estava em preto e branco, algumas beirando o tom sépia, pela idade avançada. Uma delas era justamente a de uma construção de madeira e pedras no meio de uma área campestre, com cercas que se perdiam de vista no horizonte.

E havia cavalos.

Tom aproximou-se do quadro e observou sua legenda.

“Estábulo da propriedade dos Valmont, 1827”.

— O tal estábulo... — Tom concluiu, observando a foto. Seguiu até encontrar as fotos com pessoas. A primeira era justamente a de Arthur Valmont. Junto a ele, um outro homem, o qual Tom não reconheceu até voltar-se mais uma vez para o auxílio da legenda:

“Arthur Valmont e Henri Cèlere, fundadores da Universidade de Filosofia e Anatomia de Nova Suburbia”.

Sim, Tom recordou-se. Aquele era o nome original da universidade quando foi criada, mas acabou crescendo e popularizando-se de modo a ficar reconhecida apenas como Universidade de Nova Suburbia, UNS. Arthur Valmont e Henri Cèlere foram os dois homens que iniciaram o sonho de criar uma universidade no litoral americano tomado por imigrantes franceses, ansiosos por reconstruir suas vidas longe dos fortes conflitos de uma França revolucionária.

Contudo, as informações contidas no diário de Verena Valmont davam uma outra atmosfera à imagem.

“Os Valmont estão destinados a ter os Cèlere como grandes amigos”.

Verena mencionava Victor Cèlere em seu diário. *“Victor, meu Maître”*. Tanto os Cèlere como os Valmont carregavam uma herança, ela disse com todas as letras, literalmente.

A herança do Clube de Vênus.

Tom sentiu um arrepio ao pensar nisso. Duas gerações de famílias francesas que haviam fugido da instabilidade de uma França pré-revolucionária, construindo suas vidas em um lugar sem muitos estímulos, sem pretensão a grandezas. E transformaram em uma referência da medicina.

Cheia de estímulos.

Uma mão repousou em seu ombro e Tom levou um grande susto. Virou-se e deu de cara com sua colega de trabalho, Dra. Lea Callot.

— Oh, desculpe, não quis te assustar, Tom!

— Imagina, Lea! — Disse, tentando parecer calmo — O que faz por aqui?

— Vi seu carro no estacionamento, achei que poderia estar no Casarão... Liguei para você mais cedo, para te falar de um implante de braço que surgiu, mas caiu na caixa, Brian acabou assumindo.

O celular! Tom sentiu o estômago revirar ao lembrar-se do aparelho, e o pior, do lugar onde o esquecera.

— Oh, droga, preciso ir, Lea! Até mais tarde!

O jovem cirurgião saiu correndo do prédio principal e pegou o carro em direção ao CCU, desesperado. Se não bastasse ter sido desconectado da transmissão do CdV na noite anterior, agora Erica poderia associá-lo diretamente ao fato por ter invadido sua sala. Estacionou de qualquer jeito e subiu com pressa pelo elevador até o 10º andar do CCU, mal cumprimentando quem via pela frente. Entrou no hall de acesso, mas Marta não estava presente. A porta de Erica, no entanto, estava destrancada. Quando a abriu, a médica não estava lá e seu celular permanecia no mesmo lugar.

— Ainda bem — Tom respirou aliviado, pegando o aparelho e saindo rapidamente da sala, mas desta vez não pode escapar da secretária que havia recém-chegado.

— Dr. Esquivel? — Marta perguntou, surpresa e intrigada — o que faz na sala da Dra. Stone?

— Eu... Queria falar com ela, mas ela não está aqui.

— Sim, verdade. Inclusive, ela também está procurando pelo senhor. Pediu que eu ligasse, mas não houve resposta. Ela quer falar com o senhor.

— Onde ela está?

— No necrotério.

Realmente, gostaria de falar com ela. Por essa razão, principalmente, desceu até o

subsolo do CCU, onde ficava o necrotério cirúrgico, como era conhecido. O lugar possuía um largo corredor e várias salas de autópsia, mas apenas uma estava acesa. Tom passou pela porta de vidro e entrou na sala.

Erica estava de frente para a porta, sentada em um banco alto, compenetrada. À sua frente, sobre a maca metálica repousava um cadáver aberto na altura do peito. Havia sangue no avental de Erica, cujas mãos protegidas pelo látex realizavam movimentos rápidos dentro do corpo.

— O que está fazendo? — Tom perguntou, despertando a atenção da cirurgiã para a sua presença. Ela o olhou rapidamente e voltou-se para o corpo, dando continuidade ao ato.

— Praticando uma nova sutura. Venha, Dr. Esquivel, venha me assistir.

Tom buscou por um avental no armário e um par de luvas, assim como óculos protetores. Só após vestir tudo, aproximou-se da chefe de cirurgia. O cadáver sobre a mesa pertencia a um homem, e o peito havia sido aberto pela própria médica, a julgar pela serra posicionada ao lado do corpo, suja de sangue. Havia mesmo sangue por toda a parte, principalmente porque Erica realizava suturas em algumas coronárias e o corpo ainda era fresco.

— Sofreu um acidente hoje cedo, morreu antes mesmo de chegar à cirurgia — Erica explicou, enquanto passava linhas de sutura e costurava com uma precisão impressionante — Decidi dar ao seu corpo alguma utilidade, antes que o encham de flores e o coloquem a sete palmos... Todo corpo tem um propósito...

— Como pode ver algo aí? — Tom perguntou, intrigado com a sutura que ela fazia em meio a uma poça de sangue no coração.

— Quanto menos visibilidade, melhor para o aprimoramento... Mas tudo bem, você pode fazer um pouco de sucção aqui...

Tom não poderia concordar mais. De repente, estava de volta ao seu eu cirurgião, perfeccionista ao extremo. Puxou um banco e sentou-se ao lado de Erica com o aparelho de sucção. Ligou-o e começou a retirar o excesso de sangue da região. Só então percebeu que ela estava costurando, não uma coronária, mas o próprio coração, que se mostrava bastante danificado.

— A cardiografia é algo fascinante para mim — ela disse, enquanto seguia com um procedimento de sutura desconhecido para Tom. — Meus colegas de profissão se debatem por conta das suturas contínuas, já que elas tendem a reduzir a microcirculação das bordas, dificultando a cicatrização e podendo aumentar o edema... Preferem as interrompidas, as de Wolff... Incisão e corte, várias vezes, até conseguirem o que querem... Mas eu realmente gosto da sutura contínua, do movimento que ela proporciona, forçando o coração a se tornar mais forte para suportá-la...

Tom ouviu atento, mantendo a sucção até que Erica fez o corte final, após um ponto

preciso.

— Ok, agora vamos grampear as veias e as artérias... — ela disse, pegando a máquina de grampos e bloqueando firmemente todas as vias de acesso ao coração. Mostrou-o a Tom — vê? Cheio de sangue sem ter para onde sair. Vamos testar a força da sutura agora... Basta pressionar por baixo, simulando a diástole... — ela começou a pressionar o coração no ritmo do seu próprio — percebe?

— Não há vazamento... — Tom sorriu levemente, maravilhado — Ainda assim, é um cadáver. Como ter certeza de que não criará um edema em tecido vivo?

— A medicação correta pode evitar facilmente... Uma recuperação um pouco mais lenta para um resultado longe de ser o paliativo da maioria das cirurgias feitas para reparação de danos... Veja por si mesmo, toque.

Erica indicou a Tom que colocasse sua mão junto à dela para pressionar o coração, dando-lhe movimento. Tom o fez, sentindo a mão da médica ao lado da sua. Precisou chegar mais perto dela, tão perto que foi necessário a Tom abrir as pernas em volta do banco de Erica para encaixar-se melhor. A proximidade era tamanha que qualquer movimento levaria o rosto dela de encontro ao dele.

— Como quer que eu chame essa sutura? — Erica perguntou baixo para Tom, sentindo a mão dele roçar na sua, enquanto pressionava o coração dentro do peito do morto.

— Que tal “Vênus”? — Sugeriu Tom, sussurrando ao pé do ouvido dela, fitando seu pescoço.

— Alguém andou muito ocupado esta noite... Invadir a sala da chefe, usar seu computador bisbilhotando seus e-mails... Onde conseguiria um emprego decente depois disso?

— É preciso aventurar-se, Dra. Stone... Ou devo dizer, Dra. Valmont? Por que não me disse que é a descendente dos fundadores do Hospital? Que este é o *seu* hospital?

— A verdade está aí para ser encontrada... Eu não tenho que lhe dizer nada, Tom Esquivel.

— Incluindo a verdade sobre seu clube privado, herança de seus antepassados... Por isso você está aqui, pelo legado de sua família... Para que esse legado não morra... — Ele olhou para o coração como sua analogia. — Você sem dúvida gosta de consertar o que não parece ter conserto...

Tom subiu a mão para junto da de Erica, alisando a palma da mão entre luvas. Deixou seu corpo aproximar ainda mais, aproximando o rosto do pé de seu ouvido.

— Eu entendi agora... Tom Esquivel e Erica Stone não poderão nunca ficar juntos, mas talvez dois estranhos possam ter uma tórrida noite de sexo... Eu faria por você, Erica... Por você, eu entraria no Clube, eu faria qualquer coisa...

Erica sentiu o corpo formigar com a massagem que Esquivel fazia em sua mão. Nem mesmo o cenário de necrofilia parecia inquietá-la, ao contrário. A proximidade da respiração de Tom em seu pescoço a fez fechar os olhos e sorrir, sádica:

- Você não está pronto para o Clube...
- Eu farei qualquer coisa que queira...
- Qualquer coisa?
- Qualquer coisa.

Erica virou o rosto na direção do de Tom e seus lábios nunca se viram tão próximos. A médica entreabriu os dela, convidativa:

- Eu quero que você foda sua esposa hoje à noite. Quero que a coma pensando em mim. E eu quero escutar... Cada... Detalhe.
- Estou de plantão hoje à noite — Tom respondeu.
- Seja criativo...

Era realmente pervertido, Tom pensou. Havia um corpo ao lado deles, o coração morto entre as mãos dos dois, e tudo o que ele podia pensar era na pequena fantasia que Erica brotava em sua cabeça naquele momento.

— Sempre a voyeur? — Perguntou com um sussurro. Roçou levemente seu rosto junto ao pescoço dela, descendo pela curva que levava ao ombro. O resquício de um dia de barba não feita não passou despercebido por Erica. Resvalou através de sua pele na forma de uma leve descarga de prazer. O avental o impediu de ir além.

- Se eu gostar do que ouvir, Doc... Talvez o convide para *ver*. De verdade, sem câmeras. Talvez o convide para algo mais... Íntimo.
- No Clube?

— O Clube de Vênus não é um lugar, Esquivel. Eu transarei com você onde quer que eu tenha vontade. Agora mesmo, eu tenho que admitir... Estou morrendo de vontade de sentar nesse seu colo excitado e batizar o necrotério, mas... Eu quero te ouvir primeiro.

Erica retirou sua mão de dentro do cadáver, afastando-se de Tom com gentileza. Ele sorriu, confuso com o que teria que fazer, mas excitado pelo desafio proposto.

Estava oficialmente dentro do jogo proposto por Erica Stone.

12 de dezembro de 1980.

Tudo começou para mim em 1952. Eu tinha 19 anos. Há quem diga que eu era muito jovem para o que estava por vir. Em minha forma de ler o destino, era o momento exato em que as coisas tinham de acontecer. Eu era uma jovem pouco informada sobre o mundo, tímida e com uma bagagem grande nas rechonchudas costas. Era a pouco popular entre as meninas de corpos esbeltas e vestidos longos, junto aos seus namorados militares que desfilavam em motocicletas e ternos bem passados.

Não posso dizer que era a rejeitada, no entanto; de todas as coisas que eu tinha e não se encaixavam com a sociedade da década de 50, havia uma que se encaixava em todas as décadas: eu tinha dinheiro. Minha família materna carregava o nome dos Valmont e este nome, quase um título de nobreza, sempre veio à nossa frente.

Meu pai era piloto da força aérea e gostava de voar com a família. Naquela semana de verão, ele achou que eu estava com febre e não deveria acompanhá-lo em uma viagem para o sul. Mamãe, no entanto, se negou a deixá-lo ir sozinho, pois morria de ciúmes. Meu pai tinha várias amantes, minha mãe sabia de todas elas. A última discussão dos dois por causa delas foi também a última vez em que os vi juntos. Saíram na madrugada de uma sexta e senti o doce lábio de mamãe em minha testa, dizendo que voltaria logo. Um dia depois veio a notícia da queda do avião. Como bem saberá, nenhum dos dois sobreviveu.

Foi naquele verão que me mudei para a casa de meus avós, as únicas pessoas que me restavam no mundo. Minha avó Amanda era uma mulher linda, com cabelos castanhos e cacheados na altura dos seios, sempre soltos de uma forma graciosa, confortante. Ela era a Valmont, a dona de tudo o que nossa família tem. Contudo, era uma esposa submissa aos caprichos de meu avô, Jonathan. E como um homem que conseguia tudo o que desejava, ele tinha minha avó e toda a herança dos Valmont sob controle. Inclusive o Clube.

Naquela época eu era uma jovem órfã buscando reencontrar-se no mundo. Aos olhos de meus avós, eu era uma menina inocente a quem eles desejavam manter em um casulo de mimos, e acredite, eles me mimaram de todas as formas possíveis. Gostei a princípio, mas passei a sentir-me incomodada quando um tutor foi incumbido de prosseguir meus estudos. Insisti para que me deixassem frequentar a universidade, pois tudo me atraía naquele lugar. Os longos arboredos e seus caminhos de pedras, os prédios antigos de aulas, o andar sem pressa dos jovens cheios de livros que iam e vinham, conversavam, teorizavam, viviam. Amavam. Viver dentro de um campus faz você sentir que pertence a ele. Quer senti-lo por dentro, intensamente. Em algum momento, naqueles primeiros meses em que me mudei, senti que aquele seria o meu lugar, que viveria ali

para sempre.

Morava com meus avós na propriedade mais antiga do campus, ao norte dos prédios principais. Uma área campestre e afastada onde sempre tivemos total privacidade. Hoje moro sozinha neste imóvel grande e vazio, mas o vazio entre suas paredes não coincide com o que há dentro de meu coração. E devo isso ao que viria a descobrir em uma fria manhã de outono, quando meu tutor pediu que eu fosse ao campus encontrá-lo em seu escritório no prédio da biblioteca.

Naquele dia, eu conheci um jovem estudante de medicina, perdido entre livros em completa devoção. Naquele dia eu conheci o homem que viria a ser o grande amor da minha vida. E eu entendo que isto poderá ser chocante para você, pois até o presente momento sua mãe não sabe essa verdade sobre nosso passado. Ela não sabe que o homem com quem me casei, Roberto, não é o verdadeiro pai dela. Menti para minha filha por inúmeras razões, mas não mentirei para você.

Naquele dia eu conheci Pablo Pagliacci. Aquele foi um dia especial, pois não apenas conheci seu verdadeiro avô como também o segredo dos meus próprios avós.

O Clube de Vênus.

Tom Esquivel se via tão mergulhado na leitura do diário que mal se deu conta da entrada de Brian Lazo no pequeno quarto que servia de dormitório para os plantonistas. O cirurgião parou diante de um dos beliches e observou o parceiro sentado junto à cabeceira, recostado e com os joelhos dobrados, os quais serviam de apoio para uma revista de medicina que parecia ser realmente muito boa, a julgar pelo vivo olhar azulado que Tom lançava sobre ela.

— O que está lendo?

A voz de Brian despertou Tom e ele olhou para cima, para o amigo a observá-lo de forma curiosa. Levou a revista ainda aberta em direção ao peito, disfarçando o diário que guardara dentro, justamente para o caso de algo como aquilo acontecer.

— Um relato de caso interessante sobre insuficiência renal... E você, ainda por aqui?

— Fazendo uma ronda no sétimo andar. Indo embora agora, e você?

— Plantão até às sete... — Tom sorriu pouco animado. Respirou pesadamente, espreguiçando-se — acho que vou tomar um café para despertar...

— Boa sorte — Brian disse, abrindo caminho para o cirurgião.

Tom fechou a revista rapidamente e se levantou para retirar-se do quarto.

— Ao menos já retirou a obsessão com você sabe o quê da cabeça?

Tom parou diante da pergunta de Brian e sorriu — se conhecer um remédio para isso, me prescreve...

Saiu do dormitório em direção ao vestiário ponderando sobre o que lera, sobre os segredos

de Verena Valmont. Estava curioso para entender por que ela ocultara da filha a identidade do pai. E como aquilo se encaixaria com o CdV?

Ele continuaria sua leitura, mas tinha uma missão prazerosa pela frente. Sorriu ao ver a esposa adentrar os corredores do CCU um tanto quanto preocupada, olhando em volta à procura dele.

— Tom! — Vivian exclamou quando o viu se aproximar — o que houve, você deixou um recado esquisito! O que aconteceu?

— Eu precisava muito falar com você.

— Não podia ser em casa? — A loira indagou.

— Eu prefiro que seja aqui. Na verdade... Sei exatamente onde podemos conversar com privacidade.

Vivian não questionou, apenas seguiu o marido até o elevador.

Estava tão preocupada que sequer viu o momento em que ele sacou o próprio celular e pressionou um número que salvara como atalho de emergência.

O número de Erica Stone.

A sala de jantar dos Stone permanecia iluminada e um grupo de empregados recolhia os pratos de modo sistêmico e organizado. Os convidados, distintos moradores do bairro de Coltrane, estavam reunidos na sala de estar. Permaneceram assim por um momento, até que Manoel convidou a ala masculina para um rápido charuto no escritório. Deixou a esposa Erica como anfitriã de um grupo de sete mulheres, todas mais velhas que ela própria. A conversa no aconchegante semicírculo de sofás não poderia ser mais detestável, do ponto de vista da cirurgiã.

Os negócios de seus maridos e a vida que levavam organizando suas casas e os eventos da comunidade, assim como os pormenores acerca de vizinhos não presentes.

Erica sentia-se dentro de um comercial para detergentes de luxo. Sorriu de acordo quando uma das mulheres, uma senhora de quase 80 anos e mãe do atual prefeito de Nova Suburbia, lhe dirigiu a palavra:

— Você fez um belo trabalho aqui, Erica. A casa está lindíssima com esse ar francês vintage, quem foi seu decorador?

— Meu estado de humor — Erica respondeu, arrancando risos das mulheres.

— Você deveria tomar parte da reforma da igreja também — disse outra senhora, um pouco mais nova do que a mãe do prefeito. — Daremos um jantar mês que vem para arrecadar fundos. Queremos reformar a abadia, transformar o espaço da torre. Padre Camilo

ganhou um lindo par de sinos para nossa arquidiocese, provindos diretamente do Vaticano!

— Soube que o Papa em pessoa aprovou o envio! — Uma outra mencionou enquanto tomava um pouco do licor servido na mesa de centro — nossa, que delícia... Aposto que trouxe da Itália... Amaretto?

— Frangelico — corrigiu Erica. Observou um dos empregados se aproximar com uma bandeja, mas dessa vez trazia apenas o celular da médica.

— Está vibrando insistentemente, Sra.

— Obrigada — Erica disse, tomando o aparelho nas mãos. Olhou rapidamente para a tela. Deu um sorriso de canto de boca ao ver quem era. Olhou ao seu redor e viu suas convidadas distraídas em meio às conversas que traziam desde o pré-jantar. Atendeu ali mesmo, sentada confortavelmente no sofá.

E como sabia do que se tratava, não disse uma palavra. Colocou o aparelho no mudo e pôs-se a ouvir cada som provindo do outro lado.

— Tom? O que estamos fazendo na sala da sua chefe?

Vivian olhou surpresa ao entrar na penumbra do amplo escritório, principalmente quando Tom fechou a porta atrás dela.

— Eu disse que precisava de privacidade.

O médico não escondeu um certo nervosismo ao entrar ali, mas manteve-se focado em suas intenções. Ainda com o celular na mão, percebeu quando a ligação foi enfim atendida. O tempo avançava na tela plana do celular, sinal de que quem estava do outro lado não desligara. Ao contrário, aguardava.

Ansiava pelo início do show.

Em sua sala de estar, Erica ergueu a sobrancelha surpresa ao ouvir a menção ao seu escritório. Inusitado.

Ousado.

Olhou rapidamente para o lado, sorrindo para uma das senhoras que se sentava à sua direita. A coitada usava um aparelho no ouvido para surdez.

Assim as coisas estavam fáceis demais.

No escritório, Tom guiou Vivian até a mesa de Erica e a fez soltar a bolsa sobre uma das cadeiras. Já havia largado a revista e o diário em um dos sofás próximos à porta, rezando para não esquecê-los como fizera com o celular. Este sim precisava ficar próximo, e Tom decidiu

colocá-lo em um dos bolsos de sua calça cirúrgica. Erica escutaria tudo de camarote, bem perto de seu pênis, que começava a ficar excitado só de imaginar o que estava prestes a fazer.

— Tom, você está me assustando. Por que estamos aqui e no escuro? — Vivian disse, sem entender a razão daquilo tudo. Usava uma regata preta e jeans. Quando Tom virou para ela e a puxou na direção dele pela blusa, ela entendeu menos ainda — seu doido, o que está fazendo?

— Eu quero você, Vivian. Aqui, agora.

A fisioterapeuta arregalou os olhos, atônita — essa é a sala de sua chefe!

— Pode vê-la em algum lugar por aqui?

Erica não se conteve, soltou uma risada curta do outro lado da linha. Uma das senhoras na roda de conversa a fitou curiosa:

— Algum problema, querida?

— Oh, não — Erica respondeu — apenas uma mensagem de voz muito...

Engraçada.

Vivian não se sentiu confortável com a abordagem do marido, mas a maneira como ele a puxou a fez sentir-se excitada. Ele se inclinou na direção dela e fez menção de beijá-la, mas desviou a boca em direção à orelha dela, beliscando-a entre os dentes.

— Tom... Não deveríamos...

— Todos já foram embora — ele respondeu puxando a blusa da esposa para cima.

Vivian tentou segurá-la, mas ele insistiu, até que expôs os pequenos seios dela. Eram como pêssegos e ele os apertou entre suas mãos, massageando-os de modo lento — ninguém virá, e não precisamos de muito tempo... Poderíamos fazer realmente *rápido*.

— Não estou te reconhecendo, Tom...

A resistência de Vivian decaiu consideravelmente quando Tom fechou uma das mãos sobre seus seios e com a outra retirou os cabelos encaracolados dela do caminho, para assim chupar seu pescoço. Ele era mais alto do que ela, o que facilitava a forma como ele a envolvia por completo. Vivian ofegou confusa, incerta do que deveria fazer. Sabia que o correto era sair dali, mas Deus, como era gostoso.

Como era gostoso ter seu pescoço chupado naquela penumbra por aquele moreno másculo e excitado.

Por um momento esqueceu que se tratava do mesmo homem com quem dormia todas as noites. Esqueceu que era casada com ele quando o ouviu sussurrar junto ao seu ouvido, pressionando um de seus mamilos com força entre os dedos:

— Eu quero te foder com força esta noite.

Vivian encarou o marido, hipnotizada pela forma como ele a tomara e se deixou beijar. Faria o que ele quisesse, era a única certeza que tinha.

Erica suspirou levemente ao ouvir a conversa e os murmúrios entre beijos do outro lado da linha. A julgar pela forma como o som se propagava, deduziu que o celular estava em um dos bolsos de Tom. Parecia mover-se, estava perto. E se ele a compreendia bem, provavelmente deixaria o aparelho perto de sua parte mais atizada. Erica concluiu que o aparelho estava a poucos centímetros do pênis de Esquivel e imaginou o quão duro este estaria naquele momento.

A conversa na sala de estar seguia animada entre as convidadas, mas Erica só tinha atenção para sua própria excitação naquele momento. Queria ouvir mais.

Tom primeiramente inclinou Vivian em direção à mesa de Stone, pensando em possuí-la ali. Por outro lado, olhou na direção da parede onde repousava a suposta máscara de Vênus e não resistiu. Guiou a esposa entre beijos e amassos na direção da parede onde a recostou, puxando seu jeans para baixo. Era uma calça justa, colada ao extremo às coxas bem feitas da loira e Tom foi obrigado a usar sua força para retirar as calças. Agachou-se diante de Vivian e puxou a peça com tanta violência, que ela se perguntou se ele não iria violentá-la na sequência.

Claro que não, pensou. Ela queria, desejava-o dentro dela o quanto antes.

Levantou os pés imersos em saltos parcialmente altos para que Tom retirasse o jeans de seu corpo e atirasse na direção de um dos sofás. Ele já levantou levando a mão na direção da vagina dela, deslizando os dedos entre suas pernas e penetrando-os no espaço entre o pano e a pele, correndo os pelos lisos até alcançar a camada interna de seu clitóris. Vivian ofegou alto e conteve um gemido, buscando algo para se agarrar. Além da parede, não havia mais nada, exceto as máscaras penduradas um pouco acima de sua cabeça. Tom colocou-se de corpo inteiro diante dela, estimulando-a com uma mão enquanto abaixava a própria calça com a outra. Não o fez muito, somente o suficiente para que seu membro fosse libertado. Estava duro, pronto para o ataque. Vivian suspirou diante da visão e do perigo, mas foi Tom quem sorriu diante do olhar ansioso e levou a mão à própria boca, lambendo a ponta dos dedos e passando-os pelo próprio pau, a fim de lubrificá-lo. Encostou seu rosto ao dela, fungou junto à sua pele.

Sua outra mão já se encontrava completamente molhada pelo estado desesperado de Vivian. Ele apenas colocou a calcinha de lado.

— Hummm, está perfeito. Você está perfeita assim, cheirando a sexo...

Tom continuou a repetir o quão perfeita Vivian estava, ao mesmo tempo em que a penetrava, e a princípio ele foi gentil. Ela gemeu baixo enquanto sentia-o entre suas pernas, seus

grandes e pequenos lábios.

Erica sentiu como se ela própria estivesse sendo penetrada naquele instante. O gemido de Vivian era preciso e descrevia uma excitação que formigou o corpo da cirurgiã. Dra. Stone não conseguiu evitar e apertou as pernas já cruzadas, contraindo sua própria vagina.

Cercada por todas aquelas mulheres, se via em dois mundos, e seus sentidos certamente estavam em torno do paralelo onde Esquivel comia a esposa com ardor.

Tom ergueu uma das pernas de Vivian e a segurou na altura de sua cintura, buscando penetrá-la ainda mais fundo. Arremeteu forte, mas lentamente, até que o movimento ganhou um pouco mais de velocidade. A fisioterapeuta mal podia conter os gemidos. Permanecia hostil ao ambiente perigoso, mas louca de desejo, e este falava muito mais alto que a razão. Agarrou-se ao corpo de Tom, mas ele desvencilhou-se e a empurrou de volta para a parede. Olhou para cima e pegou de um lance a máscara de Vênus.

— Quero te ver com isto — disse ofegante, sua voz engrossada pelo prazer, quase irreconhecível — quero te ver gozar usando ela...

Do outro lado da linha, Erica não podia ter certeza do que exatamente Vivian estava a usar, mas percebeu uma mudança no som de seus gemidos. De repente, tornaram-se mais distantes. *Abafados*. Alguns poucos segundos depois, a resposta lhe veio à mente:

Ela está usando a máscara.

Tom estava a comer sua esposa como se ela fosse Vênus.

Comendo sua esposa enquanto pensava *nela*.

A pitada leve de ciúmes fez Erica ficar ainda mais estimulada. Segurava firme o celular em uma mão, deixando a outra roçar levemente seus seios sobre o tecido leve de seu vestido. Nenhuma das senhoras presentes pareceu dar-se conta de que a anfitriã estava acariciando-se publicamente diante delas.

Se pudesse ser ouvida, gemeria de volta para Esquivel. Diria-lhe na forma de murmúrios que ele estava fazendo um bom trabalho.

Contudo, não fora preciso. Tom sabia exatamente que estava no caminho certo, pois sentiu sua espinha arrepiar-se quando encaixou a leve máscara sobre o rosto de Vivian. Sem conseguir fixá-la direito, manteve sua mão firmando a máscara ao rosto da esposa enquanto a comia com força. Arremetia com tanta intensidade que era possível ouvir os estalos do traseiro de Vivian contra a parede. Ela gemeu e gritou, incerta se estava sentindo dor ou prazer, os dois ao

mesmo tempo. Quando o próprio Esquivel passou a gemer realmente alto, Vivian não resistiu e gozou prematuramente, sentindo seu corpo gelar e aquecer ao mesmo tempo.

Mas Tom não parou ali.

Na sala de estar, uma das senhoras achou ter escutado um som diferente. Olhou para Erica e a viu sorrir, boquiaberta e perdida em seus próprios pensamentos. A mão que não segurava o celular estava estranhamente fechada entre suas coxas, parecia pressioná-las.

— Está sentindo alguma coisa, querida?

A voz da senhora só foi processada alguns segundos depois por Erica, e ela sorriu de forma educada, segurando a respiração um pouco alterada. Os homens começavam a retornar para a sala após o término da sessão de charutos. Erica reconectou-se à realidade e se viu obrigada a desligar seu celular.

— Não, apenas... Uma conversa muito excitante...

— A nossa ou a sua?

— A combinação das duas.

No escritório da mansão dos Stone, Manoel já havia liberado quase todos os convidados de volta para a sala quando um em especial retornou ao aposento. Quando não se passava pelo *Maître*, Pierre Cèlere agia como o homem de negócios que era. Ganhara fama em Nova Suburbia por ser descendente dos fundadores da Universidade, mas também pela habilidade em administrar os negócios da família. Havia sido assim com todos os Cèlere e ele não fizera diferente. Ao contrário, recebera uma grande missão e estava disposto a concluí-la.

— Pierre... — Manoel disse ao revê-lo no escritório. — Quer mais um charuto?

— Não — o homem alto respondeu. Levou a mão ao rosto, coçando o queixo com pouca barba — Estou aqui para falar sobre Dr. Marcone.

— O que tem o Marcone? — Manoel perguntou enquanto guardava seus charutos. — Qual o problema?

— Ele falou demais. Falou sobre o Clube com Esquivel.

Manoel sentou-se em sua poltrona, observando Pierre — tem certeza? O que ele disse?

— Coisas. Depois de ouvi-las, Esquivel foi ao Casarão Principal. Visitou o foyer...

— Então pode ser um problema. Eu devo dizer a Erica...

— O problema já foi resolvido — Pierre o interrompeu.

— Como assim resolvido? — Manoel questionou, incerto sobre o que Pierre realmente

queria dizer com aquilo.

— Ele está fora do jogo — o Maître disse em poucas palavras, retirando-se calmamente do escritório logo depois.

Manoel permaneceu sentado, duvidoso sobre o destino do médico. Pelo tom sério de Pierre Cèlere, deduziu que quanto menos soubesse, melhor seria.

Para todos.

A breve e intensa trepada com Vivian deixou Tom Esquivel mais estimulado para o que estaria por vir. Retornar aos intervalos de seu plantão noturno e ler o diário de Verena Valmont apenas agravou a situação. Em poucas horas, devorou uma boa parte da narrativa onde a avó de Erica descrevia em detalhes como fora abordada por Pablo Pagliacci, na época com 25 anos, e como passaram a tarde a conversar na biblioteca, fazendo Verena inclusive esquecer de seu encontro com o tutor. Quando Pablo precisou sair às pressas, Verena seguiu a perambular pelo campus até que retornou à propriedade de sua família várias horas depois. Assim como em várias outras situações, seus avós não estavam em casa e ela decidiu caminhar mais um pouco pela noite, até que encontrou o estábulo. E naquela noite, Verena Valmont foi subitamente arrancada do mundo de inocência que havia sido construído em torno dela. Tom Esquivel leu cada uma das linhas sobre a maneira como a Valmont se deparou com a primeira experiência voyeur de sua vida. E para a maior surpresa, dela e do próprio Tom, envolvia uma de suas babás e o jovem que, poucas semanas depois, Verena viria a descobrir se tratar do próprio Pablo Pagliacci, disfarçado unicamente por uma máscara dourada representando o deus Apolo, a juventude e a própria medicina fundidas em um único corpo, mas banhado pela alma fumegante do sol. Verena descreveu assim em palavras:

“Presenciar aquele ato mudou toda a minha vida. Ver a violência daquela alma gentil me fez ter medo, e através do medo me ocorreu uma fagulha incessante de prazer. Aquela centelha de desejo cresceu e jamais se extinguiu depois daquela noite. Eu estive no Clube, mas naquela noite eu me senti Vênus pela primeira vez.”

O relato de Verena seguiu com inúmeras observações do que acontecia no Clube e em sua casa, do avanço de sua relação com Pablo, sem que ele desconfiasse do que ela sabia sobre ele, das brigas de seus avós sobre a morte dos pais de Verena, da ilha dos Cèlere... Tom leu a sequência de relatos e teria ido até o fim, se não fossem as emergências médicas que tomaram a noite. Ao fim dormiu, exaurido pela longa maratona de mistérios a que se submetera desde a chegada de Erica Stone.

Acordou em sua própria cama diante de Vivian, que já se arrumava para sair. A loira trazia um sorriso rasgado nos lábios, feliz com a inacreditável surpresa que seu marido aprontara na noite anterior. Ela ainda tinha dificuldades de acreditar que havia mesmo se deixado tomar no escritório da Dra. Stone, mas o excitante perigo elevou o momento a uma das melhores transas que já havia tido na vida, se não a melhor. Uma pena ter sido tão rápido, mas parte do charme estava naquele detalhe. Uma fantasia de Tom? Ela não sabia ainda dizer, mas gostou de cada

segundo. De cada arremetida.

De cada orgasmo.

— Bom dia... — ela disse ao ver os olhos azuis de Tom grudados sobre seu corpo. —

Nem vi a hora que chegou...

— Brian me tirou às 5h... Que horas são?

— Quase 11h — Vivian comentou, abotoando a blusa. Inclinou-se na direção dele sobre a cama e depositou um beijo nos lábios do marido — Não quis te acordar, mas acho que já perdemos boa parte do jogo beneficente...

— Puxa, verdade — Tom deu um pulo da cama. Correu a mão pelos cabelos assanhados e se espreguiçou, tentando situar-se no mundo — Ainda dá para pegar o almoço?

— Não precisamos sair com tanta pressa se não quiser...

— Oh, não — Tom levantou-se, totalmente disposto — eu quero *muito* estar nesse jogo...

O majestoso e luxuriante campo de golfe de Nova Suburbia ficava na área mais ao norte do campus e fazia parte da propriedade dos Valmont. Estendia-se na forma de arboredos e vegetação rasteira até onde a vista alcançava para o norte e oeste, sendo cortado por um rio que corria na direção leste, desaguando no mar. Ao sul, as edificações da Universidade tinham grande destaque, em especial o alto prédio do CCU. Era um belíssimo lugar tomado pelo cheiro campestre, flores e sons da natureza, os quais agora se misturavam aos risos dos convidados.

Ao todo eram mais de duzentas pessoas, as quais estavam espalhadas por toda a extensão do campo de golfe. A maioria era formada por médicos do HUNS, mais algumas outras figuras da UNS, como seu reitor de longa data, Fernando Sina, e também da cidade de Nova Suburbia, como o próprio prefeito, Bianco Thoreau. Muitas figuras ilustres haviam comparecido para prestigiar a chegada de Erica Stone ao HUNS; para alguns seletos, era muito mais do que isso; sabiam que estavam diante da única herdeira dos Valmont e Nova Suburbia sempre estaria atrelada àquela família, assim como a dos Cèlere.

Para os ainda mais seletos, a noção de dívida de Nova Suburbia com os Valmont e os Cèlere era muito mais profunda. Mas ninguém se atreveria a falar sobre isso em público, pois existem privilégios que não se deseja perder jamais.

Erica surgiu radiante naquela manhã. Sempre ao lado de seu marido Manoel, cumprimentou praticamente todos os convidados, fez um discurso de agradecimento e deu a tacada inicial para o jogo beneficente. Estranhou a falta de algumas pessoas, como o próprio

Raul Marcone, mas especialmente a de Tom Esquivel. Depois dos breves prazeres proporcionados na noite anterior, ela estava ansiosa para testá-lo um pouco mais, mas não poderia esperar para sempre. Tinha seus próprios compromissos e despediu-se de alguns convidados quando o relógio marcou 13h.

Tom e Vivian chegaram pouco depois ao campo e logo encontraram Dra. Lea Callot junto a mais dois médicos do CCU. Aproveitaram para tirar algumas fotos e confraternizar com amigos de longa data, muitos dos quais eram conhecidos de Vivian. Seu próprio pai, Lucas Mascherano, estava presente no evento e jogava golfe com os demais em um dos buracos avançados, o que renderia uma boa caminhada ou uma carona em um dos carrinhos disponíveis para o trajeto. Boa parte dos convidados, no entanto, preferia ficar próximo ao clube de golfe, uma casa rústica onde já estava sendo servido o almoço. Tom beliscou alguns petiscos e retornou para o lado de Vivian pouco depois. A esposa estava diante de um dos carrinhos de golfe e conversava animadamente com ninguém menos que Manoel Stone. O marido de Erica Stone sorriu ao ver Tom Esquivel aproximar-se deles.

— Oh, Dr. Stone — Vivian fez as honras ao notar o marido — este é Thomas, meu marido. Tom, este é o Dr. Stone, não sei se já se conhecem...

— Não tivemos o prazer ainda — Manoel estendeu a mão para Tom e os dois se cumprimentaram — minha esposa falou muito bem de você.

— Ela é muito gentil — Tom respondeu — é um prazer, Dr. Stone.

— O prazer é meu — Manoel ponderou, contendo um sorriso. Para Tom, era quase a confirmação de que ele, Manoel, sabia muito mais do que se esperaria de um homem traído. *Nunca trai meu marido*, Erica havia dito.

Quais as chances de Manoel não saber dos jogos da esposa com Esquivel?

O próprio Tom deduziu rapidamente com um sorriso sem graça, ainda dirigido ao homem grisalho de olhos escuros à sua frente.

Quase nulas.

— É uma pena que tenham chegado tão tarde — Manoel disse — Erica precisou se retirar, ela tem um outro compromisso mais tarde. Espero que se divirtam com o jogo e com o almoço...

— Obrigada, Manoel — Vivian respondeu, surpreendendo Tom, que aguardou o médico retirar-se do carrinho de golfe para indagar a esposa.

— “Manoel”?

Era um grau de intimidade e tanto com o diretor do HUNS.

— Ele insistiu — defendeu-se Vivian, rindo — pelo amor de Deus, só não diz que ficou com ciúmes disso.

— Um pouco, eu acho.

A verdade é que Tom Esquivel tinha *muitos* motivos para ter ciúmes de Manoel Stone.

— Vivian!!

O grito de Lea surpreendeu o casal junto às escadas de acesso à casa principal do clube. A cirurgiã surgiu com um carrinho de golfe a poucos metros deles, extremamente animada. Vivian e Tom caminharam até ela.

— Vamos lá, pessoal, subam! Estou indo para o buraco 14 e Vivian, não sabe quem está lá. Bambi!

— Bambi?! — Vivian tossiu uma risada e Tom observou as duas, sem entender.

— Quem é Bambi? — Indagou.

— Ah, uma criatura dos tempos de infância. Voltou a Nova Suburbia como corretor de imóveis!

— Meu Deus, preciso rever Bambi, será que ainda fala com aquela voz mansa de dar sono? — Vivian pulou para o carrinho e voltou-se para Tom — você não vem?

— Bem... Acho que vou dar uma volta pelo campo. Tem tempo que não venho a essa área...

— Ok, então — Vivian despediu-se com um selo breve — qualquer coisa me liga. Nos vemos no buraco 18?

— Vemo-nos lá. Tchau, meninas, cuidado com Bambi!

Vivian e Lea deixaram a área rindo alto. Haviam sido vizinhas nos tempos de infância e Lea acabou desenvolvendo uma amizade grande com Vivian ainda jovem, primeiramente por ter uma queda pelo irmão mais velho da esposa de Tom e seu colega de colégio, o qual já havia deixado Nova Suburbia há um bom tempo. Com o avançar dos anos, a diferença de idade entre as duas deixou de ser algo importante e elas passaram a sair juntas. A própria Vivian havia apresentado Tom a Lea, anos antes dos dois chegarem a trabalhar juntos no CCU. Lea gostava de Vivian como a irmã mais nova que nunca tivera e, embora o trabalho não lhes permitisse ter muitos encontros, sempre aproveitavam momentos como aquele. Tom preferiu deixá-las naquele encontro nostálgico e seguiu rumo a outro carrinho de golfe. Dirigiu sozinho rumo à parte norte do campo, seguindo à risca a descrição de Verena Valmont em seu diário.

“A enorme casa dos Valmont fica ao norte do campus, mas o estábulo é uma realidade à parte. Naquela tarde, segui a estrada barrenta murada por pedras dos dois lados. Os altos arbustos e troncos largos de pinheiros antigos me fez sentir um calafrio. Eu percebi o quão pequena era diante daquela ambição oculta. Eu queria fazer parte do Clube de Vênus, queria me tornar o próximo passo da minha evolução sexual, pessoal. Precisava tanto daquilo que meus passos se

tornaram leves. A enorme construção de madeira e ferro surgiu diante dos meus olhos como a própria carruagem de Apolo. Embora eu já estivesse sob a máscara, pois ninguém poderia saber que era eu, Verena Valmont, ali no centro das atenções subversivas de todos e todas que iriam assistir ao espetáculo... Embora eu já usasse a máscara que me transformaria em Vênus, me sentia realmente nua.

Sentia-me livre.”

Tom Esquivel avistou o estábulo à luz forte do sol das duas da tarde. Ainda era o mesmo da foto, tomado por cercas longas, largo e imponente na paisagem campestre. Parecia abandonado e Tom duvidou de que o lugar estivesse sendo utilizado atualmente pelo Clube. Ou talvez seu abandono fosse também parte do cenário. Passou pela pesada porta entreaberta e adentrou o lugar, respirando o forte cheiro.

“Cheiro de Feno. Esterco. O gutural pulsava de dentro para fora naquele estábulo pouco iluminado e fétido. Eu tentei respirar adequadamente, mas a máscara não era um objeto facilitador. Ao contrário, aprisionava alguma coisa que parecia querer sair de mim. Parte do Clube era aprisionar o luxo para viver o lixo, expulsar o pudor enquanto continha minha identidade pública. A porcelana não fazia jus ao quão forte e poderosa era a máscara. Com o poder que ela embutiu em mim, caminhei até o centro espaçoso do estábulo, tomado por pilastras rústicas e correntes de ferro, feno e cavalos. Sim, estavam lá. Amarrados e nervosos como se soubessem que um duelo estava para ocorrer. Só depois percebi que, entre os dois lindos andaluzes de meu avô, estava meu Apolo. Recostado em uma das baías, completamente nu, exceto pela máscara, esperava por mim. Encontrava-se lustroso e ereto, como um garanhão. Embora soubesse se tratar de Pablo, não o reconheci naquela noite.

Sua selvageria e pujança me dominaram do início ao fim. Arrebatou-me o último fio de inocência que eu havia levado para aquele estábulo.

Não era Pablo naquela noite. Para mim sempre foi e será Apolo.”

Tom chegou ao centro do estábulo recordando-se da descrição de Verena sobre sua primeira vez no clube, a qual coincidia com sua primeira experiência sexual. Pelo que dissera, foi com a ajuda do Maître da época, Henri Cèlere II, que conseguira se infiltrar no Clube e assumir o lugar de Vênus em uma das noites, pois Pablo jamais permitiria que ela participasse de seu segredo. Muito menos seus avós, que tinham completa rejeição à ideia de permitir que Verena assumisse o Clube um dia. Por essa razão permitiram que a filha deles, Paola, partisse para longe. A morte dela junto ao marido os obrigou a trazer Verena de volta, mas não significava para eles que ela faria parte de tudo o que dizia respeito aos Valmont.

“*Não se pode lutar contra o destino, no entanto*”, Verena chegou a afirmar em um determinado momento. A tórrida noite de amor e sexo entre Verena e Pablo, descrita em detalhes pela própria em seu diário, fez Tom imaginar se não poderia ter igual momento ao lado de Erica. A devoraria naquele lugar imundo sem pestanejar.

— Você realmente faria, não faria?

Tom olhou para o alto ao ouvir o sotaque europeu de sua musa. Erica Stone estava parada no andar de cima do estábulo, um solar que muito provavelmente servira de observatório para o Clube no passado do estábulo. Quando seus olhares se encontraram, ambos mordiscaram os lábios. Já estava virando uma espécie de código de linguagem para eles.

Para Tom, significava basicamente que ele queria muito era mordiscar os lábios dela.

Para Erica, sempre existiam outros lugares interessantes para colocar os dentes.

— Senti que te encontraria aqui – Tom disse, caminhando entre as pilastras – é uma propriedade formidável.

— Faltam os cavalos – Erica disse, olhando em volta enquanto descia por uma escada de madeira. Caminhou até uma das baías. Tom lembrou-se de Verena e Pablo, de como os dois engataram uma cena quente naquele mesmo espaço.

— Por que nunca adotou seu nome de família? Por que ser uma “Stone”, quando se pode ser uma “Valmont”?

— Uma princesa não precisa ser chamada pelo título para saber o que realmente é. Mesmo que eu evite o nome da minha família, mesmo que o rejeite até... Não posso fugir do que sou. Nenhum de nós pode.

— É surpreendente que Arthur Valmont tenha construído tudo isso – Tom disse quando Erica, enfim, aproximou-se dele – Não apenas a universidade, mas tudo isso. Toda essa odisseia que atende pelo nome de Clube de Vênus.

— Seus desejos criaram – rebateu Erica. Olhe em volta, Esquivel... O que é este estábulo, exceto um lugar? Neste momento, ele não é nada além de uma folha em branco. Nossas almas dão a essa folha linhas imaginárias que se transformam em história. Nossos desejos alimentam o cenário vazio, dando-o significado. Somos o oxigênio que faz esse coração pulsar forte. Algumas pessoas apenas são incapazes de se enxergar como gatilhos, esperam ser aticadas, são passivas diante da vida. E a vida é puro desejo, Esquivel... Não estamos vivos enquanto não damos vazão a eles. Você está começando a dar vazão aos seus... Como ontem à noite.

— Você gostou?

— E a senhora ao meu lado, se pudesse ouvir o que eu estava ouvindo...

Tom sorriu. — Onde estava exatamente?

— Em meio a um pós-janta com a parcela de senhoras distintas de Nova Suburbia. Tomávamos licor e discutíamos os rumos de nossa comunidade.

— Soa tedioso.

— Tédio é bom — disse Stone. Tom franziu o cenho, incerto.

— Como pode ser bom?

— O que seria do excitante sem o tedioso? Você conseguiria viver 24 horas por dia excitado?

— Trabalharei cerca de 16 horas por dia ao seu lado, eu diria que é bem próximo a isso.

— Então Vivian o entedia? — Erica rebateu.

— Não exatamente, mas...

— Ela o entediou ontem à noite?

Tom fixou seu olhar sobre Erica. Mordiscou os lábios novamente ao lembrar-se dos detalhes no escritório.

— Longe disso.

A cirurgiã gostou do tom da resposta e caminhou até uma das pilastras do estábulo. Lá havia um par de algemas grossas de ferro penduradas, provavelmente usadas para conter animais em fúria. Erica enfiou os pulsos através das algemas e agarrou as correntes de modo a testá-las. Eram folgadas demais para seus pulsos magros, mas certamente lhe davam ideias.

— Conte-me — ela pediu com sua tradicional rouquidão na voz, enquanto seguia com seu movimento pelas correntes. — Conte-me o que eu não pude ver... Como fez?

Tom observou Erica contorcer os braços em torno das correntes como se desejasse ser presa naquela pilastra de madeira. O pedido de sua voz confundia-se com o convite de seu corpo.

— Eu a levei para seu escritório...

— Foi um detalhe bem sórdido, eu meio que gostei — Erica complementou. — Você a despiu ou ela o despiu?

— Eu a despi. Fomos em direção às máscaras e a comi contra a parede. Coloquei a máscara no rosto dela, fazendo-a ser o que eu queria que ela fosse...

— Como ela se sentiu?

Tom refletiu por um breve instante antes de responder.

— No início, ela me deixou avançar e eu me encontrei dentro dela. Senti-me em casa, naquele lugar que você conhece tão bem que não tem como se perder... Mas então eu quis me perder. Quis ir mais fundo, onde nunca estive, onde deixei de conhecê-la... Ela gritou com a dor daquela descoberta, tentou soltar-se, mas eu não deixei. Apertei seu corpo contra a parede, os gemidos atordoados dela e a respiração irregular cruzando a máscara... Aquilo me fez ir ainda mais longe, tão fundo e forte que ela arqueou em desespero... O medo a fez gozar e tudo ficou

mais morno e aconchegante... Como um choro...

Erica ofegou levemente com o relato de Tom.

— E neste lugar morno e aconchegante... O que você encontrou?

— Eu encontrei a Vênus — ele afirmou convicto. — Mas eu não encontrei o que eu procurava. Eu não posso encontrar a Vênus que desejo mergulhando nos desejos de outra mulher. Só há uma coisa guardada dentro dela e é ela mesma, sua própria alma exposta. O prazer não é um lugar comum. Ele não se repete.

Erica fez silêncio após aquela declaração e lançou um olhar global a Tom Esquivel. Devorou-o de cima a baixo, pousando por um longo instante em seus brilhantes olhos azuis. Tom sentiu como se ela quisesse beijá-lo. Ele mesmo o teria feito se estivesse mais perto, mas temeu mexer-se. Era um momento perfeito e se perderia em um segundo. Ele permaneceu parado junto a ela, mas a beijou ao seu modo:

— Não há nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar... Exceto em você.

— E quando você chegar lá, Doc... — Erica o questionou sem tirar seus olhos dos dele — O que espera encontrar?

— Espero me perder lá — Tom concluiu. — Para sempre.

Erica curvou os lábios em um sorriso discreto. Soltou as algemas e olhou para fora do estábulo, para onde seguiu sem dizer uma palavra sequer. Tom aguardou um instante, mas logo depois seguiu atrás dela. Acompanhou-a até uma das cercas de madeira. Preso a uma das estacas da cerca, um binóculo saltou à vista de Esquivel. Erica o tomou nas mãos e colocou-o junto aos olhos castanhos.

Sem saber exatamente o que Erica observava no campo aberto, Tom aproximou-se dela. Colocou-se ao seu lado. Olhou por cima de seu ombro, para o cangote dela. Não mexeu praticamente nenhum músculo de seu corpo. Apenas murmurou, terno:

— Por que eu tenho essa vontade louca de te comer em todos os lugares?

— Você apenas deseja o que vê, Doc... O que imagina. Você vê a nós dois neste cenário e imagina como seria se eu consentisse.

— Eu sei como seria. Seria devagar, com força... Bem aqui... Junto a essa cerca em pleno ar livre, sem ninguém para nos incomodar.

— Tem sempre alguém assistindo, Esquivel.

Erica entregou o binóculo para Tom e ele levou à altura dos olhos, seguindo a indicação de Stone para olhar ao longe, para as cercas ao norte. A incrível resolução do aparelho fazia com que ele fosse capaz de ver realmente longe, coisas que não fora capaz de ver a olho nu. E a olho nu não havia percebido um homem e uma mulher a aproximar-se junto à cerca oposta da propriedade. Ambos estavam nus e utilizavam máscaras.

— São casados — Erica explicou. — Não possuem prazer nos braços um do outro,

mas aqui, nesse pedaço de lugar nenhum, onde deixam de ser o que a sociedade exige deles... São capazes de se reencontrar com o desejo.

— E o Clube proporciona isso a eles... — Tom disse boquiaberto ao ver os dois agarrando-se junto à cerca.

— De certa forma, sim — ela disse — mas a verdade é que o prazer deles é o instrumento que alimenta o Clube. Eles não fazem ideia de que estão sendo observados. O deleite anônimo deles é também o prazer que movimenta nossa imaginação. Ouvir sem ver, ver sem ouvir... São todas maneiras de dar à alma a oportunidade de preencher o quadro com sua própria dose de erotismo. Você me permitiu preencher seu retrato ontem à noite, então eu lhe retribuo o presente.

O casal iniciou uma transa calma junto à cerca, deixando Tom boquiaberto. O movimento de ida e vinda do homem contra a mulher, ritmado e prolongado, o fazia imaginar o tipo de gemido que poderia estar sendo emitido naquele instante. Assim como Erica acabara de dizer, ele era capaz de ver, mas somente sua alma podia dar som ao que permanecia oculto.

E aquilo era mesmo excitante.

— Eu te darei o que você quer, Esquível. Você quer Vênus, eu a darei a você. Eu darei *para você*.

Tom abaixou o binóculo e voltou-se para Erica. Ela estava mesmo falando sério? Ele teria uma chance no Clube de Vênus?

— Você me deixará estar com você?

— Eu te darei o que você quer, se você me der o que eu quero, Doc. E eu quero o diário.

A fala de Erica pegou Tom de surpresa, mas antes que ele pudesse reagir com uma mentira, Erica rebateu com tranquilidade:

— Não se dê ao trabalho de negar, eu sei que você o leu. “O prazer não é um lugar comum”, você disse. Eu sei bem que não foi você a primeira pessoa a dizer isso. Posso ainda não ter lido o diário que minha avó deixou para mim, mas sei bem o que há em suas páginas. Conheço bem a história de minha família. E essa parte da história... Eu quero de volta.

— Então, está propondo... O diário por uma noite?

— Não uma noite... Um *ato*.

— Feito — Tom não precisou pensar muito. Entregou o binóculo a Erica de volta e sorriu. — Mas não foi por isso que colocou o diário no baú angariado pela minha esposa? Para que eu lesse? Tudo isso não foi um jogo para que chegássemos a este momento?

— Depende de quem esteja jogando — Erica voltou a observar o casal transando ao longe — qual o momento derradeiro onde pretendemos chegar? Por ora, amanhã, meia noite. Apenas esteja pronto para a chegada do Maître.

- Onde?
- Onde quer que esteja...

Pela última vez, pensou Tom, enquanto sorria contente por conseguir o que queria.

Não muito longe dali, Dante observava Erica e Tom, também auxiliado por um enorme binóculo. Ainda assim notou a aproximação de Pierre Cèlere.

- Ela ainda está com ele? — Perguntou o Maître.
- Sim — respondeu o segurança — ele está com o diário de Verena Valmont.
- Pode ouvi-los?
- Leitura labial — esclareceu o guarda-costas.

Pierre se viu impressionado. — Ela o convidou?

Dante confirmou com a cabeça.

- Então tudo está saindo como o planejado...
- Quase tudo — o segurança loiro retrucou — Eu acabei de saber que Raul Marcone foi encontrado morto dentro de um voo para o Brasil. Overdose.

— Isto é uma infelicidade muito grande — Pierre comentou. Seu rosto disfarçado pelos óculos escuros não apresentava traços que pudessem demonstrar sentimentos em relação àquela trágica notícia.

— Uma infelicidade estranhamente apropriada — Dante disse. — Minha chefe vai querer saber o que realmente aconteceu.

— Eu mesmo direi a ela o que aconteceu — Pierre retrucou — ele colocou tudo em risco e eu fiz o que era preciso fazer, o coloquei dentro de um avião.

— Com duas agulhas de heroína? Eu soube que é muito bom com seringas e combinações químicas.

— Eu sou, é meu trabalho ser bom, assim como meus antepassados. Mas não o matei. Se o tivesse feito, seria com classe. Eu também tenho uma reputação a manter, Sr. Dante... Agora se me dá licença, preciso verificar meu convidado da tarde.

Pierre Cèlere seguiu seu caminho em direção ao campo de golfe e Dante permaneceu a observar Erica, agora sozinha após despedir-se de Tom Esquivel. Embora não acreditasse no que o Maître lhe dissera, guardava uma outra sensação ruim em seu peito. A sensação de que algo mais estava acontecendo e nenhum deles seria capaz de ver chegando.

Ou talvez só estivesse resgatando fantasmas desnecessários.

Alheio a todas essas inquietações, Tom Esquivel aguardou o término do jogo beneficente, ansioso com o chegar da noite. Deixou Vivian em casa, retornou ao hospital e tomou o diário novamente em mãos, disposto a ler as últimas páginas da história de Verena Valmont. Ele sabia, pelas palavras dela, que depois da maravilhosa noite de sexo com Pablo Pagliacci, tudo mudara. Ele desejou saber a verdade por trás de Verena e seu caso de amor, mas também desejava o mistério provindo de Erica Stone.

Decidiu-se pelo último quando entrou sorrateiro mais uma vez no escritório da chefe de cirurgia e largou o diário sobre sua poltrona.

O prazer não se repete. Só havia um lugar onde ele gostaria de estar.

E então tudo aconteceu. O dia seguinte passou de forma longa e Tom fez tudo o que tinha vontade de fazer. Realizou as cirurgias marcadas no comando da equipe ortopédica e sequer viu Erica Stone no CCU. Almoçou com sua esposa, ouvindo pacientemente seus relatos pouco empolgantes da manhã na ala de fisioterapia. Fez sua rotineira musculação no fim da tarde e até dedicou um tempo ao boxe, junto a Brian Lazo. Nada disso pareceu cansá-lo, ao contrário. Sentia-se faminto pelo que estava por vir.

Foi no retorno para casa que percebeu o Rolls-Royce parado diante de seu jardim. Saiu do carro um pouco tranquilo por saber que Vivian ainda não havia retornado, mas surpreso por ainda ser tão cedo. O Maître saiu do carro luxuoso ao ver Tom Esquivel, ainda vestido na suada roupa do boxe.

— Chegou a hora.

— Como, agora? — Tom tentou argumentar — Mas eu nem tomei banho ainda.

— Não será necessário — o Maître respondeu sério, quase sem expressões. — Na verdade, não será *apropriado*.

— Ok.. — Tom disse, olhando em volta para ver se havia alguém na vizinhança a observá-los. — O que devo fazer?

— Apenas entre no carro. Cuidaremos do resto.

Tom consentiu um pouco desconfiado e o Maître abriu a porta do carro para que ele entrasse. O Rolls-Royce era mesmo luxuoso por dentro, com suas poltronas de couro legítimo e um mini bar ao qual Tom não resistiu. Tomou uma dose de uísque para espairecer enquanto o carro seguia tranquilamente pelas ruas de Nova Suburbia.

Tal como Tom imaginara, o carro seguiu de volta para o *campus* da Universidade. Trafegaram por um tempo até alcançar o Casarão Principal em reformas.

O carro parou à entrada do edifício já fechado por causa das reformas, mas o Maître parecia saber mais sobre o lugar. Abriu a porta do carro para que Tom saísse.

— Por aqui, senhor.

Tom seguiu o Maître pela escadaria do Casarão e surpreendeu-se quando o homem sacou um molho de chaves e, com a principal delas, abriu a porta da frente do prédio, disfarçada pelos andaimes da reforma. Os poucos transeuntes não pareciam se importar com aquela movimentação e os dois homens entraram.

Algumas poucas luzes laterais seguiam iluminando os corredores do Casarão e o Maître guiou Tom Esquivel a um lugar já conhecido. Seguiram para o foyer, o mesmo aposento dos quadros que Tom vira dois dias atrás. Lá estavam na sala de baixa iluminação, entre os quadros e o púlpito central, mas desta vez não havia mais a jaula de vidro a proteger o livro de visitas. Ao

lado do púlpito, no entanto, constavam dois novos móveis. Uma poltrona diante de uma pequena mesa de madeira, sobre a qual estavam um papel e caneta, além de uma suntuosa máscara prateada com feições masculinas.

— Por favor, senhor, sente-se. O senhor deve ler e assinar, caso concorde. Se não concordar, o levarei de volta para sua casa.

O pedido do Maître foi atendido e Tom sentou-se, observando o papel. Era um termo de responsabilidade do Clube de Vênus, basicamente dizendo-o que ninguém se responsabilizaria por qualquer coisa que acontecesse dentro do Clube e que ele era obrigado a manter sigilo sobre aquele segredo sob a pena de ser “privado de seu patrimônio”. O documento era grafado com o símbolo do Clube de Vênus e trazia os dados pessoais de Tom Esquivel.

Ele só pode sorrir ao ver que praticamente já havia quebrado todas as cláusulas que estava para assinar. Rubricou mesmo assim, deixando o papel sobre a mesa. Observou a máscara, curioso. — O que representa essa máscara?

— Marte, senhor.

Marte, Tom sorriu novamente, recordando-se que na mitologia romana era Marte o amante de Vênus, protagonista de um adultério. *Muito apropriado*.

— Muito bem, senhor... — o Maître se aproximou de Tom, desta vez carregando uma pequena bandeja de prata com uma seringa sobre ela. — Para o caso de o senhor querer fazer em si mesmo.

Tom observou a seringa e a tomou nas mãos, deduzindo que era aquele o preço. Queria mais do que tudo estar no Clube de Vênus, estar com Erica... Bateu forte contra o próprio braço em busca da veia perfeita e injetou o conteúdo da seringa sem medo.

— Quando tempo levará para fazer efeito?

— Não muito — o Maître respondeu, dando-lhe a caneta mais uma vez e apontando para o púlpito — por favor, assine o livro.

O livro de visitas? Tom levantou-se surpreso por descobrir que aquele avantajado livro cheio de assinaturas era na verdade instrumento do Clube de Vênus. *Era enorme!* Todas aquelas assinaturas provinham de pessoas que haviam estado no Clube?

“Você realmente deveria dar uma olhada naquele foyer, Esquivel. A resposta que você procura está lá.”

As palavras de Marcone começavam a fazer real sentido para Esquivel agora.

Assinou buscando ver quem já havia assinado antes, mas sua vista tornou-se turva e ele agarrou-se ao púlpito. O Maître o colocou de volta à poltrona e Tom perguntou-se por um momento se estava fazendo a coisa certa. Foi somente quando viu tudo escurecer que pensou, por um mínimo instante, na loucura que estava prestes a cometer...

... E então estava lá, no estábulo. Nu, exposto ao holofote de luz forte, e a máscara. O frio, o calor, a ereção rígida de seu membro. A voz que já conhecia bem, rouca e pausada, mandando-o ajoelhar-se.

Vênus, bem à sua frente. E em sua submissão, Tom Esquivel recebeu a derradeira mensagem.

“Agora, Doutor, vamos começar... Por que eu só me excito se você rastejar.”

A própria Vênus aguardava que ele fizesse o que havia ordenado. Tom sentiu seu corpo forte e sujo do dia longo que tivera, mas nada mais importava. Entendeu agora onde estava o apropriado das coisas. Precisava parecer rude, tal qual o ambiente. Deixou-se cair com as mãos no feno, colocando-se de quatro sem perder o contato visual com a mulher nua à sua frente. Ela caminhou pelo estábulo até achar um chicote preto de couro velho. Apontou-o na direção de Tom e o agitou a poucos centímetros de seu corpo, fazendo-o colidir firme contra o feno.

Tom sequer se moveu. Nem mesmo seu reflexo o fez buscar defender-se. Manteve o olhar em sua Vênus, deixando o sangue correr com força pelo seu corpo rígido.

A mulher agitou o chicote de novo, desta vez triscando de leve em Tom. A dor súbita do couro contra parte de seu tríceps certamente faria qualquer homem grunhir, mesmo que baixo.

Mas não naquela noite.

Quando a mulher lançou o chicote pela terceira vez, este não tocou o chão nem Tom, pois ele agarrou a tira de couro firme, prendendo-a em seu punho e girando-a em torno de seu antebraço, ganhando o controle da situação. Puxou o chicote com tanta força que trouxe Vênus consigo. A mulher desequilibrou-se e foi de encontro ao corpo do mascarado de quatro à sua frente, mas rapidamente se ergueu quando ele voltou a colocar-se de joelhos. Levantou, posicionando-se de modo a cercá-la entre as colunas de madeira e as baias do estábulo, o corpo sujo de suor e feno.

O corpo da mulher à sua frente tilintou com certo medo. Se entrara naquela arena para ser a dominadora, por aquela não esperava. Tom fez que avançaria sobre ela e a mulher recuou, batendo-se em uma das colunas. Assustou-se com a ofegante respiração de Marte. Tom ameaçou de novo e ela correu pelo lado, tentando escapar dele. Um movimento pouco sábio.

Ela correu passando ao lado dele e Tom a puxou pela perna, derrubando-a no feno. Ela tentou levantar-se, mas ele a atacou com força por trás e a colocou de quatro, forçando o torso

dela para baixo, contra o chão. As nádegas firmes arrebatarem para o alto sob a forte luz que os iluminava, e Tom não pensou duas vezes, deslizou sua mão forte pelas partes íntimas dela, dos grandes lábios ao ânus, tentando domá-la. A mulher gemeu se entregando ao movimento e Tom foi além, enfiando seus dedos dentro dela. Começou com alguma gentileza, mas logo em seguida assumiu o descontrole que, ele sabia, era o que Vênus mais ansiava. Fez com o dedo o que ansiava fazer com sua língua.

A máscara não era tão boa ideia assim, no fim das contas.

Seguiu com o ato arremetendo seu dedo forte e rápido dentro de Vênus, levando-a a um gozo prematuro, desesperado.

A mulher contorceu-se e gemeu com a forma como aquele Marte a tocara, mas ele não parou o senti-la quente, ao contrário. Colocou-se por cima dela como um cavalo prestes a cruzar com a égua de sua escolha. Sentia-se um completo animal naquele lugar, sujo daquele jeito, e faria com que ela o sentisse da mesma forma. Roçou seu membro nela buscando lustrá-lo e penetrou-a com cuidado a princípio, em consideração ao quão grosso seu pênis era, o que deveria ser prazeroso para qualquer mulher, embora difícil de aceitar de primeira. Colocou-se dentro dela até encontrar os espaços, entrando e saindo de modo jeitoso, mas logo depois deu velocidade ao movimento.

E não era uma velocidade qualquer. Era quase sobre-humana.

Quase divina.

A mulher gemeu no início, mas tomada pelo descontrole de Marte, começou a berrar rouca de prazer. Ele não se conteve e sussurrou ao pé do ouvido dela o que estava fazendo, várias e várias vezes, deixando-a ainda mais excitada.

— Vou te ensinar a não vir aqui novamente — ele murmurou com a voz engrossada pela máscara — vou te mostrar o que se faz com mulheres como você...

Continuou arremetendo com força até que levou a mão aos seios dela, agarrando-os com as mãos sujas do feno, massageando-os e estapeando-os enquanto a penetrava por trás. Seus músculos tesos e desenhados se contraíam a luz do estábulo e todos os que assistiam à cena se viram excitados com tamanha masculinidade, tamanha excitação. Quando ele correu uma das mãos para o clitóris dela e começou a tocá-lo à velocidade das arremetidas, ela pediu a morte, pois não havia como não morrer de prazer naquela noite.

Aquilo não era um homem.

Era mesmo divino. Era mesmo Marte.

Mas Tom não se conteve.

Virou-a de lado e deitou por trás dela no feno, erguendo sua perna e penetrando-a por trás mais uma vez, mas preferindo deixá-la mais confortável para usufruir o ato de forma mais flexível para os dois. Manteve seu exercício de acariciar-lhe com as mãos enquanto arremetia

dura e rapidamente contra ela, tão rápido que era quase como um vibrador humano. Seu corpo suado se misturou ao dela, que já não sabia mais onde estava ou o que estava acontecendo. Tudo o que podia processar era aquele Deus romano dentro dela, destroçando-a de uma forma que jamais poderia imaginar ser possível. Gozou novamente, e mais outra, até que ele a deixou ficar por cima, cavalgando sobre ele de modo a estar no controle pelo menos uma vez.

Foi o que ela fez, apoiando as mãos no peito dele e dando seu próprio ritmo à dança de seus corpos, mas Tom havia aprendido o que era maldade naquela noite. Agarrou as nádegas de sua Vênus e infringiu-lhe outra sessão em alta velocidade, mostrando-se incansável, uma máquina de sexo. Ela gemeu forte e voltou a gritar de modo histérico quando ele segurou seu clitóris novamente, beliscando-o forte com os dedos enquanto a penetrava violentamente. Foi demais para ela, que arqueou para trás e depois para a frente, socando o peito de Tom e gritando alto de prazer quando sentiu um forte orgasmo correr seu corpo, a erupção de sua alma.

Somente depois, Tom deixou-se levar pelo mesmo prazer, deixando o gozo quente correr dentro dela como uma dádiva, uma oferenda à deusa. O corpo dela deixou-se derrubar sobre o dele, assim como os vários olhares que, Tom sentia, estavam também sobre ele.

Inclusive *o dela*.

Quando tudo terminou, uma porta se abriu e Tom seguiu sozinho por ela, onde o Maître lhe aguardava com uma calça simples de linho. Tom retirou a máscara e vestiu a peça, seguindo pelo corredor indicado, uma espécie de túnel escuro. O lugar era feito de pedras antigas e Tom deduziu que o túnel estava sob a superfície, a julgar pela sua forma abobadada pouco comum. Caminhou tranquilamente por um bom tempo sob a luz de castiçais até avistar um clarão natural, que o levou ao final do caminho.

Saiu em um portão de ferro destrancado que dava em um resto de túnel, o qual terminou por desembocar em uma praia. Tom fechou os olhos diante do clarão do sol a nascer e só depois os abriu calmamente, buscando compreender onde estava. Ao longe conseguiu ver os dois altos prédios do HUNS e o CCU ao oeste. Estava na praia próxima a propriedade dos Valmont, uma área restrita por causa das pesquisas realizadas pela universidade ali perto. Não havia ninguém, até onde Tom podia ver.

Ao menos, achou que não.

Olhou para o túnel de onde havia vindo e lá estava Erica, vestida em um elegante vestido preto de alças finas, curto o suficiente para expor metade de suas pernas. Estava arrumada, com os cabelos presos em um penteado elegante como a rica mulher que era.

E agora Tom sabia exatamente *porque o era*.

— Não era você lá — ele disse, quando ela se aproximou dele. — Fui ingênuo em achar que você poderia ser a Vênus da noite, não é? Você *nunca* esteve lá. É a anfitriã, a que recebe, a que vê tudo... Nunca estaria lá depois de eu ter dito que faria o que você quisesse... Se o que você mais deseja é *o contrário*.

— Você agradou o público... — Erica respondeu, olhando para o mar. — Estão dispostos a ver Marte novamente, se você assim desejar.

— É assim que mantém as contas do Hospital em dia? — Tom podia ver tudo claramente agora. — Deu a direção ao seu marido enquanto gerencia o negócio mais lucrativo de Nova Suburbia, um Clube Voyeur para os ricos e poderosos da nossa cidade e de fora dela... Eu vi seu livro de membros. Estava um pouco grogue, mas lembro bem da assinatura de Bianco Thoreau antes da minha. Se até o prefeito de Nova Suburbia está nesse jogo, quem não está?

— Há sempre alguém disposto a pagar o que for necessário para ver aquilo que lhe dá prazer. Da mesma forma que há sempre alguém disposto a proporcionar e usufruir deste prazer... Intensamente. Como você fez hoje.

— Eu não usufruí intensamente. Foi bom, eu admito, mas aquela mulher não era quem eu queria. Eu nunca saberei quem ela é, talvez trabalhe ao lado dela e ainda assim não saberei identificá-la... Quem eu realmente quero, teme estar lá dentro comigo. Diga-me, o que acontece se eu aceitar participar novamente?

— Nossos doadores ficarão muito satisfeitos. — confessou Erica.

— Será com você? — Tom quis saber.

— Você nunca saberá.

— É um risco que estou disposto a correr. Se para ter você, mesmo que por uma noite, eu terei que entrar naquele lugar todas as noites, eu o farei. Serei insaciável e violento, farei todas elas implorarem por um pedaço de mim. Até que eu saiba que é você sob a máscara de Vênus...

Erica o escutou com deslumbre, mas algo nela não parecia deliciar-se com a ideia. — E se eu te pedir... Que não volte ao Clube?

Tom deu um leve sorriso, tão irônico quanto os sorrisos que recebera dela até então — Nesse caso, você estaria no controle. Ambos sabemos que não é o que você quer. Ou... Eu até pensaria que você está com ciúmes de mim.

— Ciúmes? — Foi a vez de Erica sorrir. — Mais uma parte da sua equação do amor? Nos conhecemos há cinco dias...

— Quanto tempo precisa para que um corpo se dê conta de que necessita de outro?

— Você evoluiu muito, Tom Esquivel... Eu estava certa em investir em você. Veja o que se tornou.

— Estou feliz que tenha investido em mim.

— Ainda assim — Erica disse — Você ainda não sabe a senha... Qual a anatomia de um gozo?

— Eu ainda não sei a resposta — ele teve que concordar, mas não se deu por vencido — mas eu vou descobrir.

— É preciso sentir antes, Esquivel. Diga-me... Até onde leu?

Erica se referia ao diário. Tom sorriu, sereno.

— O suficiente para entender de onde você vem. Parei antes de descobrir o destino de Pablo... Mas de certa forma eu sei. Ele vai morrer, não vai? Verena Valmont só foi feliz em seu momento no Clube. Ela deixa esse detalhe transparecer, então eu deduzo que ela nunca teve a oportunidade de estar com Pablo novamente depois daquele estábulo... E se ele a amava do jeito que ela achava que ele a amava... Só morto poderia tê-la deixado para trás.

— Está certo quanto a isso — Erica respondeu. — Só a morte pode nos separar de determinados sentimentos.

— Nem mesmo a morte pode repartir o que sinto por você, Erica.

Tom fitou-a de cima a baixo com um sorriso sacana e despediu-se, seguindo pela praia para ir embora. Erica o chamou antes que se distanciasse.

— Mesmo que esteja lá todos os dias, Esquivel, mesmo que seja eu sob a máscara de Vênus... — ela se aproximou vagarosamente dele mais uma vez — Ainda há uma coisa que Marte nunca conseguirá lá dentro.

— O quê? — Tom perguntou, genuinamente intrigado, e Erica se aproximou ainda mais dele, até que seu olhar âmbar e seu sorriso falassem por si.

Puxou-o pelos ombros e deixou seus lábios carnudos tocarem os dele de forma suave, até que os entreabriu e correu a língua para dentro da boca de Tom, que respondeu de imediato, segurando-a pela cintura com gosto e praticamente fundido sua boca à dela. O próprio encontro das línguas era um ato sexual em si, e Erica fechou os olhos, deixando o prazer correr pelo seu corpo. Chupou-lhe os beijos molhados por um tempo até que os afastou lentamente, respirando de forma ofegante. Tom se viu excitado novamente, sua ereção pressionando a barriga de Erica, no momento em que ela se afastava dele. A médica deu uma rápida olhada para baixo e levou a mão à ereção dele, rindo de forma provocante, em puro deleite:

— Cuidado com esse bisturi, Doc... — ela segurou o pênis dele com leveza, deixando deslizar a mão pelo membro por cima da calça — pode acabar cortando alguém...

Ele sorriu e a observou indo embora, de volta ao túnel por onde saíra. Tom voltou-se para o céu azul e o mar tranquilo da manhã, pensando em sua longa agenda de trabalho, até seu próximo ato no Clube de Vênus.

Seria um prazer esperar.

Continua na 2ª temporada.

Ainda era manhã quando Erica chegou em sua mansão, exausta pela longa cerimônia no Clube. O batismo de Tom Esquivel fora longo e prazeroso para a Vênus que ela escolhera, mas sentia sim uma pitada de ciúmes por não ser ela a estar com ele naquele cenário. Por outro lado, recordou-se de que não era fã de palcos. Preferia os lugares de verdade, os que a faziam sentir-se real.

Notou uma luz acesa no escritório de Manoel e seguiu para lá. O encontrou a fumar um de seus charutos diante de um pequeno abajur adornado. Uma música suave permeava o ambiente.

Ne me quitte pas.

Manoel parecia tranquilo, em paz consigo mesmo. Olhava para o jardim da mansão através da janela entreaberta. Notou a presença de Erica, não tanto pelo seu longo suspiro, mas pelo seu inebriante perfume.

— Como foi?

— Maravilhoso.

— Então... Tom Esquivel está à altura da máscara de Marte?

— Ele nasceu para isso — Erica disse, aproximando-se. Sentou-se em uma poltrona confortável diante do marido, ganhando sua atenção. Ela ainda usava o vestido preto, ainda se via arrumada. — Agora sou eu quem farei as perguntas...

— Você está chateada — Manoel comentou dando uma nova tragada em seu charuto — É pela morte de Marcone? Ou porque não transou com Esquivel?

— É porque eu descobri que a única razão pela qual não tive o diário de Verena, no instante em que pisei de volta à Nova Suburbia, foi porque *você* o retirou da propriedade de Verena. Perguntei-me quem poderia ter livre acesso ao espaço da Fundação Valmont, livre ao ponto de esconder um objeto dentro de outro... Mais especificamente no baú enviado para leilão, após Dante verificar todos os itens. Você esteve lá o tempo todo.

Manoel sorriu de forma cínica — minha querida... Nosso jogo estava muito parado. Apenas quis dar alguma emoção, Tom Esquivel merecia ler o diário.

— Não sou idiota, Manoel. Eu sei que não enviou o diário para Esquivel. Queria que *ela* tivesse lido. Não enviou para Esquivel, o baú não era para ele.

Era difícil mentir para Erica e Manoel sequer tentou.

— Ok, você venceu. Eu queria que Vivian lesse.

— Por quê?

— *Por quê?* — Manoel mostrou-se pasmo — Porque ela merecia ler... Diga-me,

Erica... Tom Esquivel sabe que o diário foi enviado à Vivian?

— Ele não leu até o final — Erica rebateu. — Ele não se deu conta da verdade.

— Apostaria seu plano nisso? Eu vejo que você está muito interessada em tornar Esquivel um grande projeto para o Clube de Vênus... Mas o que vai acontecer, minha querida, quando ele descobrir a verdade? Quando descobrir que é somente uma peça em sua verdadeira agenda? Diga-me, Erica... O que acha que ele vai fazer quando descobrir que Vivian Mascherano representa a herança de sangue que destruiu sua família? Ele sabe que Vivian é descendente de Pablo Pagliacci? Que Pagliacci foi *assassinado* dentro daquele estábulo por ter transado com Verena Valmont naquela mesma noite, e foi por isso que ela fugiu para a Europa? Ele sabe que a família de Pablo se vingou dos Valmont matando sua mãe? Que a morte de Verena é uma incógnita e que, talvez, até ela tenha sido vítima desse mesmo destino de sangue, tal como muitos outros antes dela, começando pela própria esposa do grande fundador da UNS, Arthur Valmont? Ele sabe de todas essas coisas, Erica? Ou tudo o que ele sabe é que o Clube de Vênus é um atraente lugar onde estranhos fazem sexo enquanto nós, os donos da sociedade, assistimos de camarote?

O olhar de Erica vibrava de raiva, e a lágrima que escorreu pelo seu rosto não esclareceu se seus sentimentos eram dirigidos a Manoel ou a menção específica da morte de sua mãe.

Manoel continuou. — Honestamente, Erica... O que acha que ele fará quando descobrir que você o usou para chegar ao real objeto de sua vingança, Vivian Mascherano? A última descendente da família que acabou com a sua? A filha do possível assassino de sua mãe? Ele sabe que o pai de Vivian também faz parte do Clube e que carrega a mesma moral hipócrita que os avós de Verena?

Erica buscou conter-se. Respirou fundo e refletiu por um longo instante, antes de responder ao longo questionamento de seu marido.

— Esquivel se tornou algo maior, Manoel. Ele será importante para o Clube a partir de agora, a fantasia que todas as mulheres desejarão ter. Ele não precisará saber o que estou fazendo aqui. Como anfitriã do Clube de Vênus, sigo o objetivo que Verena traçou para mim há muito tempo. Devo entreter e assistir. Thomas não verá chegando. E se ver, não falará nada, pois há algo que ele deseja mais do que tudo. Vivian será o instrumento de minha vingança e Tom Esquivel não poderá evitar o que está por vir.

Foi a vez de Manoel suspirar fundo.

— E eu me pergunto se, depois de tudo o que passamos até aqui, Erica... Se *you* poderia evitar o que está por vir.

A cirurgia cruzou as pernas, aconchegando-se na exuberante poltrona. Fechou seus olhos, fechando-os para o mundo. De certa forma, também assistia a seu próprio espetáculo.

A seguir, um breve trecho da 2ª Temporada de CdV.

Vivian simplesmente não conseguia encontrar seu próprio celular. Precisava comunicar a Tom que não poderia almoçar com ele por conta de uma reunião de emergência. E ela realmente queria mais aquele momento com o marido, principalmente após a deliciosa noite que tiveram antes mesmo de sequer saírem do banheiro.

A loira chegou ao CCU procurando pelo marido, mas lembrou-se subitamente que ele talvez ainda estivesse na academia com Brian Lazo. Não perdeu tempo e seguiu para o novo escritório de Tom, que agora era também o cabeça da equipe ortopédica. Não demorou a encontrar-se pelos corredores e achar o modesto, mas ainda assim espaçoso escritório. Seguiu direto para a mesa recheada de formulários e buscou por um post-it e uma caneta, onde escreveu rapidamente sua mensagem.

“Reunião com a equipe de fisio, não poderei almoçar. Esqueci meu celular em casa. Nos vemos à noite? Te amo, V.”

Vivian sentou-se rapidamente na poltrona em frente à mesa enquanto escrevia, e pegou a mensagem na tela do computador, mas algo chamou sua atenção. Na frente de todos os papéis dispostos na mesa do cirurgião, estava um calendário completo das cirurgias feitas pela equipe de Esquivel no mês. Vivian passou o olho rapidamente no documento e engoliu em seco, pasma.

Não havia cirurgias marcadas nas noites que ele havia se ausentado durante as últimas semanas.

Ela sentiu-se um tanto ridícula por bisbilhotar entre os papéis, mas foi inevitável. Pegou o documento nas mãos e o leu atentamente, buscando ter certeza do que sua mente insistia em dizer-lhe. Uma a uma, cada um dos plantões mencionados por Tom. Completamente vazios.

Ao final, ela já se sentia realmente possessa.

Tom estava mentindo descaradamente para ela. E se não estava no CCU em todas aquelas noites, não restava dúvidas à Vivian Esquivel.

A estava traindo.

A seguir, dois momentos ocultos da 1ª Temporada de Clube de Vênus.

Pierre Cèlere seguiu pelo campo de golfe, preocupado com as insinuações do segurança de Erica Stone. Não podia negar que as circunstâncias o colocavam em uma difícil posição, mas estava ciente de seu papel em relação a Raul Marcone. Não o havia matado, embora a ideia lhe tivesse ocorrido. Preocupava-lhe o que Erica acharia. Não havia sido fácil ganhar sua confiança após o incidente na Ilha Cèlere. Ele jurou ao pai que protegeria a neta de Verena. Jurou à própria Verena. Ainda sentia a morte da senhora que lhe acolheu tão bem como Maître e como um neto. Sentia falta de seus conselhos e de suas promessas, uma em particular.

A promessa de que o ajudaria a aproximar-se da neta.

Ver Erica ao lado de Manoel Stone e as circunstâncias do casamento dos dois o fez perder as esperanças e Pierre decidiu apenas fazer o que estava destinado a fazer. *Ser um Maître. O que organizava e proporcionava as possibilidades do Clube de Vênus.*

Parou seu carro de golfe próximo ao buraco 16 e caminhou até o grupo de senhores que aguardavam a jogada de um dos convidados. Aproximou-se de um senhor de cabelos brancos e camisa polo. A idade avançada se mostrava em cada traço de seu rosto enrugado.

Ao ver Pierre, o homem retirou-se do grupo e cumprimentou-o.

— Não vai jogar?

— Não hoje — Pierre disse, levando a mão ao bolso.

— Precisamos marcar um jogo em sua casa. Aquela ilha precisa de uns agitos, meu jovem... Nos tempos de seu pai, oh, bons tempos... Costumávamos utilizar mais a Ilha.

— Estou providenciando isso — Pierre respondeu. Estendeu a mão que retirou do bolso ao velho e entregou-lhe um cartão. A máscara de Vênus despontou fácil no pequeno papel laminado.

O senhor guardou rapidamente no bolso. De relance, notou apenas os dizeres “Caçada do Olimpo” escritos no verso.

— Você honra o nome dos Cèlere, meu filho — disse ao Maître.

— Pai!

A voz surgiu entre os convidados que observavam o jogo e o senhor olhou para o lado, guiado pelo som familiar. Pierre se afastou antes que Vivian Mascherano se aproximasse dele junto a Lea Callot.

Observou de certa distância Lucas Mascherano abraçar a filha. Sorriu ao pensar no que estava por vir.

Erica Stone se viu sem chão ao saber através de Dante que Raul Marcone havia morrido. Seguiu com o guarda-costas até o departamento de polícia de Nova Suburbia onde um simpático policial já a aguardava. O homem negro de barba e bigode grisalhos carregava a insígnia de detetive e a guiou até uma sala de interrogatório reservada nos fundos do prédio. A própria Erica pediu que Dante aguardasse do lado de fora e entrou com o policial. Trancaram-se lá dentro.

Poucos segundos após Erica acomodar-se em uma dura cadeira de madeira diante da larga mesa de interrogatório, o detetive soltou as fotos do corpo de Marcone diante dela.

Erica encarou as fotos sem esboçar maiores reações. Mostravam Marcone sentado na poltrona do avião, caído para um dos lados. Uma única foto mostrava as seringas de heroína retiradas de dentro do casaco dele.

— A esposa já sabe?

— Ainda não. Eu liguei para Pierre e para seu guarda-costas assim que recebi as imagens da polícia brasileira. A esposa acha que o marido viajou normalmente como pretendia por causa do novo trabalho. Pierre me pediu que eu esperasse até amanhã para avisá-la. Parece que vocês terão convidados essa noite.

— Um batismo — Erica explicou sem tirar os olhos das fotos. — Faria isso por nós?

— Como poderia negar? — O policial evitou sorrir em respeito ao momento, mas sentia-se grato a Erica — você me proporcionou um grande prazer ao me deixar observá-la com aquele médico no quarto de hospital, dias atrás. Pode contar comigo para o que quiser, Sra. Valmont.

— Chame-me de Erica. Se importa de me deixar a sós um instante?

— Claro que não, fique à vontade.

O detetive saiu da sala fechando a porta atrás de si. Erica permaneceu sentada e calada observando as imagens de Raul Marcone. Não importava o que via, sabia que ele havia sido morto por causa do Clube.

Na mesma hora, lembrou-se de estar em uma outra sala como aquela, em Paris, mas diante dela, as fotos expostas pertenciam a sua mãe. Podia escutar mais uma vez o chefe da polícia parisiense explicando-lhe que ela havia se matado, mas não fazia qualquer sentido a Erica. Naquela época, era jovem e inocente. Não podia compreender que o destino de sua mãe havia sido traçado por um mundo fora de seu controle.

E que esse mundo a assistia.

Vendo as fotos de Marcone, Erica Stone chorou pela primeira vez em anos.

Para mais momentos da 1ª temporada e do passado do Clube de Vênus, visite o blog do livro,

<http://clubedevenus.blogspot.com.br>

Abre papelzinho amassado no bolso O meu super MERCI.

Primeiramente, Naty Zanini e Juliana Souza por me incentivarem a escrever esta obra.

Adriana Vargas (minha editora, acho chique dizer) por ter tornado esta obra possível no instante em que bateu os olhos nela, acreditando nas minhas palavras.

Toda a equipe da Editora MODO pelo trabalho de pegar essa coisa pequena e gerar algo tão grande e especial. A Dênis Lenzi, pela fabulosa capa que realmente amei, e Ana Cristina Aguiar, pela revisão meticulosa dos originais.

Mais uma vez Juliana Souza, Jubs, pelo extremo apoio e amizade na divulgação dessa obra e pelos papos de facebook onde simplesmente surtávamos imaginando coisas.

Minha querida mãe Célia, pela paciência em me ouvir falar sobre coisas pornográficas por dias a fio e ainda assim me fazer pudim.

E sim, essa fabulosa força do universo que nos coloca no lugar certo e na hora certa a quem alguns chamam de Deus e eu, carinhosamente, apelido de “Dude”.